



CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LETRAS –
NÍVEL DE MESTRADO E DOUTORADO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE

FRANCIELLY THAIS HIRATA

O SUJEITO MULHER MORADORA DE RUA: VIDAS EM (DIS)CURSO

CASCADEL - PR

2022

FRANCIELLY THAIS HIRATA

O SUJEITO MULHER MORADORA DE RUA: vidas em (dis)curso

Trabalho de dissertação apresentado à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de Mestre em Letras do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras – Nível de Mestrado e Doutorado, área de concentração em Linguagem e Sociedade, – Campus de Cascavel.

Linha de pesquisa: Estudos Discursivos: Memória, Sujeito e Sentido.

Professora orientadora: Luciane Thomé Schröder

CASCADEL - PR

2022

HIRATA, FRANCIELLY Thais

O Sujeito Mulher Moradora de Rua: Vidas em (dis)curso /
FRANCIELLY Thais HIRATA; orientadora Luciane Thomé Schröder. -
- Cascavel, 2022.
134 p.

Dissertação (Mestrado Acadêmico Campus de Cascavel) --
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Centro de Ciências
Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

1. Análise de Discurso. 2. Moradora de Rua. 3. Memória. 4.
Mulher. I. Schröder, Luciane Thomé, orient. II. Título.

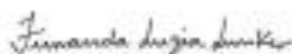
FRANCIELLY THAIS HIRATA

“A MULHER MORADORA DE RUA: VIDAS EM (DIS)CURSO”

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa “Estudos Discursivos: Memória, Sujeito e Sentido”, APROVADA pela seguinte banca examinadora:


Orientadora - Luciane Thomé Schröder

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)



Fernanda Luzia Lunkes

Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB)


João Carlos Zanetan

Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Cascavel, 22 de agosto de 2022

Este trabalho é dedicado à minha filha
Valentina, que me faz olhar o mundo com
mais amor e consciência da minha
responsabilidade na mudança que
almejamos.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. Luciane Thomé Schröder, minha orientadora, que acreditou em mim e abraçou esta pesquisa. Por todo acompanhamento e orientação com imenso conhecimento, humildade e carinho e ainda pela motivação e compreensão em todos os momentos que precisei.

Aos membros de minha banca de qualificação e defesa, Profa. Dra. Fernanda Luzia Lunkes e Prof. Dr. João Carlos Cattelan, pelas contribuições significativas e norteadoras deste trabalho.

A todos os professores e colaboradores do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Letras da Unioeste, que em um momento tão difícil e atípico como a pandemia mantiveram a qualidade do programa e o apoio aos discentes.

À Cleuza e Estela, as duas moradoras de ruas que participaram livremente desta pesquisa, disponibilizando seus discursos para este singelo trabalho, compartilhando suas experiências, histórias e sentimentos.

Aos amigos de programa Alcemar Araújo, que me aproximou da Análise do Discurso, despertando uma paixão e me encorajando em todos os momentos; e Márcia Vorpapel Serschön, pelo apoio e força constantes.

Às amigas Fernanda Amorim Accorsi e Priscila Kalinke pela inspiração, pela trajetória acadêmica e pelo incentivo ao meu retorno.

Ao meu esposo Renato Cesar Quinelato e filha Valentina Hirata Quinelato, pela parceria, confiança e estímulo para a realização do mestrado e a conclusão desta pesquisa.

Agradeço à Oxalá e minha mãe Yemanjá por guiar meus caminhos neste percurso de grandes transformações.

“Eu sei que atrás deste universo de aparências, das diferenças todas, a esperança é preservada”.

Maria Bethânia

RESUMO

A escrita desta dissertação propõe dar voz a duas mulheres em situação de rua com a compreensão de que as cenas de discursos que as envolvem são representativas de um quadro maior. E assim buscamos proceder, tomando como referencial teórico e metodológico a Análise de Discurso de linha francesa fundada por Michel Pêcheux, na década de 60, e desenvolvida no Brasil a partir dos estudos de Orlandi e demais pesquisadores que se alinham à teoria. O *corpus* da pesquisa é formado por entrevistas semiestruturadas dirigidas a duas mulheres que moram nas ruas da cidade de Toledo-PR. Assim, traçamos como objetivo principal oportunizar que os dizeres desses sujeitos fossem os protagonistas frente à realidade social, histórica e política de ignorância que os assola. Neste estudo, tivemos como objetivo fazer emergir as formações discursivas que orientam a fala das entrevistadas em consideração aos recortes temáticos que versam sobre a identificação de si como cidadã, as memórias de pertencimento à rua e do reconhecimento de si como mulher, a questão do outro e do eu, a (re)produção de discursos da fé e da felicidade, bem como dos sentidos sobre o hoje e amanhã. Por menos idealista que seja o real com que nos deparamos, para quem está na exclusão, o pertencimento à ideologia dominante que atravessa os discursos é resistir. Os dizeres de Estela e Cleuza contrariam o pré-construído e o estereótipo sobre as mulheres moradoras de rua desta ideologia, que as colocam à margem, como menos sujeitos, como menos mulheres, menos humanas. Ao ir ao encontro dos sentidos que circulam na sociedade sobre os temas abordados, as conclusões desse estudo permitem afirmar, por meio da voz das mulheres entrevistadas que elas dizem, sem dizer: "Somos como vocês".

Palavras-chave: Discurso; moradora de rua; memória; mulher.

ABSTRACT

The writing of this dissertation proposes to give voice to two women living on the streets with the understanding that the scenes of discourse that involve them are representative of a larger picture. And so we seek to proceed, taking as theoretical and methodological reference the French Discourse Analysis founded by Michel Pêcheux, in the 60s, and developed in Brazil from the studies of Orlandi and other researchers who are aligned to the theory. The corpus of the research is formed by semi-structured interviews with two women who live on the streets of the city of Toledo-PR. Thus, our main objective was to provide opportunities for the words of these subjects to be the protagonists of the social, historical, and political reality of ignorance that plagues them. In this study, we aimed to bring out the discursive formations that guide the interviewees' speech in consideration of the thematic clippings that deal with the identification of oneself as a citizen, the memories of belonging to the street and the recognition of oneself as a woman, the issue of the other and the self, the (re)production of discourses of faith and happiness, as well as the meanings about today and tomorrow. No matter how idealistic the reality we face may be, for those who are in exclusion, belonging to the dominant ideology that runs through the discourses is to resist. Estela's and Cleuza's statements go against the preconstruction and the stereotype about women living on the streets of this ideology, which places them at the margin, as less of a subject, as less of a woman, less human. By meeting the meanings that circulate in society about the issues addressed, the conclusions of this study allow us to affirm, through the voice of the women interviewed that they say, without saying: "We are like you".

Keywords: Speech; street dweller; memory; woman.

SUMÁRIO

| | | |
|-------|--|-----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 11 |
| 2 | PRELIMINARES | 13 |
| | CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 23 |
| | CAPÍTULO 2: A CIDADE E A RUA | 42 |
| | CAPÍTULO 3: O CORPO DA MORADORA DE RUA | 47 |
| | CAPÍTULO 4: MORADORA DE RUA: (DES)CONSTRUINDO SENTIDOS | 53 |
| 4.1 | A rua | 53 |
| 4.1.1 | Escolha vs. fatalidade | 54 |
| 4.1.2 | Passagem vs. destino | 58 |
| 4.1.3 | Exclusão vs. Pertencimento | 64 |
| 4.2 | A mulher | 69 |
| 4.2.1 | Desapego vs. vaidade | 70 |
| 4.2.2 | Abandono vs. Família | 76 |
| 4.2.3 | Força vs. vulnerabilidade | 83 |
| 4.2.4 | Felicidade vs. sofrimento | 86 |
| 4.3 | O OUTRO | 89 |
| 4.3.1 | Descrença vs. fé | 90 |
| 4.3.2 | Dó vs. preconceito | 93 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 97 |
| | REFERÊNCIAS | 103 |
| | ANEXOS | 107 |

1 INTRODUÇÃO

A rua é parte do dia a dia. Local de (con)vivência social, via de passagem, espaço urbano: eis alguns modos corriqueiros de vê-la. Porém, ao mirá-la com atenção, ela inquieta. Há vida nas ruas. E a vida nas ruas não é palco para um cenário a ser substituído por alguma arte urbana. As vidas nas ruas chamam (e clamam) a atenção, não apenas por se constituírem num conceito socioeconômico a ser discutido em plataformas políticas ou números para respaldar pesquisas sociais que almejam angariar fundos para alguma obra de revitalização a morrer no papel, mas também porque há sujeitos que na rua estabelecem morada.

A escrita desta dissertação propõe dar voz a duas mulheres em situação de rua com a compreensão de que as cenas de discursos que as envolvem são representativas de um quadro maior. E se o esboçado aqui não tem força para mudar a perspectiva social daqueles que gostariam de uma oportunidade, acreditamos que pode contribuir na busca do rompimento de uma prática política da invisibilidade, no caso, das mulheres moradoras de rua, por meio do nosso olhar.

E assim buscamos proceder, tomando como referencial teórico e metodológico a Análise de Discurso de linha francesa fundada por Michel Pêcheux, na década de 60, e desenvolvida no Brasil a partir dos estudos de Orlandi e demais pesquisadores que se alinham à teoria. A perspectiva da Análise de Discurso, dentre outras, permite-nos compreender “as relações entre o que é dito aqui (em tal lugar), e dito assim e não de outro jeito, com o que é dito em outro lugar e de outro modo, a fim de se colocar em posição de ‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito (PÊCHEUX, 1997, p. 44)”. Nesse sentido, adentrar ao terreno do discurso significa compreender que o sentido sempre pode ser outro (ORLANDI, 2001). E esse é o desafio a ser empreendido na perspectiva de que não existe uma verdade a ser descoberta, mas discursos a serem estudados em seu funcionamento.

Para organizar a dissertação, em *Preliminares*, apresentamos a trajetória da pesquisadora, que justifica a escolha do tema da pesquisa, assim como trazemos os objetivos e hipóteses e introduzimos o tema do trabalho. No capítulo 1: *Fundamentação Teórica*, procedemos a uma breve apresentação da Análise de Discurso e sua metodologia de pesquisa e destacamos alguns dos conceitos

importantes para esta pesquisa como discurso, sujeito e posição-sujeito, formação discursiva, ideologia, silenciamentos, memória e interdiscurso.

No capítulo 2: *A cidade e a rua*, estreitamos a relação dos espaços físicos urbanos e a população de rua. A reflexão recai sobre a representação social das pessoas, em especial, sobre as mulheres que moram nas ruas; refletimos sobre os efeitos de sentido e imaginários sobre a cidade por meio da compreensão dos sujeitos desta pesquisa.

Na sequência, o capítulo 3: *O corpo da moradora de rua*, refletimos sobre como o corpo significa como materialidade simbólica na qual se inscrevem processos de significação. Abordamos ainda o olhar para o corpo da mulher moradora de rua, isto é, como ele é atravessado pela ideologia, fazendo-se discurso e impondo uma identidade ao sujeito.

No capítulo 4: *Moradora de rua: (des)construindo sentidos*, apresentamos as análises do corpus. Ele está subdividido em três seções: 4.1 *A rua*, onde se analisam sequências discursivas (SDs) sobre os espaços de vida dessas mulheres. Neste capítulo elas apresentam a rua como escolha ou fatalidade? Um lugar de destino ou de passagem? Onde encontraram exclusão ou pertencimento?

Depois, na seção 4.2: *A mulher*, tratamos de abordar a significação existente no feminino, como esses sujeitos compreendem sua identificação com o feminino. Qual é o lugar social ocupado como moradoras de rua: o que as marca é o desapego ou vaidade? Sentem o abandono ou há vínculo com a família? São mulheres que mostram força ou vulnerabilidade? Como são postos os sentimentos de felicidade ou sofrimento? Por fim, temos a seção 4.3: *O outro*; nele, exploramos a percepção dessas mulheres sobre si mesmas na relação com o outro: primeiro com Deus e depois com a sociedade. Essas relações são de descrença ou de fé? Piedade ou preconceito?

Por fim, as *Considerações Finais* da pesquisa não colocam um ponto de encerramento ou concluem o trabalho, pois cientes da incompletude, buscamos lançar um olhar sobre o caminho percorrido, analisando os objetivos iniciais e as reflexões realizadas no trajeto. Em seguida, apresentamos o referencial teórico e os anexos e demais documentos que compuseram as condições de produção deste trabalho.

2 PRELIMINARES

A temática foi escolhida como consequência de uma trajetória de vida acadêmica, profissional e pessoal da pesquisadora. Desde a formação em jornalismo, a problematização do lugar de fala me afeta. Consequentemente, os projetos acadêmicos migraram para iniciativas de estudos que oportunizavam dar voz às parcelas silenciadas da população. A exemplo, cito o trabalho de monografia *Espaço educação: um olhar crítico dos meios de comunicação e o exercício da cidadania* (2005), que envolvia a educação para a mídia e a apropriação de meios de comunicações alternativos por jovens em vulnerabilidade social do Centro Integrado de Atividades Culturais e Artísticas (CIACA) de Maringá-PR.

O olhar para as minorias sem voz nos grandes meios de comunicação também foi o direcionamento do trabalho desenvolvido na pós-graduação *lato sensu*, cursada na Universidade Estadual de Londrina (UEL), na área da Comunicação Comunitária e Popular. A monografia da especialização, ao encontro do trabalho de conclusão do curso de graduação, voltou-se à criação de meios de comunicação próprios a um público ignorado pelos grandes meios de comunicação de massa. No caso, o público eram jovens moradores de um agrupamento social alojados às margens da cidade de Cascavel-PR. Com o título, *Sobre um novo olhar: uma experiência de comunicação comunitária com jovens do Centro Social Marista Marcelino Champagnat em Cascavel* (2007), a pesquisa resultou num trabalho de educomunicação, criação de meios de comunicação comunitários com/para crianças e adolescentes da antiga ocupação de terras do Jardim Gramado. A Educomunicação significa a comunicação se colocar no lugar do ensino informal, na medida em que é realizada a educação por meio da leitura crítica dos meios de comunicação, mediando a sua apropriação pelos jovens, fortalecendo a capacidade reflexiva dos interlocutores para que não se tornem passivos diante das mídias e também produzam discursos mais críticos, potencializando suas capacidades interativas/comunicativas (OROZCO, 1997).

Já inclinada à escuta social desses sujeitos, as desigualdades assistidas a partir do espaço das mídias, mantiveram-se presentes quando ingressei no meio como jornalista profissional. E a partir dessa posição passei a mobilizar a escuta às vozes inaudíveis. As matérias e entrevistas realizadas por mim na prática jornalística, contudo, sofriam o estranhamento de editores, sendo até mesmo vedadas em muitas ocasiões, evidenciando que o direito de falar nos meios de comunicação não era, em

definitivo, para qualquer um, como fui compreender no decorrer da caminhada. Foi nesse momento da minha trajetória profissional que as pessoas em situação de rua passaram a chamar minha atenção de forma especial, sobretudo pelo modo como os pré-construídos se colocavam quando o tema se tornava pauta dentro da redação.

Diante do cenário, a posição-repórter exercida por 12 anos, permitiu-me experienciar o chamado “quarto poder¹”, explicitando aos meus olhos a atuação dos aparelhos ideológicos do estado e a sua lógica de dominação e exclusão das minorias, de modo que as matérias que não se somavam aos interesses de certa camada social privilegiada não deviam interessar a ninguém (ALTHUSSER, 1985).

Inúmeros exemplos poderiam ser citados, mas trazendo para o corpus desta pesquisa recorro de ocasiões em que a pauta era justamente a presença, aumento ou até mesmo incômodos de comerciantes, ou cidadãos de Toledo, com os moradores de rua. Todas as vezes, entre as minhas fontes, estavam as vozes dos moradores de rua e, em muitas ocasiões, elas eram retiradas das entrevistas no processo de edição. Ou, outras vezes, o próprio direcionamento da matéria era alterado. O que eu assistia era um gesto duplo de apagamento social.

A inquietude frente a essa realidade tornou-se uma motivação para propor uma pesquisa que, mesmo em suas limitações, pudesse contribuir de alguma maneira com o rompimento do silenciamento daqueles nominados como minorias. A experiência de pesquisa no mestrado, colocava-me, mais uma vez, no lugar de escuta, dando-me a oportunidade da escuta social e de buscar compreender os discursos, desta vez, oriundos da voz de mulheres que estão em situação de rua.

O *corpus* da pesquisa é formado por entrevistas semiestruturadas dirigidas a duas mulheres que moram nas ruas da cidade de Toledo-PR, cuja identidade, institucionalmente a elas atribuída, a situam como parte de um

grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente, bem como as unidades de acolhimento para pernoite temporário ou como moradia provisória (BRASIL, 2009, s/p).

¹ Termo apresentado por Hallin e Mancini na Inglaterra e adaptado para a realidade brasileira por Albuquerque (2008), que acrescenta à ideia de poder moderador dos poderes o grau de intervenção dos meios de comunicação nos assuntos políticos.

Uma vez aprovada na pós-graduação e com o projeto organizado, a pesquisa passou pela avaliação da comissão do Comitê de Ética e a sua aprovação se deu em dezembro de 2020 (anexo I). E a partir da autorização do comitê foram realizadas as entrevistas com duas mulheres em situação de rua e procedido as transcrições (conforme anexo II e III).

A primeira entrevistada foi a moradora de rua de nome Cleuza e a entrevista aconteceu no dia 27 de janeiro de 2021, na Praça do Terminal Rodoviário da cidade de Toledo². A segunda entrevistada foi Estela, no dia 25 de fevereiro do mesmo ano. Na ocasião, a conversa aconteceu em frente ao Ginásio de Esportes Aldanir Ângelo Rossoni, local que à época tornou-se um abrigo provisório para os moradores de rua por conta da pandemia da Covid-19.

Ciente da íntima relação entre os enunciados proferidos e a constituição do sujeito, como apresenta a teoria de Pêcheux (2010), as mulheres participantes foram ouvidas sobre si mesmas e suas histórias de vida, a condição da rua e as perspectivas sobre o amanhã. Dada a teoria e sua metodologia, a pesquisa feita é de caráter qualitativo-interpretativista e, frente ao corpus, situamo-nos num lugar de escuta, de modo a ouvir o “dito e o não dito, os significados, os sentimentos, a realidade experimentada pelo entrevistado, as reações, os gestos, o tom e o ritmo da voz [...], enfim, a subjetividade inerente a todo ser humano” (VERGARA, 2009, p. 5).

Entendemos que assim é possível colocar para aqueles que não querem ouvir a presença de um sujeito para além do rótulo “morador de rua”. Os moradores de rua deixaram suas casas por decisões pessoais ou desavenças em suas histórias de vida familiar, socioeconômica ou cultural, obrigando-os a ocupar esse espaço público. Nesse contexto urbano, suprir necessidades básicas como sono, alimentação, trabalho, estudo ou higiene pessoal, torna-se uma luta e tarefa quase impossível. A vida é desenhada com o abandono, a rejeição, a discriminação, o estigma e a solidão que eles enfrentam todos os dias.

Definir as condições das ruas é um problema complexo. Existem diferentes perspectivas sobre o fenômeno, algumas das quais atribuem o problema apenas à falta de moradia, enquanto outras o configuram como uma situação não transitória, que vai muito além disso. Por meio das entrevistas, buscamos analisar as

² O Terminal Rodoviário de Toledo foi o local onde a Cleusa foi localizada em um grupo de moradores em situação de rua. Usualmente é utilizado por pessoas que estão nas ruas da cidade, sendo o principal ponto de concentração, uma vez que possui ampla circulação de pessoas e banheiros públicos.

ressonâncias do dizer em observação sobre o trabalho da memória, de modo a compreender a mulher nas ruas e, por consequência, olhar para o funcionamento da sociedade. Assim, traçamos como objetivo principal oportunizar que os dizeres desses sujeitos fossem os protagonistas frente à realidade social, histórica e política de ignorância que os assola. O referencial teórico e metodológico é o da Análise de Discurso de linha francesa a partir dos estudos de Michel Pêcheux (1990; 1997; 1999; 2010) Orlandi (1995; 1996; 2001; 2003; 2004; 2009; 2017) e outros pesquisadores que se alinham à teoria.

Considerando a hipótese de que esses sujeitos, por estarem à margem da sociedade, apresentariam em seus discursos resistência³ aos ideais e idealismos da sociedade que os exclui, buscamos compreender o trabalho da memória no funcionamento discursivo. Assim, entendemos que podemos construir um espaço para fomentar reflexões sobre esses sujeitos e a sociedade por meio da análise de seus enunciados a fim de compreender os efeitos de sentidos sobre diversos temas que são parte de suas vidas. Buscamos, assim, refletir sobre a rua, a mulher e a sociedade na observação dos ditos e não-ditos oriundos das vozes de duas moradoras de rua.

Quando voltamos os olhos para as mulheres em situação de rua, deparamo-nos com fatores que impactam na criação de um imaginário que as veem como não pertencentes e, por isso, a hipótese de que não seriam (ou deixariam de ser) afetadas por certas formações discursivas orientadas pela cultura e ideologias.

Vivemos num país patriarcal e, nascer mulher, implica carregar ideais e imaginários que embora sejam questionáveis; são fortemente estabilizados. Os atributos que são colados à imagem do sujeito em função do sexo biológico são armadilhas qualificadoras que se colocam sem pedir licença.

Mas, essas qualidades que se impõem às mulheres – vejam-se os discursos sobre a maternidade, a vaidade, a fragilidade, a docilidade e etc. – se desvinculariam da moradora de rua? Talvez haveria um princípio que acenaria que sim, pois essas mulheres são sujeitos que vivem rotinas de violência, prostituição, julgamentos,

³ Em nossa hipótese consideremos a possibilidade de resistência das mulheres moradoras de rua em relação à ideologia dominante sobre os temas abordados, ou um 'escapar' da identificação com essa ideologia econômica e patriarcal, principalmente com os imaginários sobre a mulher. Supondo que as condições de produção desses sujeitos possibilitassem a compreensão de que os discursos estabilizados sobre a mulher e os temas que transitam junto não correspondem às realidades vividas, que poderiam reencontrar outras representações imaginárias.

preconceito e exclusão. Ou seja, vivem a condição das ruas, a qual lhes empunharia uma outra ordem de sentidos, destituindo-as de certos lugares de fala.

Afinal, a mulher que está na rua é digna de discutir a maternidade? A vaidade? As questões ditas da ordem do feminino? Se lhes falta 'tudo', cabe a elas o direito de se pronunciarem sobre determinadas questões? Acreditamos que sim, pois:

É necessário com nossas práticas, atravessar esse imaginário que condiciona os sujeitos em suas discursividades e, explicitando o modo como os sentidos estão sendo produzidos, compreender melhor o que está sendo dito, para contestá-lo, efetivamente, nas práticas sociais (ORLANDI, 2017, p. 211).

Numa sociedade em que os problemas sociais e econômicos são graves e as políticas públicas são ineficientes, como as de nossa realidade, a vulnerabilidade da população de rua só aumenta. As políticas sociais voltadas para esses cidadãos no Brasil funcionam mais como uma forma de manutenção da força de trabalho econômica, politicamente articuladas para não afetar o processo de exploração capitalista e dentro do processo de hegemonia e contra hegemonia da luta de classe do que, efetivamente, voltadas a reverter o quadro da miserabilidade (FALEIROS, 1991).

Ao serem concedidas e articuladas dentro desta lógica, as políticas sociais não proporcionam igualdade, mas "implica em um sistema de integração e exclusão controlada de certos grupos e categorias da população" (FALEIROS, 1991, p.31).

Segundo Althusser (2014), o estado é constituído por ideologias perpetuadas e impostas por meio da escola, da religião, de partidos políticos, dos meios de comunicação e associações de vários tipos. Tais ideologias refletem a ideologia dominante da classe dominante; além disso, há um reforço mútuo entre o aparelho repressivo e o aparelho ideológico para a manutenção de certas ordens.

Em seu trabalho que menciona Foucault (1961), Althusser defende as interações mútuas entre o aparelho de estado repressivo e o aparelho de estado ideológico. Althusser (2014) assinala que o Estado é um aparelho ideológico que em suas iniciativas governamentais fomenta a memória discursiva institucional da população em situação de rua, uma vez que assegura a produção contínua das relações de classes conforme lhes convém.

Quanto às Políticas Públicas, elas distinguem, discursivamente, as posições-sujeito em suas práticas sociais: através do corpo, da situação econômica e social, pela história sociocultural, pela localização geográfica, espacial, pela idade, pela escolaridade, etc. Desse modo, estabelecem a dinâmica da sociedade na história e na política (ORLANDI, 2017b, p. 238).

O exemplo está na prática higienista que objetiva “limpar” as cidades ou tornar esses sujeitos ainda mais invisíveis aos que impulsionam a roda do capitalismo, mas desejam não ver explicitada a sua lógica de exclusão, assim cria-se a falsa sensação de solução: quem exclui não enxerga o excluído. A fim de ilustrar esta ação, citamos a chamada “gentrificação”, que ocorreu em São Paulo durante a pandemia de COVID-19. O fenômeno tratou-se de um processo de transformação de centros urbanos através da mudança dos grupos sociais ali existentes, ou seja, expulsava-se a população de baixa renda para serem construídas moradias voltadas às camadas mais ricas.

Na cidade da pesquisa, em Toledo-PR, segundo os moradores de rua relataram em entrevistas anteriores a esta pesquisadora, à época do jornalismo, a administração municipal os levava de ônibus para cidades vizinhas na tentativa de “limpar a cidade”. Relatos como esses foram (são) silenciados pela linha editorial de jornais que se estabelecem a partir de vínculos políticos. Essa prática não é isolada, pois uma pesquisa rápida na internet dá mostras de outras reportagens, como em Monte Mor, onde o mesmo acontecia⁴.

No cenário atual, quando a crise econômica e sanitária com a Covid-19 impulsionou ainda mais a desigualdade social, fazer visíveis os sujeitos postos à margem é uma ação política a ser assumida por espaços como os das universidades, por exemplo, o que nos parece, justifica a pertinência desse tema como objeto de pesquisa.

O crescimento da população de rua é evidenciado em números. O levantamento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), divulgado em junho de 2020, aponta que houve um acréscimo de 140% da população em situação de rua desde 2012 no Brasil, chegando a 222 mil brasileiros em março de 2020. A pesquisa utilizou dados de 2019 do censo anual do Sistema Único de Assistência Social (Censo

⁴Disponível em:

<https://www.acidadeon.com/campinas/cotidiano/cidades/NOT,0,0,1632927,mon-te-mor-envia-moradores-de-rua-a-municipios-vizinhos-para-deixar-cidade-bonita.aspx>.

Acesso em: 12/07/2022.

Suas), que conta com informações das secretarias municipais, e do Cadastro Único (CadÚnico) do Governo Federal⁵.

Diante de dados numéricos como estes, o poder público e a própria sociedade carecem de mais compreensão sobre o perfil desta população para desenvolver melhores políticas e ações alinhadas no sentido de compreender o que é ser um sujeito que vive nas ruas. Isso requer uma compreensão que perpassa por um outro olhar sobre esses cidadãos e cidadãs.

Em relação à presença das mulheres nas ruas, o único levantamento nacional realizado, datado de 2007 e 2008, feito pelo antigo Ministério do Desenvolvimento Social, que abrangeu 71 cidades, dentre elas 48 municípios com mais de 300 mil habitantes e 23 capitais, especificou algumas características importantes, entre elas a enorme diferença de gênero nas ruas, já que de acordo com a pesquisa, apenas 18% eram mulheres⁶.

Esta *minoría* entre as ditas minorias também é a que enfrenta mais problemas nas ruas. A *Pesquisa Nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? Quantos são nas capitais brasileiras?* elenca dois aspectos de insegurança comuns às mulheres: as condições de vida e de gênero. O estudo indicou que as mulheres em situação de rua estão inseridas em contextos de maior vulnerabilidade, apresentam baixa escolaridade, histórico de violência sexual, uso concomitante e intenso de substâncias psicoativas, uso infrequente de preservativos, troca de sexo por dinheiro e/ou drogas, entre outros elementos que acentuam a vulnerabilidade individual e social (BASTOS, 2014).

Essas mulheres que estão em situação de rua se encontram vulneráveis, são estigmatizadas, estão desassistidas e, por isso, desde as ações mais simples – como dar-lhes um espaço de escuta – quanto as mais complexas (como reverter o quadro de miserabilidade) necessitam acontecer. Essas mulheres, como apresenta Gonçalves Filho (1998), fazem parte do fenômeno histórico da humilhação social sofrida pelos pobres, efeito da desigualdade política que implica em diversas formas de exclusão, como de iniciativa e de palavra.

⁵ Estimativa da população em situação de rua no Brasil (setembro de 2012 a março de 2020). MAC Natalino. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=35812.

⁶ Brasil. (2009). Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Rua: Aprendendo a contar: Pesquisa Nacional sobre População em Situação de Rua. Brasília, DF: o autor.

Assim, mais uma vez, os efeitos de sentido dos nomes que as definem numa condição dizem “algo bem mais amplo e de implicações bem mais largas na constituição do sujeito” (ORLANDI, 2017, p. 39). Suas vozes raramente são escutadas, afinal, como explica Michel Foucault (1970), nem todos têm o direito de entrar na ordem arriscada do discurso, pois há leis históricas e sociais que o governam.

Dessa forma, não ter voz torna-se mais um direito negado a essas mulheres, que, por exemplo, não estão inclusas nos discursos das redes de comunicação, reiterando sua deslegitimação como sujeitos sociais que estão passando por problemas sociais. A exemplo, considerando a cidade de Toledo-PR, realizada uma busca pela versão digital do principal jornal local, *Jornal do Oeste*⁷, encontramos registradas apenas cinco matérias desde 2017 retratando mulheres em situação de rua, mas todas elas vinculadas a conteúdos de editoria policial, sem nenhuma entrevista ou matéria que desse a elas a oportunidade de expressar sua condição, o que reafirma o não-lugar dessas mulheres na sociedade como um problema que não foi resolvido e que ‘atrapalha’ os demais cidadãos, que os fez enxergarem a cidade ‘suja’ pela presença dos moradores de rua.

Há muitas justificativas para respaldar o desinteresse pelas pessoas marginalizadas. Certamente, a questão de ordem econômica se destaca das demais. Essas populações são incapazes de gerar riqueza. Em um cenário capitalista, isso é suficiente para engajar discussões árduas e frutíferas que versam sobre a gestão social do governo, pois as políticas públicas têm um papel importante no destino dessa população, porém a pauta perde e ganha força conforme os interesses políticos do momento.

Uma explicação para a dinâmica de funcionamento das práticas de silenciamento frente aos problemas desses sujeitos nos é dada por Forrester (1997, p. 21). A autora diz “É evidente que a autoridade do discurso lacunar, organizado em torno de suas lacunas, impede qualquer análise, qualquer reflexão séria – com maior razão ainda qualquer refutação daquilo que não é dito, mas que atua”, ou seja, parece não interessar à sociedade e aos meios de comunicação explicitar alguns fatos (fora quando eles podem, efetivamente, fazer subir a audiência ou se constituírem em pauta de palanque eleitoral).

⁷ Pesquisa realizada em setembro de 2020.

Apontar para a falta de escuta ao sujeito moradora de rua é pouco para uma tentativa de rompimento da sua invisibilidade, é sabido. Mas o espaço acadêmico torna-se um local privilegiado por ser capaz, por meio da pesquisa e do estudo, de dar voz para aqueles que a sociedade tenta calar, ou falar por eles, simulando uma atenção, por exemplo, quando exploram apenas as suas mazelas na televisão; mesmo na compreensão de que este trabalho representa um passo singelo, mas dá-lo, implica em evidenciar o tema.

Ao construir um *corpus* de pesquisa com as entrevistas de duas mulheres moradoras de rua, buscamos um trabalho em diálogo, num exercício de fala e escuta, para fazer compreender uma *situação* e sua *facticidade* (ORLANDI, 2017). Ao nos colocar como escuta, sabemos da dificuldade de a realizar com qualidade, com real abertura e experimentação. “Escutar o outro é realmente escutar o que ele diz, ou não o que nós ou ele mesmo, gostaria de ouvir” (THEBAS e DUNKER, 2019, p.31).

Na compreensão de que “O lugar de fala é fundamental para expressar a singularidade e o direito de existir. (...). Por isso, não é possível falar do lugar de fala sem pressupor o diálogo como reconhecimento do outro” (TIBURI, 2020, p. 115), justificamos a escolha pelas entrevistas. Payer (2005) reafirma a linguagem como constitutiva do sujeito, um sujeito repleto de significados e direitos em discurso, que pode, por meio da sua voz, romper a barreira do apagamento social, se o espaço existir.

A oportunidade de dar voz às mulheres em situação de rua pode mostrar, por meio do discurso, quais são os efeitos de sentido que as interpelam na concepção sobre si mesmas a partir de como a sociedade as pensa. O sujeito, imerso nos processos discursivos que são histórico-ideológicos, pode evidenciar, ainda, de que forma a representação social em torno de si o faz significar e o afeta.

Ouvindo o discurso e analisando a sua formulação é “que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)” (ORLANDI, 2017, p. 33). Mas, perceber essa vida em linguagem e em (dis)curso só é possível ao passo que as cadeias da indiferença sejam rompidas e o olhar do pesquisador se volte ao que comumente não é visto.

Se, para Pêcheux (1997, p. 160), a formação discursiva determina “o que pode e deve ser dito”, um estudo sobre a posição sujeito da mulher em situação de rua permite pensar os discursos de uma sociedade que as exclui, silencia e apaga. Sem que as vozes de outras posições discursivas se anteponham ao seu dizer, ao ouvi-

las, suas narrativas falam das memórias discursivas que as envolvem para além daquelas definidas e decididas por quem se encontra incluso na sociedade e cujas falas os colocam, comumente, num único espaço, o da marginalização.

CAPÍTULO 1: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A Análise de Discurso é uma teoria da leitura e da interpretação desenvolvida e refletida pelo filósofo francês Michel Pêcheux na década de 60, cujos textos iniciais, ainda assinados como Thomas Herbert (1966), problematizam, a partir de inflexões inaugurais, o discurso como um objeto sócio-histórico aparelhado às práticas políticas.

As materialidades discursivas apontam para o funcionamento da sociedade, suas relações de reprodução ou transformação de determinadas condições materiais e ideológicas. Quando colocamos em evidência mulheres moradoras de rua, por exemplo, é possível observar os discursos que circulam na formação social, podendo ser de manutenção (por meio do trabalho da memória que é o suporte semântico de um discurso; e seu funcionamento se dá através da repetição de enunciados, que forma uma regularidade discursiva) ou de resistência (o sujeito resiste a outros discursos por meio da ideologia como sujeito do discurso, pois para ser sujeito é preciso ocupar um lugar no discurso e assim resistir aos outros) às práticas sociais, históricas e políticas da sociedade. Esse funcionamento da memória é atravessado e constituído pela ideologia.

Pêcheux (2009) explica que a ideologia está presente na prática política do discurso, ou seja, não é exterior a ele. A ideologia é determinante para dos efeitos de sentido do discurso, trabalhando na produção de evidências, relacionando o imaginário com o material. Na Análise de Discurso, a ideologia é, assim, a condição para a constituição do sujeito e dos sentidos. Orlandi (2009) aponta que a ideologia não é entendida como um conjunto de representações, visão de mundo ou ocultação da realidade, mas um efeito da relação do sujeito com a língua e com a história, que resulta nas evidências produzidas para/pelos sujeitos, e que o analista depreender a partir do discurso, definido como efeitos de sentido produzidos entre interlocutores em determinadas condições de produção.

A Análise de Discurso é uma teoria de entremeio, que trabalha “sob o signo da articulação entre a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise” (MALDIDIER, 2003, p. 15). Em relação à confluência entre as três regiões do conhecimento e a relação entre esses domínios disciplinares – a Linguística, o Materialista Histórico e a Psicanálise – promoveu-se, porém, deslocamentos que implicam em algumas compreensões fundantes e fundamentais para estar na Análise de Discurso:

- a) a língua tem sua ordem própria, mas só é relativamente autônoma
- b) a história tem seu real afetado pelo simbólico
- c) o sujeito da linguagem é descentrado, pois é afetado pelo real da língua e também pelo real da história, não tendo o controle sobre o modo como elas o afetam. Isso redundaria em dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia (ORLANDI, 2009, p.20).

A teoria proposta por Pêcheux é um novo olhar que surge num cenário político e intelectual efervescente na França dos anos 60. A Análise de Discurso contrapõe-se ao estruturalismo dominante no período, à homogeneidade da língua conforme proposto pela Linguística e ao anulamento do sujeito. Ela foi e é uma forma de reação teórico-política às diferentes conjunturas hegemônicas, uma vez que permite a problematização e o questionamento às (des)ordens discursivas.

A proposta das reflexões de Pêcheux provocou uma ruptura no campo ideológico das Ciências Sociais e implicou na desconstrução de pensamentos dominantes e alicerçados às perspectivas filosóficas-subjetivistas e idealistas, apontando para outra direção, que considera a prática científica como apartada da ideologia, mas no sentido de sua documentação:

A análise de discurso não é, portanto, o acréscimo de uma pitada histórica, cultural, ideológica, psicológica ou psicanalítica ao que diz a linguística, em seus diversos compartimentos. Não é simplesmente fonostilística, a conotação, a síntese voltada para o falante, a semântica a que se acrescenta o tempero do contexto, ou o texto como efeito de um processo. A análise de discurso pode tratar de cada um desses “temas” – mas os tratará rompendo com o que a linguística faz em cada um deles (POSSENTI, 2002, p. 357).

Assim, a Análise de Discurso se coloca também como uma teoria, fazendo parte de um campo teórico que reterritorializa outros campos de conhecimentos, situando-se, como nos explica Orlandi, enquanto disciplina de entremeio. Tal campo conta com dispositivos analíticos para a leitura e para a análise de conceitos, pré-conceitos e as demais articulações, visando o rompimento com os discursos que se desejam neutros e soberanos. Para tanto, o discurso, como nos apresenta Pêcheux (1969), passa a ser compreendido como uma manifestação da linguagem, atravessado pela ideologia a partir de dadas condições de produção. Desta maneira, sua definição opacifica o esquema informacional dos fundamentos da ciência Linguística, cujos estudos apontavam, até então, ou para um esquema “reacional” (estímulo-resposta) derivado das teorias psicológicas do comportamento, ou para um

esquema informacional (emissor-mensagem-receptor), a partir das teorias da comunicação.

Para Análise de Discurso, no discurso, materializa-se a relação sujeito e produção de sentidos afetada pela língua e pela história. Os efeitos desta relação nunca são apartados entre si, mas se encontra sempre numa movência discreta que faz deslizar os sentidos; o discurso estabelece um elo entre linguagem/pensamento/mundo.

O discurso me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrincam, literalmente, todas as suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. A originalidade da aventura teórica do discurso prende-se ao fato que ela se desenvolve no duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo da análise de discurso, que é seu instrumento (MALDIDIER, 2003, p. 15-16).

Assim, a teoria inaugurada por Pêcheux parte de um princípio fundamental, no caso, ele trata de uma perspectiva em que o discurso – objeto teórico de análise e interpretação – é “efeito de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2009, p.20), materializado pelo sujeito através da língua.

No quadro abaixo (PÊCHEUX, 1969), é possível vislumbrar como essa relação foi teorizada pelo autor:

| Expressão que designa as formações imaginárias | | Significação da expressão | Questão implícita cuja “resposta” subentende a formação imaginária correspondente |
|--|----------|---|---|
| A | $I_A(A)$ | Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em A | “Quem sou eu para lhe falar assim?” |
| | $I_A(B)$ | Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em A | “Quem é ele para que eu lhe fale assim?” |
| B | $I_B(B)$ | Imagem do lugar de B para o sujeito colocado em B | “Quem sou eu para que ele me fale assim?” |
| | $I_B(A)$ | Imagem do lugar de A para o sujeito colocado em B | “Quem é ele para que me fale assim?” |
| A | $I_A(R)$ | “Ponto de vista” de A sobre R | “De que lhe falo assim?” |
| B | $I_B(R)$ | “Ponto de vista” de B sobre R | “De que ele me fala assim?” |

No que diz respeito ao protagonista do discurso, Pêcheux afirma que os pontos A e B designam não organismos humanos individuais, mas “lugares determinados na estrutura de uma formação social” (PÊCHEUX, 1969/2014, p.81). Ou seja, trata-se não de sujeitos empíricos, mas de posições sociais – como os lugares de “patrão” e “operário” –, posições representadas nos processos discursivos, mas nestes não refletidas como tais, pois o que funciona neles “é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem do seu próprio lugar e do lugar do outro” (PÊCHEUX, 1969/2014, p.82; *itálicos do autor*).

A partir deste modelo, podemos avaliar os discursos que permeiam o *corpus* desta pesquisa. Quando damos voz a mulheres moradoras de rua, elas nos falam de um lugar social específico e para alguém em outro. E entre um dizer lá e outro cá, não há linearidade, nem transparência, pois as palavras são (re)vestidas de outros novos sentidos a partir de quem as enuncia. Os sujeitos falam a partir de lugares sociais e é isso, também, é o que faz significar o discurso.

Quando essas mulheres moradoras de rua falam, entre os seus dizeres possíveis, o fazem a partir de diferentes formações imaginárias e assim outras (mesmas) significações se estabelecem. Esta mesma mulher como mãe, ou como companheira de um homem da rua, ou como mulher vaidosa ou religiosa diz e, no seu dizer, percebe-se a interpelação ideológica para além das determinações que a posição sujeito mulher moradora rua estabeleceria de antemão.

A partir da Análise de Discurso, entendemos a noção de materialidade discursiva como o que “remete às condições de existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos...) em uma conjuntura histórica dada” (PÊCHEUX, 1990, p. 93). Mais precisamente, como nos apresenta o autor, a materialidade discursiva significa pelas relações com a língua, o inconsciente e a história.

É o lugar material em que se realizam os efeitos de sentidos. O que nos leva à afirmação de que a materialidade específica (particular) da ideologia é o discurso, e a materialidade específica (de base) do discurso é a língua (ORLANDI, 2017, p.45).

A compreensão do mundo pelo homem acontece pela ordem institucional (social) tomada pela história. Essa relação coloca o sujeito entre a interioridade (o inconsciente) e a exterioridade (a ideologia), entre a simetria e o equívoco, entre a

repetição e a falha. Mattos e Ferreira (2004) apontam que a língua opera com a historicidade (ou seja, a realidade histórica de um indivíduo), mas também com o simbólico. É a cultura que precede o indivíduo, ou seja, os efeitos de sentidos do discurso são produzidos em condições específicas, relacionadas ao real (que, estando fora da cadeia significante, retorna como a voz de um outro) e ao imaginário (que dá ao sujeito uma imagem suficientemente completa e consistente de si). Assim entendemos que a história tem seu real afetado pelo simbólico. “Ou seja, só podemos ter a língua e a história conjugadas pelo efeito ideológico, pela consideração de sua materialidade específica” (ORLANDI, 1996, p. 40).

E é a materialidade que permite observar a relação do real com o imaginário, quando se trata da análise do discurso, ou seja, a ideologia. Junto à ordem da língua, enquanto sistema significante material e à história, enquanto materialidade simbólica (*apud*, ORLANDI, 1996); é pensado a materialidade, que podemos, também, pensar a relação entre ideologia e inconsciente. (ORLANDI, 2017, p.18)

Como já exposto acima, o discurso materializa o processo de enunciação. Possenti (2002) explica que este é um processo de (re)formulação de enunciados postos em funcionamento. Retomando Pêcheux e Fuchs (1975), o autor detalha que estes processos são determinados por escolhas sucessivas, que constituem o enunciado pouco a pouco, colocando o dito e, conseqüentemente, rejeitando o não-dito, ou seja, selecionando o que será incluído e o que será excluído do discurso.

Essa seleção do processo de enunciação do dito e a rejeição do não-dito está intimamente relacionada com as condições de produção, que são um conjunto de mecanismos formais que produzem um discurso em “circunstâncias”, situações ou contextos sócio-históricos e ideológicos dados, o que indica o acesso à exterioridade de um discurso, assim como sua articulação com o sujeito, a língua, a história e a ideologia. Conforme explicado por Pêcheux (1990), as condições de produção são definidas ao mesmo tempo como o efeito das relações de lugar no interior das quais se encontra inscrito o sujeito concreto e empírico do termo, quer dizer o ambiente material e institucional, como os papéis mais ou menos conscientemente colocados em jogo.

Courtine (2016) explica as condições de produção a partir de dois níveis, o de formulação e de enunciação, o primeiro relacionado ao sujeito e o segundo aos

lugares determinados nos aparelhos ideológicos, em uma determinada conjuntura histórica.

Precisamos primeiro conceber as determinações específicas ao nível da formulação: escolher uma sequência discursiva – enquanto manifestação da realização de um intradiscurso - como ponto de referência a partir do qual o conjunto de elementos do corpus receberá sua organização; relacionar esta sequência discursiva a um sujeito e a uma situação de enunciação determinada; mostrar como o sujeito da enunciação e circunstâncias enunciativas são atribuíveis (referenciáveis) aos lugares dentro dos aparelhos ideológicos de uma determinada conjuntura histórica. (...). No entanto, não podemos parar por aí: é preciso também pensar as determinações específicas ao nível do enunciado e as articular aos primeiros. A configuração em sequência de formulações no intradiscurso da sequência discursiva de referência se realiza de fato sob a dependência do processo discursivo inerente à *v* que a domina (...). Tal processo discursivo está sujeito a condições específicas: é sob a dependência do interdiscurso que se constitui o saber próprio a uma Formação Discursiva, em redes estratificadas de formulações onde se formam os enunciados. Deve-se, assim, caracterizar as condições interdiscursivas que dominam o processo discursivo de formação/reprodução/transformação dos enunciados dentro das Formação Discursiva de referência; designaremos tais condições como condições de formação da Formação Discursiva de referência (COURTINE, 2016, p. 25)

Um dos elementos da condição de produção é o lugar social ocupado em um mecanismo institucional extralinguístico pelo sujeito dos discursos. A Formação Discursiva, que “existe historicamente no interior de determinadas relações de classes” (FUCHS e PÊCHEUX, 1975, p. 167). A Formação Discursiva regula o que o sujeito pode e deve dizer, assim como o que não deve nem pode dizer.

Este conceito para a análise do corpus é fundamental, visto que as mulheres moradoras de rua falam de um espaço social que afeta o discurso, pois entram em cena as formações imaginárias, especialmente, porque, no momento da pesquisa, elas encontram o espaço de fala/escuta. Nesse interim, as formações discursivas materializam as formações ideológicas que agem na regulação do que pode ou não pode ser dito. Observamos que nas respostas não há indícios de revolta ou qualquer agressividade presentes em seus discursos; elas buscam apenas o compartilhamento de suas experiências e, histórias. Suas posições são resultado de um processo sócio-histórico, que por meio do interdiscurso permite os seus dizeres, determinados pelos já-ditos. Quando essas mulheres falam, elas falam deste lugar; um já lugar delimitado: elas são moradoras de rua e mulheres. Mas a posição-sujeito dominante é o de ser

mulher, como as análises mostram e essa posição a subjugam a riscos como a violência e humilhações ligadas ao gênero.

Conforme exposto, a Formação Discursiva representa no discurso as Formações Ideológicas (FI), as séries de dizeres e representações que instauram posições de classe de acordo com a formação social dos sujeitos: “Aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc.)” (PÊCHEUX, 1995, p. 160). Assim, devemos lembrar que todo discurso emana de uma instituição, explicitamente ou não.

Por isso, ressaltamos a importância da figura de Althusser para a Análise de Discurso, pois foi a partir das suas ideias que passamos a compreender a perspectiva materialista do discurso. Pêcheux busca no autor referências para uma teoria que relaciona a intervenção da filosofia materialista na ciência linguística. Pêcheux (1997) pontua que o complexo com dominante das formações ideológicas, ou seja, o conjunto dos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) são as estruturas que alicerçam, determinam e constituem as formações discursivas.

Althusser (2003) evidencia que não é no campo das ideias que a ideologia existe, mas nas práticas, necessárias à reprodução das relações de produção. Essa materialidade da ideologia é realizada justamente pelos AIE, que repetem e estabilizam a dominação do Estado. Os AIEs são instituições da sociedade civil que atuam pela força coercitiva do aparato ideológico.

Os diferentes AIEs reproduzem de forma geral as relações sociais de dominação e conseqüentemente a ideologia dominante. Quando pensamos o sujeito moradora de rua, podemos identificar essa relação com os diversos AIE. Escola, religião, família, meio jurídico, meio empresarial, política e imprensa são instâncias que falam pelas mulheres, repercutindo, reforçando e estabilizando, de diferentes maneiras, a ideologia dominante sobre esses sujeitos, que, ao passo que são mulheres excluídas, produzem e reproduzem os sentidos que determinam o que se deve dizer na posição que ocupam, não como moradoras de rua, mas, como mulheres.

Com isso, não se quer dizer que a rua é apagada, mas sim que ela as define. Porém, quando tais mulheres falam, elas mostram o funcionamento da sociedade que as excluiu e é reproduzido nesse espaço que é o da rua.

A escola educa para formar força de trabalho e para que a rua não seja uma consequência de quem não se esforça para estar “habilitado” ao mercado. A empresa oferece trabalho para quem “quer” e somente os que não “gostam” de trabalhar têm emprego. A religião “ajuda” quem está nas ruas e, ao mesmo tempo, mostra o “caminho” certo para deixarem de ser moradores de rua, por exemplo. E a imprensa fortalece e corrobora a manutenção dessas orientações discursivas. E assim, entre um AIE e outro, vai se estabelecendo o que o capitalismo dominante coloca sobre esse sujeito: ora ele é o coitado que carece de Deus e do poder público, ora o vagabundo que não quer trabalhar. Ao longo da vida de uma pessoa, são repetidas várias das afirmações supracitadas, como se tais discursos fossem uma verdade indiscutível e estar em situação de rua fosse o resultado apenas das escolhas mal feitas pelo indivíduo.

Pela Análise de Discurso, olhamos para esse jogo de dizeres a partir do conceito de interdiscurso (a constituição de um discurso em relação a outro já existente), de pré-construído (que se localiza no cruzamento da teoria do discurso com a linguística, fundamentando a pré-existência de um conteúdo numa ligação sintática que, sem esse já dito, não oferece qualquer sentido particular), de discurso transversal, os quais, pelo processo da paráfrase se realizam e se atualizam no tempo/espço dos enunciados. Ou seja, os enunciados são reformulações ou rompimentos do que já fora dito anteriormente. O processo discursivo é, então, como nos apresenta Pêcheux (1975), um sistema de relações de substituição, paráfrases, sinônimos, etc, que funcionam entre elementos significantes em uma formação discursiva dada.

O interdiscurso enquanto discurso-transversal atravessa e põe em conexão entre si os elementos discursivos constituídos pelo interdiscurso enquanto pré-construído, que fornece, por assim dizer, a matéria prima na qual o sujeito se constitui como ‘sujeito falante’, com a formação discursiva que o assujeita. Nesse sentido, pode-se bem dizer que o intradiscurso, enquanto ‘fio do discurso’ do sujeito, é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma ‘interioridade’ inteiramente determinada como ‘tal do exterior’. (PÊCHEUX, 1988, p.154).

Retomando o corpus da pesquisa, quando o sujeito morador de rua aparece no discurso como ‘coitada’, está sendo retomado o que foi dito anteriormente em algum lugar. Assim como quando a ela é atrelada a condição de ‘vagabundagem’. Esses

dizeres são reformulações, substituições, repercussões de outros enunciados que têm sobrevivido aos tempos, sem abrir oportunidade de que outros sentidos possam ser estabelecidos, pois a rua é um fator determinante. Nesse trabalho, representamos esse espaço como uma tampa de bueiro. Não o notamos, pois passamos por cima das suas grades, mas, às vezes, eles ficam cheios e são inevitáveis de serem percebidos. Percebemos o bueiro, quando ele nos incomoda. Talvez assim seja com os sujeitos que vivem nas ruas para grande parcela da população.

Estas compreensões colocam o sujeito da Análise de Discurso não como o sujeito empírico, racionalista, sujeito-origem, livre, consciente ou fonte de sentido. Na Análise de Discurso, o sujeito é assujeitado, “O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer” (ORLANDI, 2009, p. 46). A autora reforça que essa interpelação coloca sujeito, língua e a história numa tríade, e o sujeito como o sofredor dos processos que linguisticamente materializados, caracterizam-no sujeito como sujeito da ideologia.

O sujeito do discurso tem sua materialidade linguística constituída pelo interdiscurso, que garante novas formas por meio da metáfora, da paráfrase (onde dão sentido as palavras), da polissemia (onde uma mesma palavra possui diversos sentidos) constitutiva dos significados que trabalham a memória discursiva em razão da ideologia. Pêcheux retoma suas filiações teóricas na compreensão formulada sobre o conceito de sujeito.

Segundo Leandro-Ferreira (2005):

A categoria de sujeito procede da filosofia e ganha com Lacan um estatuto próprio ao ser introduzida com destaque no campo psicanalítico. (...) A concepção de sujeito formulada por Lacan, como um sujeito descentrado, efeito do significante que remete para um outro significante, encontra eco em outros campos das ciências humanas, como é o caso da análise do discurso. E Pêcheux não fica surdo a essa voz; muito ao contrário (LEANDRO-FERREIRA, 2005, p. 2).

A conexão que aproxima a ideologia do inconsciente envolve a linguagem, ou seja, a possibilidade de inscrição humana em símbolos e até a formação de sujeitos (que se dá por meio da linguagem). A noção de sujeito inconsciente de Lacan se junta à concepção indivíduo interpelado em sujeito pela ideologia de Althusser, dando forma ao sujeito sob a identificação da Formação Discursiva que o constitui. Este sujeito afetado pelo inconsciente e ideologia se inscreve em determinadas Formações

Discursivas, que o identificam como sujeito e determinam as posições-sujeitos, ou seja, os lugares que ele pode ou deve ocupar por meio da regulação do que lhe é permitido dizer. É “na linguagem que o sujeito se constitui, e é também nela que ele deixa as marcas desse processo ideológico” (LAGAZZI, 1988, p. 51), dando-lhe a impressão de saber o que diz.

Pêcheux trabalha entre os conceitos de inconsciente e ideologia. Tal empreendimento não é sem razão, pois, para Pêcheux (1982/1996), é justamente pelo mecanismo comum do inconsciente e pela ideologia da operação que oculta sua própria existência que o sujeito constituído por essa operação se apresenta como evidência. Essa operação de ocultação é crucial tanto para a Análise do Discurso quanto para a psicanálise, pois ambas condenam e lidam com o fato de que há um processo integral de constituição deste para além da evidência do sujeito, ou do sentido da temática do discurso, a geração desse sentido.

Não há assim um sujeito origem e dono do que diz a partir de uma língua transparente e manipulável, mas consequências do que Pêcheux apresenta como esquecimentos: o esquecimento nº 1, da ordem do ideológico e do inconsciente, que é resultado da interpelação do indivíduo pela ideologia. E o esquecimento nº 2, da ordem da enunciação (semiconscente), que é resultado do pertencimento do sujeito à determinada formação discursiva (PÊCHEUX, 1997)

As ilusões de que os sujeitos sabem o que dizem e determinam os sentidos, ao invés da compreensão de que sentido e sujeitos são determinados pela relação do sujeito com a língua e com a história (esquecimento nº 1), bem como a negação de que o dizer sempre poderia ser outro (esquecimento nº 2) é parte fundamental para que o sujeito possa enunciar.

Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade como a língua e a história nos afetam. Mas não somos o início delas. Elas se realizam em nós em sua materialidade. Essa é uma determinação necessária para que haja sentidos e sujeitos (ORLANDI, 2009, p. 35-36).

Espaço de realização dos esquecimentos, a memória se presentifica nos discursos na medida em que atua no movimento entre a possibilidade do dizer, o já-dito e o possível de ser ressignificado. Pêcheux ([1983] 1999) apresenta a memória como aquilo “que em um texto a ser lido, vem estabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer

mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos etc.) de que sua leitura necessita”.

Assim, no discurso, funciona um movimento do interdiscurso que se materializa no intradiscurso, fazendo com que o sujeito recupere os já-ditos, rejeite os impossíveis de dizer e ainda esqueça este jogo, ou seja, a memória discursiva garante o acesso aos sentidos possíveis de serem apreendidos e tomados “conscientemente” pelos sujeitos. Os sentidos que permeiam o discurso das mulheres moradoras de rua significam a partir de uma materialidade discursiva, pela relação com as condições sócio-históricas em que é produzida, pelo sujeito determinado pela formação discursiva.

Devemos lembrar que o discurso não possui um sentido, mas efeitos de sentidos que são estabelecidos entre os interlocutores. Os enunciados são plurais e à mercê das plurissignificações.

Compreender o que é efeito de sentidos é compreender que o sentido não está (alocado) em lugar nenhum, mas se produz nas relações: dos sujeitos, dos sentidos, e isso só é possível, já que sujeito e sentido se constituem mutuamente, pela inscrição no jogo das múltiplas formações discursivas (que constituem as distintas regiões do dizível para os sujeitos. (...)) O dizível (o interdiscurso) se parte em diferentes regiões (as diferentes formações discursivas) desigualmente acessíveis aos diferentes locutores (ORLANDI, 2007, p.20)

Como já exposto, a compreensão de que um discurso provoca efeitos de sentido entre interlocutores situados em determinadas condições de produção implica diretamente na delimitação do corpus das pesquisas em Análise de Discurso. Lagazzi (1988), explica que as condições de produção indicam os procedimentos de constituição do corpus discursivo.

A partir da obra de Courtine (1988) entendemos que corpus é um conjunto de sequências discursivas dominadas por um estado dado e que sua delimitação ocorre com o próprio desenvolvimento do estudo, o que permite afirmar que cada pesquisa é protagonista em seus resultados, visto que a escuta do corpus carrega em si as marcas do sujeito pesquisador.

Neste estudo, nos colocamos à escuta e buscamos possibilitar às mulheres moradoras de rua a oportunidade de fala. A delimitação do corpus ocorreu a partir de entrevistas semiestruturadas, que segmentadas em blocos de espaços enunciativos, tem como objetivo fazer emergir as formações discursivas que orientam a fala das

entrevistadas em consideração aos recortes temáticos que versam sobre a identificação de si como cidadã, as memórias de pertencimento à rua e do reconhecimento de si como mulher, a questão do outro e do eu, a (re)produção de discursos da fé e da felicidade, bem como dos sentidos sobre o hoje e amanhã.

O corpus foi delimitado em três seções compostas por agrupamento/recorte das entrevistas de ambas as mulheres a fim de organizar um conjunto de Sequências Discursivas (SDs) a serem analisadas. A forma de seleção vai ao encontro do que Lagazzi (1988, p. 59) apresenta: “Só podemos, pois, falar em corpus, a partir de um recorte dos dados determinados pelas condições de produção, considerando-se um certo objetivo e os princípios teóricos e metodológicos que, orientando toda a análise, possibilitarão uma análise não-subjetiva dos dados”.

Os dispositivos analíticos articulados na pesquisa em Análise de Discurso dependerão da “questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise” (ORLANDI, 2009, p.27). Portanto, a mobilização dos conceitos brevemente explorados, serão melhor determinados a partir dos rumos da pesquisa, ouvindo-se o corpus. Assim, no decorrer das análises, os conceitos mencionados na organização dessa apresentação serão retomados em seu funcionamento.

Em relação à sua orientação metodológica, buscamos a compreensão sobre como “um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos” (ORLANDI, 2009, p.26), como o dito revela o sujeito. Desse modo, visamos acompanhar o “trajeto em que se estabelecem os sentidos e os sujeitos pela inscrição da língua na história” (ORLANDI, 2001, p.51). Este é um percurso que faz com que o analista consiga mobilizar o dispositivo teórico e analítico, estabelecendo a relação da descrição com interpretação.

A Análise do Discurso não estaciona na interpretação, trabalha seus limites, seus mecanismos, como parte de seus processos de significação. Também não procura um sentido verdadeiro através de uma ‘chave’ de interpretação. Não há esta chave, há método, há construção de um dispositivo teórico. Não há uma verdade oculta atrás do texto. Há gestos de interpretação que o constituem e que o analista, com seu dispositivo, deve ser capaz de compreender (ORLANDI, 2003, p.26).

Para Pêcheux (1975), a análise se apresenta em três etapas: a partir da superfície linguística, passa pelo objeto discursivo e depois para o processo discursivo.

Se, no primeiro momento, trabalhando o esquecimento n.2 (da instância da enunciação), a análise deve ocupar-se em mostrar a passagem do material linguístico para o objeto discursivo, constituindo o esboço da sua compreensão referida às Formações Discursivas, na passagem do objeto discursivo para o processo discursivo, trabalhando com o esquecimento n.1 somos confrontados com a relação à ideologia. (...) O analista passa da materialidade linguística para o objeto discursivo porque faz o gesto mínimo que é o de inserir no domínio da paráfrase, ou seja, estabelece a relação do dizer com outros dizeres. (...) a continuação só pode se dar pela introdução de um novo procedimento analítico, que é aquele que se apreende a metáfora (transferência). Ela permite observarem-se os deslizamentos, as derivas, que, dando visibilidade à historicidade, permitem compreender o trabalho da ideologia (ORLANDI, 2001, p.51).

Esta compreensão do trabalho da ideologia e, por conseguinte, do funcionamento do discurso requer ainda a evidência das condições de produção e dos processos discursivos, pois esses se encontram na origem da produção dos efeitos de sentido. Ao dar um espaço de escuta às moradoras de rua, podemos analisar como os discursos produzidos a partir de seus lugares sociais mostram uma compreensão de seu funcionamento e, com o seu funcionamento, os atravessamentos da ideologia e da memória na produção de efeitos de sentidos que podem reproduzir ou romper com o estabilizado pelo já-dito. Será a partir de condições de produção próprias, inclusive a partir de um lugar de exclusão na sociedade, que esses sujeitos, atravessadas pela ideologia dominante e situadas em suas posições sócio-históricas, identificam-se com determinadas formações discursivas e falam o que é possível ser dito.

Como mencionado, a Análise de Discurso é uma teoria da leitura e, por meio da sua metodologia, ela torna-se uma orientação para os estudos da linguagem:

Porque a linguagem sempre está investida na produção do conhecimento, não apenas como um mero instrumento, mas como parte do próprio processo de constituição do saber, da construção do objeto de conhecimento, da sua compreensão e da interpretação do que significa o conhecimento produzido no conjunto da produção científica de que participa, na conjuntura histórico-social (ORLANDI, 2017, p.241).

Não há, portanto, um traçado pré-definido para o exercício de análise. O que se tem é uma metodologia que se coloca à escuta daquilo que provoca sentidos para o olhar-pesquisador.

Na Análise do Discurso, a apreensão das marcas não é automática e também a interpretação dos seus sentidos não é mecânica. O objetivo do pesquisador suposto pelo método discursivo e constitutivo deste, é o fator determinante para o que será privilegiado no material tomada para análise. Os princípios teóricos, tal como os discutimos anteriormente, colocam-se pela articulação entre o materialismo histórico, a linguística e a teoria do discurso. Tomadas em conjunto, essas três regiões do conhecimento, que proporcionam a especificidade da Análise do Discurso, possibilitam explicitar, através dos princípios metodológicos das desintagmatizações linguística e discursiva, a produção de efeitos de sentido (LAGAZZI, 1988, p. 60).

E se as mulheres moradoras de rua não são fonte ou origem do que dizem, procura-se com este trabalho evidenciar como este sujeito da linguagem, que, na maioria das vezes é marcado pelo silenciamentos, se diz.

A Análise de Discurso é uma disciplina de entremeio, ou seja, não positiva, “não acumula conhecimento meramente, pois discute seus pressupostos continuamente” (ORLANDI, 2007, p. 23). Ao se apresentar na contradição entre a Linguística e a Ciências Sociais, a Análise do Discurso produz outro lugar de conhecimento, conforme já destacado e aqui, reiterado abaixo:

A análise de discurso trabalha no entremeio, fazendo uma ligação, mostrando que não há uma separação estanque entre a linguagem e sua exterioridade constitutiva. Levando a sua crítica até o limite de mostrar que o recorte da constituição dessas disciplinas que constituem essa separação necessária e se constituem nela é o recorte que nega a existência desse outro objeto, o discurso, e que coloca como base a noção de materialidade, seja linguística, seja histórica, fazendo aparecer uma outra noção de ideologia, possível de explicação a partir da noção mesma de discurso e que não separa linguagem e sociedade na história (ORLANDI, 2007, p.25).

Considerando as perspectivas de trabalho, o estudo em Análise do Discurso implica na interpretação que deve levar ao questionamento do real e do simbólico na língua, em sua exterioridade, do que é dito e se encontra no fio do discurso e dos sentidos historicamente determinados, que se impõem inconscientemente, em função de uma memória. Frente ao corpus, procuraremos compreender as formações discursivas que legitimam aquilo que se diz ou se silencia na fala das moradoras de rua a partir das narrativas oriundas de seus discursos.

Pelas características da própria teoria, a interpretação feita sobre um corpus, segundo Orlandi (2009), não exige a “exaustividade horizontal”, visto que considera

os elementos da linguagem como fatos linguístico-discursivos e não “dados”. Na Análise do Discurso, busca-se a “exaustividade vertical” como dispositivo analítico da pesquisa na compreensão da materialidade linguística e do funcionamento do discurso. Não há um discurso fechado em si mesmo, mas um processo discursivo que se pode recortar e analisar em estados diferentes:

A vantagem que vejo em um dispositivo analítico com o que temos proposto no campo teórico da análise de discurso é que, como não trabalhamos só com a estrutura mas também com o acontecimento da linguagem, esses aspectos que tocam o acaso, o equívoco e a forma histórica da interpretação são levados em conta na compreensão de cada gesto de interpretação (ORLANDI, 1996, p. 98).

Uma teoria da interpretação considera o discurso, segundo Pêcheux (1997), não como uma transmissão de informação, mas efeitos de sentido entre os interlocutores, ou seja, relaciona-se o funcionamento social à situação e ao contexto histórico-social em que o enunciado é produzido. Quando se diz algo, alguém o diz de algum lugar da sociedade para outro alguém de algum lugar da sociedade e isto faz parte da significação (ORLANDI, 2003).

A partir daí, pensar o funcionamento discursivo significa identificar, ao mobilizar condições sócio-históricas e ideológicas como elementos fundamentais para a análise, de que maneira o dizer se instaura e apresenta determinados efeitos de sentido, e não outros. Isso faz refletir sobre como o discurso funciona, quais são as relações interdiscursivas que permanecem silenciadas no dizer, e não simplesmente o que é dito, vez que, comumente, o não-dito se torna muito mais ensurdecedor (MADUREIRA, 2009, p. 6).

Este percurso será realizado com a delimitação do corpus conforme anunciamos, que será composto por sequências discursivas oriundas das entrevistas com as moradoras em situação de rua. As sequências constituem um recorte das entrevistas semiestruturadas⁸ partindo do objetivo de possibilitar um espaço de escuta aos sujeitos (GALL, GALL, E BORG, 2008; KVALE; BRINKMANN, 2009).

⁸ A razão para escolher entrevistas qualitativas semiestruturadas para a recolha de dados foi a obtenção de informação completa e o recolhimento de dados ricos e tangíveis. Isso foi explicado como informação em primeira mão de fonte direta (GALL, GALL, E BORG, 2008). O método foi escolhido porque a entrevista semiestruturada permite flexibilidade sem comprometer a liberdade do participante para elaborar sobre temas de interesse (BRYMAN, 2008). A entrevista semiestruturada concede a oportunidade de regular e reorganizar as questões dando espaço aos participantes para expandir os seus pontos de vista em muitos aspectos da entrevista (KVALE; BRINKMANN, 2009).

As entrevistas foram realizadas a partir do roteiro de perguntas abaixo, segmentado por blocos. A divisão foi pensada com o objetivo de demarcar certos espaços enunciativos, a fim de fazer emergir as formações discursivas que orientam a fala das duas mulheres entrevistadas. Ainda que nem todas as questões, nem blocos foram trabalhados na análise, pensar os seus objetivos nos era importante para os recortes que foram efetivados e analisados no capítulo 4.

| |
|--|
| Questionário Entrevista semiestruturada: |
| Bloco 1 – Identificação como cidadã |
| <p>1 – Como posso te chamar?</p> <p>2 – Quantos anos você tem?</p> <p>3 – Onde e quando você nasceu?</p> <p>4 - Você tem algum tipo de documento pessoal?</p> <p>5 – Você é casada ou solteira?</p> <p>Se sim: vive com ele; é o único companheiro (ou já teve outro(s)); tem filho(s); onde vivem; como se sente em relação a eles)?</p> <p>Se não: por que não se casou? gostaria de ter um companheiro? tem filho(s)/gostaria de ter filhos?</p> <p>Nesse momento, o objetivo das questões relacionadas às rotulações civis buscava compreender como a moradora de rua se posiciona em relação ao seu reconhecimento como cidadã, uma vez que a partir da formação ideológica econômica, a cidadania está diretamente relacionada aos cadastros que identificam o sujeito por meio de um número que garante a ele “direitos” e “acessos”.</p> |
| Bloco 2 – Resgate de memórias |
| <p>6 – Você tem lembranças de infância, da sua família, de escola?</p> <p>Buscamos ouvir as narrativas sobre a trajetória das mulheres antes do espaço da rua. Partimos do princípio de que as memórias que emergem no recontar de um itinerário, constituem-se em fragmentos de uma formação discursiva que as recoloca num outro espaço-tempo e as identifica com a mulher outra, aquela que não pertence à rua.</p> |
| Bloco 3 – Pertencimento à rua |
| <p>7 – Há quanto tempo você está na rua? Você sempre morou nas ruas?</p> <p>8 – Você pode contar/explicar o que é viver na rua para quem não vive na rua?</p> <p>9 – Quais são os perigos das ruas? Do que você tem mais medo?</p> <p>10 – Qual foi a maior violência que você já sofreu (física ou psicológica)?</p> <p>11 – Do que você gosta na rua?</p> <p>12 – Você recebe algum tipo de ajuda (qual/de quem?)</p> <p>Por meio das questões, objetivamos entender a rua sob o olhar das moradoras, em contraposição aos discursos preconcebidos de quem fala sobre a rua (conforme explorada pelas mídias). Nesta seção, pretendíamos fazer emergir a compreensão das entrevistadas sobre a rua como uma escolha ou consequência. Abrimos o espaço para a articulação de sentidos sobre o cotidiano nas ruas, os medos, os perigos bem como os demais aspectos que descrevem o lugar rua para quem faz dele sua morada.</p> |
| Bloco 4 – Reconhecimento como mulher |

13 – Dizem que a vida para as mulheres é mais difícil. Você acredita nisso?

14 – Você se acha uma mulher bonita? O que você mais gosta em você? O que você não gosta em você?

Nosso objetivo foi refletir como se constitui a formação discursiva sobre questões da ordem do feminino na voz das mulheres, como se dá a construção da autoimagem naquelas condições, como a vaidade se faz presente e os cuidados com o próprio corpo.

Bloco 5 – Uma trajetória de sentimentos

15 – Você sente vergonha de alguma coisa?

16 – Você se arrepende de alguma coisa?

17 – Você tem raiva de alguma coisa?

18 – Do que você se orgulha?

19 – Se você encontrasse o gênio da lâmpada e tivesse a chance de pedir algo para mudar a sua vida agora, o que você pediria?

Consideramos que após os questionamentos anteriores, as entrevistadas que já se identificaram como cidadãs (ou não), olharam o seu itinerário, foram questionadas sobre a situação atual da rua e sua condição mulher, tem nas questões deste bloco um espaço para fazer emergir quais cadeias de sentidos se fazem presentes a partir de um conjunto de possibilidade de sentimentos: vergonha, raiva, arrependimento, orgulho, prazer, resignação, culpa.

Bloco 6 – O outro e o eu

20 – Quando as pessoas olham para você, o que você imagina que elas pensam sobre a sua vida? O que você responderia a elas?

21 – Como você se define? Quem é a (NOME)?

As questões deste bloco buscaram levar as mulheres a colocarem em cena a imagem que elas pensam que as pessoas fazem delas. O objetivo é compreender como os sentidos preconcebidos sobre si são avaliados pelas entrevistadas. Conseqüentemente, ao questionar sobre quem são, há a possibilidade de emergir a autopercepção delas, com a possibilidade de um deslize de sentidos sobre uma autoimagem definida na literalidade da situação que se vive vs. autoimagem que se contrapõe à condição de mulher que ocupa as ruas.

Bloco 7 – A percepção da fé

22 – Você acredita em Deus?

O espaço buscou acolher respostas sobre se há a presença de um discurso cristão e como ele se coloca frente ao cenário da situação de rua.

Bloco 8 – Felicidade hoje e amanhã

23 – Você se considera feliz?

24 - (Você acha que a entrevistadora é feliz? Por quê?)

25 – Qual é o seu sonho?

Os questionamentos buscam permitir uma reflexão sobre como a subjetividade das mulheres se mostravam atravessadas pelos valores da ordem do ideológico e dos ditames sociais, o que, no caso, provocaria o movimento de identificação (ou não) com as cargas de sentidos determinadas pelas narrativas sociais em relação ao que seja a felicidade, o sonho e, assim, propiciar uma reflexão de como elas, ainda que apartadas de um lugar social, se orientam pelos espaços de memória que se impõem a elas em função das suas condições de produção.

Bloco 9 – Eu tenho voz

24 - Se você pudesse dizer algo para todo o mundo ouvir, o que você diria?

25 – Você quer dizer alguma coisa mais antes de encerrarmos nossa entrevista?

Por fim, o espaço visava compreender o espaço final para que quaisquer questões mais que elas desejassem expor.

O roteiro acima foi o fio condutor das entrevistas, que, por serem semiestruturadas, não engessou o processo. Nas duas entrevistas, apesar deste norte, a condução seguiu muito mais pelo desenvolvimento da conversa, a interação e as possibilidades que eram criadas, sem perder de vista as questões acima de modo a garantir uma sequenciação necessária.

Os recortes para a composição do corpus em Análise de Discurso, como aponta Maingueneau (1993, p.78), são decididos pelo próprio analista, com argumentos adequados, sendo resultado de questionamentos associados a uma problemática e considerando a forma como ela emerge em determinado lugar, podendo ser “uma espécie de encruzilhada, que dá acesso a uma rede diversificada de fenômenos julgados pertinentes para compreender uma configuração mais vasta”.

Assim, constituição do corpus em Análise de Discurso, como a exploração dos materiais de trabalho, são definidas pelo próprio analista, considerando seus objetivos de pesquisa:

Nenhum recorte preestabelecido pode ser imposto ao pesquisador. E não pode constituir um objeto para os analistas do discurso, a não ser que eles extraiam dali formações discursivas, em função de hipóteses que guiam a pesquisa e do tipo de processamento que se pode aplicar ao corpus (MAINGUENEAU, 1993, p. 88).

O suporte metodológico da Análise de Discurso permite estudar o discurso considerando-se o processo discursivo, ou seja, o processo de produção do discurso em determinadas condições de produção. Portanto, o corpus da pesquisa está atrelado a fatores exteriores ao discurso, ao contexto histórico-social. Como afirma Pêcheux (2010 [1969], p.79)., é impossível, analisar um discurso como um texto “é necessário referi-lo ao conjunto de discursos possíveis a partir de um estado definido das condições de produção”.

A observação do dito que emerge da memória e do interdiscurso como aquilo que é dito antes, em outros lugares e estão diretamente relacionados com o que é dito, ou o que não é dito, ou ainda o que poderia ter sido dito e não foi, permite:

o saber discurso que torna possível todo dizer e que retoma sob a forma de pré-construído, o já dito está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma formação discursiva dada (ORLANDI, 2009, p. 31)

A relação do sujeito com a exterioridade implica no entendimento de uma interpelação ideológica, que tem o papel de constituir o indivíduo em sujeito. Este assujeitamento do sujeito indica que há formações ideológicas e formações discursivas que determinam a posição de sentidos de seus discursos. Assim, os discursos produzidos pelas moradoras de rua são analisados na relação desses sujeitos com a ideologia que os interpela, a prática social, o lugar social e as condições políticas-históricas de onde falam.

Desse modo, os trabalhos em Análise de Discurso podem

fazer emergir a necessidade de que os indivíduos que ocupam determinado lugar percebam certos enunciados como intoleráveis do ponto de vista deste lugar. O analista do discurso é, então, levado a se perguntar se a relação com tal adversário é um acidente exterior ou se é constitutiva da identidade de um pensamento (MAINGUENEAU, 1993, p. 101).

Na medida em que as sequências discursivas foram selecionadas, num movimento de reconhecimento do funcionamento do discurso, passamos à tarefa de buscar, a partir da materialidade da linguagem, interpretar e trazer à tona os efeitos de sentido do discurso e trabalhar a opacidade do dizer e a relação do simbólico com o político. Como aponta Orlandi, o analista não tem a pretensão de chegar à verdade do sentido, mas “determinar que gestos de interpretação trabalham a discursividade que é objeto de sua análise” (ORLANDI, 2004, p.25).

CAPÍTULO 2: A CIDADE E A RUA

A população de rua possui uma representação social atrelada à lógica do capitalismo que, enraizada aos valores neoliberais, condiciona o sujeito às condições de cidadãos apenas se vinculados à geração de valores monetários. “Na sociedade atual, a noção de cidadania liga-se à de consumidor, e o conhecimento relaciona-se a emprego, juntando mercado e trabalho” (ORLANDI, 2017b, p.238), numa perspectiva tão mecânica quanto maniqueísta.

O capitalismo liberal é aqui considerado uma formação econômica que, como nos apresentam Pêcheux (1995) e Haroche (1992), resulta na forma sujeito contemporânea, um sujeito “livre e responsável”, com deveres e direitos. Diferente do sujeito anterior (antes do Século XVI), com relações sociais atreladas à religião, a forma sujeito capitalista é atrelada ao Estado e suas leis, com características como o individualismo e o consumismo.

Desta maneira, aquele que está às margens deste sistema, dependendo de políticas sociais, evidencia, como descreve Faleiros (1991), a bondade do sistema e o fracasso individual. Ao mesmo tempo, Pereira (2007) apresenta que a população em situação de rua escancara as contradições básicas do capitalismo, ou seja:

A falácia de que todos possuem iguais oportunidades e a evidência de que, embora a produção seja social, a apropriação dos ganhos é sempre individual, sendo as pessoas em situação de rua testemunhas vivas de que a exploração e a desigualdade estão no cerne deste modo de produção (PEREIRA, 2007, p.200).

Em um sistema da lógica do consumo, o sujeito que não se enquadra no círculo da exploração socioeconômica através da venda de seu trabalho sofre a exclusão, representada muitas vezes pela ocupação do espaço urbano fora dos padrões de moradia em torno do abrigo ‘lar’. A rua é vista pela sociedade, sob a ótica do sistema capitalista, como uma consequência por parte daquela/daquele que não se esforçou o suficiente, que não estudou porque não quis, ou não trabalha porque não quer; “Porque cada um então se crê (e é encorajado a crer-se) dono falido de seu próprio destino, quando não passou de um número colocado pelo acaso numa estatística” (FORRESTER, 1997, p. 10).

Nesse sentido, o sujeito passa a ser o merecedor de ocupar o lugar da exclusão, da invisibilidade e do preconceito. As pessoas que ocupam as ruas

carregam representações sociais atreladas a esta condição e são, portanto, marcadas nominalmente de forma negativa. Basta um pouco de sensibilidade linguística para compreender os deslizes dos sentidos que revestem os seus corpos a partir de atributos como vagabundos, marginais, preguiçosos, bêbados, drogados, coitados, maltrapilhos, sujos, loucos e perigosos. São sujeitos que cheiram mal, andam mal, falam mal, estando sempre expostos a uma avaliação por parte daqueles que os olham e não os reconhecem igualmente humanos, dado que o “Sentido e os sujeitos se [constituem] ao mesmo tempo, eles têm sua corporalidade articulada, no encontro da materialidade da língua com a materialidade da história” (ORLANDI, 2017, p. 33).

Mesmo com a iniciativa do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS), não houve insistência em uma investigação ampliada sobre as reais condições que acabam levando à situação de rua. Em 2008, o Sistema Único de Assistência Social (SUAS) tentou obter informações específicas sobre o número de pessoas em situação de rua no Brasil e sua distribuição geográfica (BEZERRA et al., 2015; HALLAIS; BARROS, 2015; PAIVA et al., 2016).

Esta ausência de iniciativas que voltem os olhos às pessoas, e não aos números de quem vivem na rua reforça as diversas nomeações enfatizadas no imaginário coletivo em relação a esses sujeitos e “As representações sociais [...] reproduzem e cristalizam relações concretas de dominação” (MATOS E FERREIRA, 2004, p. 48), por meio de discursos que materializam realidades concretas que duramente castigam aqueles que estão à margem.

No caso dos sujeitos desse estudo, reitera-se que;

Há uma representação social institucional de que os moradores de rua são maltrapilhos, alcoolizados, sujos, que residem sob marquises, pontes, viadutos, sujeitos ao abuso de drogas, à exploração da sexualidade, da mão de obra barata associada à cata de materiais de reciclagem (papelão, latas, garrafas pet, etc.) e à violência urbana (GOMES FILHO, 2014, p.89).

Mas para refletir sobre eles é preciso pensar o espaço público da cidade e da rua. O que é a cidade? O que é a rua? Como estes espaços significam os sujeitos e ao mesmo tempo são significados por eles? Qual é o imaginário de cidade e da rua, em especial para Toledo, a cidade onde é desenvolvida esta pesquisa. Assim, problematizar estes espaços entre polos ora públicos, ora de exclusão é importante para contextualizarmos os sujeitos que neles vivem.

Orlandi, que tem estudado sobre a temática, aponta em **Cidade dos Sentidos** (2004) uma forma de compreender a cidade sob o olhar da Análise do Discurso. Atravessando os conceitos sociológicos, das Ciências Políticas e do urbanismo, a autora explora a rua e vai estabelecendo espaços de sentidos, conforme os autores aos quais recorre, como L. With (1979 apud ORLANDI, 2004, p. 12), que define a cidade como “um núcleo relativamente grande, denso e permanente de indivíduos socialmente heterogêneos”; ou como apresenta Weber (1979), isto é, como “um dos resultados e ao mesmo tempo como um pressuposto do desenvolvimento capitalista (idem); ou ainda como um “aglomerado de instituições políticas e administrativas especiais” (ORLANDI, 2004, p.12).

Sobre a rua, Frangella (2017) a situa no cenário urbano como protagonista da vida social:

Ambos os processos socioeconômicos e históricos que constroem a materialidade urbana e a atualização dinâmica de práticas sociais da cidade condensam-se na rua, e inspiram pensar tanto na sua condição agregadora e desordenada quanto na sua crescente inclinação para o isolamento e o anestesiamiento corporal (FRAGELLA, 2017, p. 9).

Este movimento é percebido, ao considerarmos o deslocamento dos efeitos de sentido de rua em diferentes situações. A rua pode significar o público, o comum, a pluralidade, o democrático e a totalidade. Porém, quando ela é compreendida como o espaço da moradora de rua e/ou população em situação de rua, outros efeitos de sentido emergem do interdiscurso, oriundos de uma memória discursiva que a compreendem como um lugar de exclusão, não pertencimento, isolamento e vulnerabilidade. Há, portanto, um interdiscurso determinante de uma memória, que, por sua vez, é constitutiva das condições de produção do discurso no sentido mais amplo. É nesse sentido que se pode dizer que um discurso está no plano da memória discursiva (o conjunto de coisas que podem ser ditas) que constitui o discurso.

A rua como um lugar de moradia e sociabilidade de quem nela vive, como se aplica aos sujeitos desta pesquisa, contrapõe-se ao ideal da cidade contemporânea.

À diferença da discursividade que faz o elogio do ‘fragmentário’ da modernidade, pensamos que a cidade põe o ‘olhar’ em movimento. O que se torna como fragmentário são os flagrantes (flashes), vitrines, sentidos em trânsito. A sensação de fragmentário é efeito da vontade de totalidade dada pela impressão (imaginária) de arredondamento da paisagem: totalidade abrangida e abrangente do olhar. De um olhar

organizado e organizador do urbano que é totalitário. A materialidade da cidade desorganiza esse lugar totalizador e, obrigando ao percurso/movimento, nos disponibiliza para uma outra apreensão de sentidos. Daí a necessidade de um método como o da análise de discurso para ir além desses efeitos de sentido e confrontar-se com o lugar em que esses sentidos se constituem, fazendo sentido, lugar em que o simbólico e o político se articulam na produção desses efeitos (ORLANDI, 2004, p. 29).

A cidade e a rua são materialidades, “A cidade é um espaço significante, investido de sentidos e de sujeitos, produzidos em uma memória” (ORLANDI, 2004, p.83). Pensando o lócus da pesquisa, a cidade de Toledo é considerada uma cidade de pequeno porte (com menos de 150 mil habitantes)⁹, que possui uma heterogeneidade de diferentes grupos sociais na composição da sua área urbana. Ela é representada por uma colonização mais homogênea, com fortes traços da cultura gaúcha, que fortalece alguns imaginários, sobre o trabalho, por exemplo. De economia predominantemente rural, o trabalho é sempre enaltecido e vinculado à valorização das pessoas, tanto que a cidade carrega ao hino, “Toledo cidade labor”.

Imaginário que conseqüentemente é presente em outros discursos, subsiste em Toledo, por isso, um imaginário social de urbano que situa a cidade e a rua como conceitos atravessados por relações sociais-morais-culturais que implicam em certa valoração, o que, para as questões desse estudo, traça uma linha imaginária entre quem pertence e quem não pertence ao espaço urbano, em especial, a relação ao trabalho, como dito anteriormente.

A questão de a rua ser tida como uma consequência para quem não é esforçado o suficiente fica evidente em Toledo. A relação com a rua e o urbano fica nítido na cidade, que passa por práticas higienistas frequentemente, buscando deixar o município sempre seguro e próspero ou nas campanhas frequentes do poder público ou até mesmo da sociedade civil organizada para coibir a prática de “esmola”, já que esta contribuiria para a permanência dessas pessoas na rua.

Desta forma, o urbano, a cidade e a rua comportam efeitos de sentidos atrelados a uma memória e uma formação discursiva, que, por hora, entende-se como capitalista e higienista. Com seus espaços comuns de coletividade (interação em parques e costumes locais resgatados de uma cultura que busca se identificar com os antepassados europeus) a moradia ou qualquer outra relação como o do trabalho se

⁹ Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Toledo_\(Paran%C3%A1\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Toledo_(Paran%C3%A1)). Consultado em: outubro de 2021.

dá filiada à formação discursiva do labor comungada pelo imaginário de uma cidade segura. Isso resulta numa forma de conceber, olhar e sentir os sujeitos moradores de rua como díspares dos demais sujeitos que legitimamente pertencem à cidade.

Portanto, se temos o urbano como um lugar comum em um imaginário social, formulado, repetido e estabilizado por meio dos discursos de dominação, temos este mesmo espaço como o de segregação, resultado da verticalidade da formação social urbana, que, conforme apresenta a autora, determina fronteiras, muitas vezes concretas, outras invisíveis. Fronteiras marcadas pelo sistema de classes, pela desigualdade socioeconômica e pelos interesses do capital que significam os sujeitos, tanto o que estão dentro como os que estão fora das fronteiras do pertencimento (ORLANDI, 2004).

Percebemos que a relação das cidades com os sujeitos que a habitam é constitutiva: “No território urbano, o corpo dos sujeitos e o corpo da cidade formam um, estando o corpo do sujeito atado ao corpo da cidade, de tal modo que o destino de um não se separa do destino do outro” (ORLANDI, 2004, p. 11).

Nesse sentido, pode-se dizer que os moradores de rua não se apropriam do urbano. Na rua, não possuem portas, janelas, muros que os colocam em um lugar privado/privativo. Eles não se “utilizam das ruas” e depois retornam para suas casas. Estão nas ruas e às margens, estão fora de todos os ambientes da cidade, já que todos eles, sejam públicos ou privados, cerram a entrada a sua presença. Assim que o sujeito que vive nas ruas situa-se duplamente do lado de fora: da casa concreta e daquela que simbolicamente o é, a rua; a rua não lhes pertence:

Na contramão do silenciamento, a Análise de Discurso, ao contrário, propõe expor o olhar à opacidade do sentido e do sujeito, procurando observar, no sentido de acolher, a sua espessura semântica. Isso significa aceitar o não-sentido, a desordem, os sentidos outros. Isso significa dar lugar e tempo para a indistinção, a ambiguidade, a hesitação dos sujeitos na relação entre o público e o privado, entre o que é processo de individualização dos sujeitos pelo Estado e os processos de socialização, entre aquilo que, na sociabilidade, é inclusão, é segregação, e o que é conflito (ORLANDI, 2004, p.66).

Encerramos, pois, esse momento, com uma breve reflexão sobre como a cidade e a rua figuram simbolicamente neste trabalho. As impressões pinçadas atravessam o olhar da pesquisadora e, por isso, é constitutivo da prática de interpretação dos discursos em análise, conforme é apresentado no capítulo 4.

CAPÍTULO 3: O CORPO DA MORADORA DE RUA

Para esse momento, partimos do princípio de que o corpo significa como materialidade simbólica na qual se inscrevem processos de significação. Podemos dizer que ele é investido pela ideologia. Ser homem ou ser mulher, antes mesmo de os sujeitos pela linguagem anunciarem quem são, o corpo se faz discurso e impõe uma identidade aos sujeitos.

Entre as discursividades que no corpo se abrigam, as diferenças que os definem produzem sentidos sobre ele: há o corpo preto vs. o branco, o corpo gordo vs. o magro, o corpo que veste boas roupas vs. o corpo maltrapilho, o corpo protegido por um lar vs. o corpo coberto de papelão. E, assim, passamos a olhar para os corpos que habitam os espaços sociais diferentemente. É o caso do corpo da mulher moradora de rua.

No caso dos sujeitos da nossa pesquisa, ainda que tenhamos em mira um corpo de mulher, ele é revestido por outros sentidos em consideração à posição-sujeito que o inscreve numa história menos valorativa.

Nessa perspectiva depreciativa sobre o sujeito em situação de rua, há um preconceito desumanizador. Nesse sentido, desejamos problematizar o fato de que haveria por parte dessas mulheres um distanciamento de uma formação discursiva da feminilidade: afinal, qual é o espaço do discurso da vaidade, da beleza e etc. quando o sujeito é um corpo na rua?

Compreendemos que “o indivíduo, interpelado em sujeito pela ideologia, traz seu corpo por ela também interpelado” (ORLANDI, 2017b, p.87), pois, mesmo na condição de miserabilidade, o sujeito não rompe com o que é ideologicamente alimentado pelo social, no caso, a autopercepção está diretamente relacionada com a expectativa do outro. Essa questão do olhar a respeito de si foi organizada a partir das SDs abaixo. O objetivo é refletir sobre como essas mulheres mostram no discurso as marcas de uma memória que mais as aproxima do que as distanciam de uma concepção de feminilidade comum às condições de produção de seus discursos.

Nesse sentido, desejamos mostrar como certos dizeres se organizam na voz das moradoras de rua quando elas são levadas a falarem sobre seus corpos. Problematizamos, portanto, como os corpos desses sujeitos se dizem na medida em que eles são marcados por não corresponderem ao corpo do cidadão comum, ou seja,

o sujeito de direitos e deveres, conforme explica Orlandi (2017), ao tratar do processo de individuação.

Parte-se da compreensão de que os corpos dessas moradoras de rua refletem, ao passo que refratam efeitos de sentidos que subvalorizam sua condição sujeito mulher. À margem dos discursos estabelecidos e estabilizados pelos discursos dominantes sobre o que significa ser cidadão na sociedade, vemos atrelado à imagem do corpo dos sujeitos um valor moral, social e até mesmo humano. Portanto, no caso das moradoras de rua, cujo corpo traz colado à sua identidade o seu não pertencimento à sociedade, o que sobra é o espaço da privação e da exclusão.

Não há corpo que não esteja investido de sentidos e que não seja o corpo de um sujeito que se constitui por processos nos quais as instituições e suas práticas são fundamentais para a forma com que ele se individualiza, assim como o modo pelo qual, ideologicamente, somos interpelados em sujeitos, enquanto forma sujeito histórica (em nosso caso, capitalista) (ORLANDI, 2017, p. 93).

Neste processo de interpelação do corpo dos sujeitos moradores de rua que fala por si, decorre o silenciamento do próprio sujeito, visto que o corpo se anuncia antes de o sujeito falar de si. Diferente de outras posições-sujeitos ocupadas pelas mulheres (jornalista, professora, estudante, diarista), a moradora de rua não é questionada sobre sua qualificação profissional, por exemplo, pois ela estampa uma identidade: ela é (simplesmente) moradora de rua. E, assim, como o corpo que se apresenta como parte da sua constituição como sujeitos, da mesma forma ocorre com a linguagem. E essa materialidade coloca a expressão corpórea ao equívoco, na falha, nas contradições.

A reflexão, portanto, busca mostrar como esses corpos se anunciam pelo sujeito na materialidade de seus discursos e, assim, revelam como o inconsciente que emerge de uma memória discursiva os atrela aos ditames da sociedade que os exclui e silencia, dirimindo por um lado uma distância do corpo físico e aproximando, por outro, as mentalidades.

Segundo Lagazzi (2010), ao entendermos que a materialidade para a análise de discurso é o modo significativo pelo qual o sentido se formula, onde a ideologia funciona pelo inconsciente na relação do real com o imaginário, tem-se o corpo como uma materialidade não-verbal, que produz efeitos de sentidos em função das condições de produção. Assim, o corpo é revelador do espaço da enunciação, é “ao mesmo tempo o efeito das relações de lugar nas quais se acha inscrito o sujeito e a

‘situação’ no sentido concreto e empírico do termo, isto é, o ambiente material e institucional, os papéis mais ou menos conscientemente colocados em jogo, etc.” (PÊCHEUX, 1997, p. 170-171) marcam o corpo, constituindo-o como materialidade enunciativa.

O corpo, então, é forma material revestida de sentidos e se afasta da compreensão empírica ou biológica que o trata como um corpo natural e transparente, que diria, apenas, que somos todos humanos e estamos marcados pelos traços biológicos que nos distingue por pertencermos ao gênero feminino ou masculino.

Frangella e Rui (2017), citando Almeida (1996), estudam a relação entre os corpos e a cidade e trazem da antropologia uma compreensão para a percepção do corpo social. Segundo os autores:

O legado de Mauss e de outros autores clássicos desloca o peso de uma visão ‘naturalista’, que privilegiava a materialidade dos corpos, para uma visão ‘culturalista’ que enfatizaria que os corpos são ‘construções sociais’ que mobilizam codificações simbólicas variadas, criando uma Antropologia do corpo cuja base incide com ‘forte ênfase nos usos metafóricos e metonímicos dos símbolos naturais na reprodução da ordem social e na projeção do corpo como sistema classificatório (FRANGELLA; RUI, 2017, p. 25-26).

Ao encontro dessas reflexões, Orlandi (2017, p. 85) explica que o corpo se configura como uma historicidade da existência, um corpo político-simbólico investido de sentidos e presente na formação social como materialidade específica do sujeito. Ao evocar uma memória, este corpo deixa de ser visto como físico ou empírico para ser entendido como objeto simbólico, em um processo de significação e de atravessamento ideológico, ao passo que “o corpo também é discurso”.

Segundo Ferreira (2013), o corpo é compreendido na análise de discurso associado à noção de ideologia pela sua estreita relação com o assujeitamento, resultando em um dispositivo de visualização do sujeito, suas circunstâncias, sua historicidade e a cultura que o constituem: “Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível” (FERREIRA, 2013, p. 105).

O corpo das mulheres moradoras de rua são materialidades que se apresentam revestidas de sentidos. As roupas, a pele, os dentes, o cabelo, as unhas, os olhos, as pernas, os pés, a postura; também as cicatrizes, as rugas, os pelos, o cheiro são

indícios de um distanciamento literal entre a mulher-cidadã e a mulher-moradora de rua. Ambos são corpos interpelados. O primeiro, pelas sombras da cultura capitalista que reveste a mulher cidadã consumidora; o segundo, pela mesma sombra, mas que desliza sobre outros efeitos de sentido: a moradora de rua é o corpo à margem, silenciado, cuja vulnerabilidade não se deseja ver. Cleuza e Estela apresentam em seus discursos efeitos de sentidos sobre como estar na rua coloca seus corpos às margens, como veremos no capítulo seguinte.

Podemos afirmar, então, que seus corpos implicam numa identidade dessas mulheres que as fazem significar e serem categorizadas como sujeitos moradora de rua. Ser da rua implica pertencer a uma rede de significantes que deslizam e metaforicamente unificam uma identidade marcada pela ausência: da roupa limpa, do cabelo lavado, do cheiro agradável.

Desta forma, a mulher moradora de rua se afasta do pré-construído já estabelecido pelo imaginário de mulher a partir de uma memória oriunda de formação ideológica patriarcal e higienista. Nessa formação social ideológica, os corpos das mulheres são esbeltos, a pele é bem cuidada, os cabelos são sedosos, as unhas pintadas, os dentes são brancos, o cheiro é de perfume e as roupas são limpas.

Entre a mulher pertencente ao sistema capitalista e a mulher moradora de rua temos a diferença marcada pela materialidade corpórea. Nessa mirada, ambas são aprisionadas e respondem à mesma conjuntura, pois, no caso, algumas são alimentadas pelo sistema, enquanto outras são desabrigadas pelo mesmo sistema, ambas estão inseridas em uma conjuntura capitalista e inscrevem as marcas (da desigualdade) dessa formação social. A segregação exclui a moradora de rua socialmente, mas não da conjuntura mais ampla.

Passamos, então, aos enunciados de Estela e Cleuza, cujos corpos, segundo a esteira de reflexões que nos sustentam, são constitutivos da identidade e da vida que levam. Há neles marcas da violência e da segregação. Sem um espaço privado que permita a elas proteção de suas intimidades e o acesso aos atos de autocuidado, estéticos e de saúde, a rua expõe as duas mulheres a situações de fragilidades físicas, sociais e econômicas. Seus corpos refletem uma história de mazelas. As ruas significam seus corpos e seus os corpos as fazem significar:

Na relação entre corpo e cidade, a condição de precariedade aparece como fundamental. Ela evidencia a forma como as condições

socioeconômicas, bem como as imposições do poder urbanístico sobre determinados sujeitos vão moldando e sendo moldadas por corpos objetos resistentes e tendo paisagens urbanas redesenhadas (FRANGELLA; RUI, 2017, p. 31).

Esse posicionamento dos corpos na sociedade, abrigados vs. desabrigados, apresentam-se como uma forma de resistência ao imaginário social. Se consideramos que o corpo significa, as mulheres que moram nas ruas evidenciam características corporais que buscam contrariar o controle capitalista (e também patriarcal) sob os corpos femininos. Como exposto acima, o corpo como materialidade discursiva coloca as mulheres em situação de aprisionamento: umas por falta de acesso aos bens básicos de consumo, como as mulheres entrevistadas; outras, por estarem no sistema e interpeladas a responderem a eles por meio de uma cobrança sobre os seus corpos.

Assim, tem-se que o corpo pode ocupar espaços sociais diferentes, mas escancaram aprisionamentos impostos pelo capitalismo. Como estabelece Foucault (1987), a relação entre os corpos, o discurso e o poder os investem, os marcam e os assujeitam. Estabelecendo o elo entre o corpo como materialidade política frente à sua utilidade econômica, o corpo é uma força de produção que é investido de poder e saber.

Essas relações de poder sobre os corpos levam à reflexão sobre outra forma de dominação. Segundo Orlandi (2017, p. 95), o corpo dos sujeitos é entendido como “um corpo produzido pela ideologia capitalista”, o que significa que deve funcionar pelos modos de produção da vida material que condicionam o conjunto dos processos da vida social e política, ou seja, atrelado à lógica de produzir e consumir.

Diante disso, o corpo como lugar material e social do sujeito, no caso das moradoras de rua, tornam-se, também, seus discursos, reitera-se. Os corpos falam por si e as condições de produção de sua forma-material na sociedade silenciam os sujeitos. A materialidade corpórea das duas moradoras, ou seja, as características físicas que as assolam, as colocam num lugar onde há pouco, ou nenhum espaço de fala. Por vezes, esses sujeitos parecem quase mimetizados às ruas, tomando a forma da invisibilidade e do estorvo numa sociedade que os rejeita e deseja torná-los inaudíveis e imperceptíveis, o que é impossível, visto que em definitivo, os moradores de rua ocupam um espaço físico: eles vivem nas ruas, afinal.

Devemos ter em mente que o nosso corpo já vem significado, com sentidos já dados, estabelecidos e estabilizados. Orlandi (2017) exemplifica com a imagem que

se tem sobre como seja um corpo ocidental ou oriental, um homem pobre ou rico. No caso deste estudo, trata-se de olhar para as mulheres que moram nas ruas vs. as mulheres que possuem um lugar privado para habitar e, então, já há imagens estabelecidas: “em sua materialidade, os sujeitos textualizam seu corpo pela maneira mesma como estão nele significados, e se deslocam na sociedade e na história: corpos segregados” (ORLANDI, 2017, p. 87)

Quando se trata do corpo da moradora de rua os sentidos construídos passam pelo olhar de segregação e, conforme já exposto, eles recebem uma nomenclatura negativa, pois não são bonitos de serem olhados por olhos que refletem imaginários estabilizados. Como essas mulheres significam os seus corpos já significados? Com esse questionamento e a partir das reflexões anteriores seguimos para o capítulo de análise.

CAPÍTULO 4: MORADORA DE RUA: (DES)CONSTRUINDO SENTIDOS

O capítulo quatro apresenta as seções de análise a partir de sequências selecionados das entrevistas com as moradoras de rua, Cleuza e Estela. Para este momento, procedemos a um recorte das entrevistas a fim de compor o conjunto de SDs a serem analisadas no que tange às seguintes relações:

- o espaço da rua: como as moradoras olham para a sua condição e a leem: trata-se de uma escolha ou é uma fatalidade? É uma condição passageira ou crueldade do destino? A rua é um espaço de exclusão, ou se constitui numa forma de pertencimento?
- o ser mulher: como elas se colocam frente a um discurso sobre a vaidade feminina; estar na rua implicaria numa outra leitura sobre o autocuidado? Temas como família e maternidade são reconfigurados? Quais os efeitos de sentido de vulnerabilidade diante do espaço aberto em que se encontram: na rua, afinal, mora-se com o perigo? E, a felicidade, como se traduz num quadro de condições adversas?
- ao outro: que imagem as duas mulheres constroem em relação à imagem que acreditam despertar no outro?

Por meio dos eixos temáticos destacados acima e as SDs selecionadas, lançamos nosso olhar para as aproximações e os distanciamentos sobre o discurso das duas mulheres em relação a uma memória que já as diz. Se, por um lado, as duas mulheres encontram-se segregadas da sociedade e, portanto, elas colocariam em cena um discurso de distanciamento de um universo de sentido que não pertence à rua, por outro lado, seriam elas atravessadas por uma memória discursiva responsável pela reprodução do funcionamento das relações sociais? No espaço entre o dito e o não-dito, haveria alguma prática de resistência?

4.1 A RUA

A rua para esses sujeitos é mais do que o espaço público. A partir de uma formação discursiva jurídica e estatal, a rua provoca efeitos de sentido de espaço público ao espaço de ninguém, de violência à segregação, antagônico à casa, lugar

comum (ORLANDI, 2004). Assim, a relação público e privado agrega sentidos políticos e sociais estruturados pelas relações de poder, em especial, o econômico.

4.1.1 Escolha vs. fatalidade

Suposições, achismos e julgamentos costumam acompanhar o olhar para os sujeitos que estão nas ruas. Quem está dentro de um lar, com todo o conforto que este oferece, tende a não entender a situação de precariedade de uma vida nas ruas. Como dito anteriormente, em uma sociedade atravessada por ideologias que leva a crer que aquele que está excluído é não merecedor, a rua geralmente é vista como uma consequência. Pode ser dos excessos ou da falta: da falta de vontade de trabalhar, da falta de esforço, da falta de dedicação, da falta de estudo, da falta de fé. E do excesso: de álcool e de outras drogas, do excesso de farra, de desprendimento de si e do aporte material.

Olhados de fora, os sujeitos na rua podem parecer seres diferentes: sobrevivem ao sol, à chuva; ao olhar alheio, à falta. Para os sujeitos 'normais', pagadores de impostos, e cidadãos, como conceber uma vida sem endereço (ou de todos os endereços)?

Passando ao corpus, Cleuza e Estela são questionadas sobre como chegaram à situação de rua.

SD 1: Cleuza

C: Eu separei do pai do meu filho, ele pegou, ele tava fumando pedra, fumando maconha, essas coisas; falei pra ele:

- "Isso qui não leva saúde pra ninguém né?"

- "Uai, se tu quê tal da saúde, então cê vive"

- "Eu vou vender as coisas então, eu vou morar na rua então"

Peguei vendi minha casa, vendi tudo.

P: E veio morar na rua?

C: Vim morar na rua.

É, depois brigou, peguei vendi minha casa, vindi tudo.

P: E era muita briga? Começou a dar muita briga?

C: É, depois brigou, peguei vendi minha casa, vendi tudo.

SD 2: Cleuza

P: E foi muito difícil pra você, como que foi esse? Por exemplo, você saiu de casa, chegou na rua, e aí?

C: Saí de casa né, eu *memo* saí. Eu saí, vendi a casa.

Podemos dizer que a escolha feita por Cleuza (*É, depois brigou, peguei vendi minha casa, vindi tudo*) se dá a partir de um fato que a justifica (o marido usa drogas

e é violento, o que a fez abandonar o lar), o que remete a vida nas ruas como consequência de uma fatalidade (a infelicidade de um mau casamento). Assim, podemos dizer que o ocupar as ruas provoca, no mínimo, dois efeitos de sentido: a rua como saída (uma opção considerada pelo sujeito, uma alternativa e decisão pessoal) e a rua como fatalidade, ou seja, uma consequência em vista das adversidades da vida.

No discurso de Cleuza, fatos e escolhas se fazem presentes na resposta ao questionamento de como chegou à situação de rua. Abaixo, separamos os enunciados, de modo a visualizá-los como pertencentes a duas formações discursivas distintas (fatalidade *versus* escolha) resultantes de uma mesma formação ideológica (o espaço determinante da enunciação).

| Fatalidade | Escolha |
|---|---|
| Eu separei do pai do meu filho | falei pra ele: Eu vou vender as coisas então, eu vou morar na rua então". |
| ele pegou, ele tava fumando pedra, fumando maconha, essas coisas; | Peguei vendi minha casa, vendi tudo. |
| É, depois brigou. | Vim morar na rua. |
| | Saí de casa né, eu <i>memo</i> saí. Eu saí, vendi a casa. |

Cleuza passou por situações na vida que a levaram/requereram a fazer escolhas/tomadas de decisão. Poderiam ser os fatos que a levaram à rua: brigas com o ex-companheiro, o uso de drogas, a separação, a venda da casa. Porém, no último enunciado, Cleuza diz: “*Saí de casa né, eu memo saí*”. Neste enunciado, temos uma tomada de posição, uma saída. Ao trazer para si a decisão de saída de casa e tendo colocado à venda, ela deixa a posição de quem sofre a ação e passa para outra posição que simula uma escolha.

Os pronomes e verbos reiterados nas SD1 e SD2 evidenciam esse sentido (eu/sair). Sua história é reveladora de uma condição de abuso não aceita e mostra uma mulher não complacente, contudo, sem a sustentação necessária. Nas brigas iniciais com o ex-companheiro, ela o avisava (ameaçava): “*Eu vou vender as coisas então, eu vou morar na rua então*”. Novamente, o destaque fica por conta do uso do pronome em primeira pessoa. E o discurso se mantém, ao retomar o desfecho após aquela que seria a briga final: “*Peguei vendi minha casa, vendi tudo, vim morar na rua*”. Escolhas frente aos fatos que gritavam por uma fuga: foi ela que vendeu, ela foi morar: sua escolha?

O efeito de sentido construído como justificativa para morar na rua como uma decisão pessoal por parte de Cleuza é enaltecido pelo termo *tudo*. O *tudo* é, discursivamente ressignificado na palavra casa. Para quem vive na rua, a casa em que morava antes, o seu teto, o seu lar – vendido –, por decisão própria (ou não) é suspenso numa outra dimensão: a casa é *tudo*. Com a casa vendida, percebemos que não restou nada. Na verdade, apenas a rua, o *nada*. Podemos refletir o efeito de sentido do peso entre o *tudo* (a casa) e o seu avesso, o *nada* (rua). Na reiteração, “*Vendi minha casa, vendi tudo, vendi a casa*”, que intercala *casa, tudo, casa* marca o quadro da ação: a perda definitiva.

A repetição no fio discursivo do que soa como escolha.

aponta para uma instabilidade interna do discurso ligada a ilusões de incompletude, literalidade, universalidade (...) e também a faltas, carência de ordem imaginária ligada à insuficiência das palavras diante da busca infrutífera por uma bem-sucedida definição subjetiva e à provisoriedade de espaços de memória diante dos acontecimentos que os expõe a conflitos em torno dos sentidos que tentam organizar/regularizar (BRAGA, 2017, p. 83-81, apud VINHAS, 2019, p.76).

Na tentativa de organizar o sentido do seu dizer, Cleuza encontra na repetição uma maneira de reiterar a decisão de estar na rua e mostrar que está do lado certo da vida. Diferentemente de Estela, esta ao responder a mesma questão, trouxe-nos como discurso para reflexão o seguinte:

SD 3: Estela

E: Sempre tive minha casa, minha moto, criei minha filha sozinha, foi uns lances aí da vida que bagunçou tudo.

P: Uhum e o que aconteceu assim pra você parar na rua?

E: Ai, a princípio foi a crise da Dilma.

P: Hum.

E: Ganhei um pé na bunda da empresa. Continuei trabalhando de diarista, mas quebrou mais da metade do meu orçamento né, pra quem criava uma filha sozinha. E daí eu sofri, daí faleceu meu irmão, quando fez um mês que ele faleceu eu sofri um acidente, perdi um dedo do pé. Fiquei seis meses daí, como eu *tava* de diarista assim as coisas foram ficando cada vez pior. Aí eu fui para Joinville, que eu morava em Guaramirim, querendo ficar perto da minha família né, minhas irmãs e foi pior, entendeu?

Pra mim foi ruim né. Daí eu acabei indo pra boate pra *interar* meu orçamento, eu recaí no pó, na droga. Eu *tava* treze anos sem usar droga. Eu recaí na droga.

Daí eu quis me tratar e vim para cá e foi pior.

SD 4: Estela

E: Pois é, mas o pai mandou mensagem para *mim* vir cuidar dele eu disse pai vem pra cá porque o pai é aposentado. Ficou três dias sem me responder. Eu me conhecendo, do jeito que conheço, sou ruim, mas também sou boa, eu falei: - “Não, vai acontecer alguma coisa com essa criatura eu vou ficar com a consciência pesada”.

O que eu conquistei em seis anos, gurria, trabalhando sozinha igual um cavalo, eu vendi em três *dia*.

No discurso de Estela, a rua não aparece como uma escolha provocada pelo outro. Na SD3, ela remete a condição de estar na rua como consequência de ações de terceiros que provocaram os acontecimentos: a crise política, a demissão da empresa, o falecimento do irmão, o acidente sofrido e, por fim, a recaída nas drogas. Temos uma sequência de fatos que colocam a situação como consequência dos acontecimentos que irromperam em decisões ruins.

Estela também faz menção aos bens materiais deixados para trás, pertencentes à vida antes da rua, ou seja: na explicitação de um antes que reporta a uma condição de vida normal e de um depois; assim, uma memória de que a vida nem sempre foi na rua é fixada no fio do discurso: “*Sempre tive minha casa, minha moto, criei minha filha sozinha. Foi uns lances aí da vida que bagunçou tudo*”, fatalidades que fazem circular efeitos de sentido sobre a rua e que polarizam para a própria enunciadora o que é a posição de morador de rua e não morador. A rua aparece como lugar de quem não tem bens materiais, cuja vida é desestruturada. Para quem teve o próprio veículo (moto), casa, criou a filha sozinha, a rua é uma fatalidade das *bagunças da vida*.

Estela, sujeito então constituído por uma formação discursiva burguesa e interpelada pela ideologia que valoriza o sujeito em vista da objetificação do ter, ao retomar sua história, deixa explicitadas as dicotomias que a separam do lugar de aceitabilidade outrora já experienciado com a vida na rua. O somado em anos, mas vendido em pouco tempo, levando-a ao nada a faz transitar entre formações discursivas antagônicas: ter é ser; não ter é deixar de ser. Como ocorre com Cleuza, Estela vincula o que tinha de bens materiais às suas conquistas. Quando ambas relacionam a questão material ao seu tudo, “A referência discursiva do objeto já é construída em formações discursivas (técnicas, morais, políticas...) que combinam seus efeitos em efeitos de interdiscurso” (PECHÊUX, 2015, p. 158).

O retorno ao “tudo” é efeito já construído anteriormente em relação ao espaço urbano, ao limite privado e público e estabelecido pelo já-dito. Assim, o espaço da rua

para elas, sendo escolha ou fatalidade transita pela memória discursiva. Se Cleuza decidiu vender sua casa e ir para a rua, após as adversidades da vida, e Estela passou por várias situações que a levaram a este espaço, ambas carregam o peso de estarem hoje na contramão do “tudo”. Contramão que vem de fora e de algum juízo subjetivo.

4.1.2 Passagem vs. destino

De caminhos diferentes, por escolha ou como saída, esses sujeitos estão em um espaço não legitimado pelas instâncias sociais e públicas: a rua. Como mencionado anteriormente, a rua é vista como um lugar de segregação e ausência ou carência de bens materiais relacionados a uma moradia, podendo gerar pré-construídos sobre os sujeitos e suas relações com a destituição material. As representações imaginárias sobre os moradores de rua resultam de processos discursivos anteriores, de sentidos estabilizados por contextos sócio-históricos e políticos e que são percebidos nos discursos dos próprios sujeitos.

A pessoa que mora na rua teria desapego de uma casa, de um lar, de uma moradia? Seria este espaço o destino de quem poderia mais do que ser um excluído do sistema econômico, ser um resistente a este sistema que, como aponta Faleiros (1991), aliena a todos que se colocam a seu serviço? O morador de rua teria este lugar como um destino onde permanece e toma o espaço público como seu? Ou não? A rua acarreta também o significado de fracasso, frustração e cobrança por não ter conseguido manter ou ter uma casa? A rua é encarada como passagem para esses sujeitos, que mantêm o objetivo e o sonho de voltar ao conforto de uma casa?

A rua tem seus efeitos de sentido evidenciados nos enunciados de Estela e Cleuza também quando falam sobre seus sonhos, arrependimentos ou situação atual. Em condições de produção semelhante, mas com tempos de permanência na rua distintos, essas mulheres apresentam em algumas SDs, sentidos construídos historicamente pelo atravessamento do inconsciente e da ideologia.

Podemos perceber na relação casa e rua o funcionamento da memória discursiva, definida como,

aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos transversos e etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 1997, p. 52).

A memória traz para os sujeitos um jogo discursivo em que confronta o real com o simbólico, o que significa o espaço onde estão. Porém, a rua também passa a ser para elas agora mais do que um lugar, mas sim constitutiva da sua condição de produção, pois subjetiva esses sujeitos; faz emergir ou silenciar outros sentidos, reforça ou faz deslizar sentidos estabilizados. O que buscamos analisar sobre a permanência desses sujeitos na rua é: quais os efeitos de sentido que passam a ter este espaço, significado como passagem ou destino?

SD 5: Cleuza

P: Se você pudesse dizer alguma coisa, assim, hoje a gente vai parar o Jornal Nacional pra você falar, o que você falaria?

C: Ah eu falava um monte né, pra *mim* sair da rua, pra mim, eu quero uma casa pra mim morar. Ponto, já era.

Eu queria uma casa pra *mora*.

O Batatinha *chega* aqui agora e me *filma* aqui eu falava:

- "Não, eu quero uma casa pra *mim mora*, eu quero sair desse inferno aqui ô".

SD 6: Cleuza

P: O teu sonho então é sair da rua?

C: É sair da rua e tivesse uma casa pra *mora*.

SD 7: Cleuza

C: Então, eu gosto de ficar na rua porque eu não tenho moradia, se tivesse uma casa pra mim ficar...dentro.

Cleuza coloca a casa como prioridade em seu discurso em três situações: na oportunidade de fala, como sonho e pelo motivo de gostar da rua (porque não tem casa). Porém, a condição atual não limita o desejo pela casa. Afinal, o funcionamento discursivo em torno do termo *casa* traz consigo sentidos estabelecidos pela memória discursiva como um lugar tranquilo, espaço de paz, segurança e felicidade: ela sonha "*É sair da rua se tivesse uma casa pra mora*". Ela se contenta com a rua, mas, ainda assim, reitera o desejo: "*Então, eu gosto de ficar na rua porque eu não tenho moradia, se tivesse uma casa pra mim ficar...dentro*". E ao passo que se mostra resignada, a revolta emerge, pois a rua é o inferno: "*Não, eu quero uma casa pra mim mora, eu quero sair desse inferno aqui ô*".

Abaixo, os efeitos de sentido que são atrelados aos termos *casa* e *rua* a partir da fala de Cleuza, refletem os seguintes polos:

| CASA - Sentidos de | RUA - Sentidos de |
|--------------------|----------------------|
| Paz | Guerra |
| Sonho | Realidade |
| Felicidade | Tristeza |
| Desejo | Repulsa |
| Segurança | Vulnerabilidade |
| Tranquilidade | Medo |
| Céu | Inferno |
| Escolha | Falta de alternativa |
| Moradia | Sobrevivência |

Na posição-sujeito de mulher moradora de rua, o espaço onde Cleuza vive possui efeito de sentido que fortalece pré-construídos para Cleuza. O seu real e as suas condições de produção imediatas reiteram a incidência do já-dito sobre a rua. Mais do que um interdiscurso que deixa dito que este espaço é hostil, ela encontra no dia-a-dia situações que colocam a rua em processo de significação de convergência com a memória, fazendo com que mesmo que tenha sido sua escolha, seja vista hoje como um lugar de passagem e não como um destino final.

O real é também vestido em simbólico por Estela, que está há menos tempo na rua do que Cleusa, mas também a significa a partir de sua condição de produção, como vemos nas SDs seguintes:

SD 8: Estela

E: Vai passar, eu tô vendo um servicinho, eu não queria ficar aqui eu queria voltar *pra* Santa Catarina. Mas eu não quero voltar *pra* lá sem dinheiro, entendeu?

SD 9: Estela

E: Deus abençoe que eu melhore, que tudo isso seja passageiro que eu já tive muito na vida.

Eu já ganhei mais de R\$ 4.000,00 por mês em Santa Catarina (chora).

P: Se hoje você encontrasse assim, o Gênio da Lâmpada o que você pediria para ele?

E: O Gênio da Lâmpada? (ri) Aí meu Deus...

P: O que ele poderia mudar na sua vida?

E: Ai cara, meu emprego. É o começo de tudo.

SD 10: Estela

P: Você sente vergonha de alguma coisa?

E: Sinto

P: Do quê?

E: De mim mesma, da situação em que eu me encontro.

SD 11: Estela

P: E você se arrepende de alguma coisa?

E: Ah, de ter vindo para cá, de ter vendido minhas coisas. Sinto tanta falta da minha casa menina, minha casa era tão aconchegante, meu sofá era novo, minha TV era nova, minha geladeira era nova, tudo era,

tudo novinho. Eu comprei tudo à vista, eu trabalhava de diarista e de costureira, eu ganhava muito bem eu não precisava fazer crediário, entendeu?

Eu sinto falta do aconchego da minha casa, por mais que eu pagava aluguel.

SD 12: Estela

E: Meu sonho é de voltar, ter minha casinha de novo, minha motinha de novo, vai saber se a minha filha não vai me dar um neto logo?

Há indícios nas SDs de Estela que levam à interpretação de que para ela a rua é passageira. Comparando as realidades de um antes e a condição atual, ela coloca as esperanças em um emprego que a tire da rua e, assim, revive o sonho de ter uma casa. Na autocomplacência, ela investe as esperanças numa temporalidade em que o *Vai passar* é investido de esperança. Ela se ressentida e se envergonha da situação em que se encontra, diz sentir falta da casa e, assim, vagueia por expressões que sinalizam uma esperança de que a rua não é o seu destino final.

Percebemos, assim, que a rua é um espaço de memória. As duas mulheres fazem um percurso que atravessa é atravessado por um processo histórico, social e econômico. Se seus dizeres possuem significados em relação à memória, buscamos alternativas através da paráfrase para mostrar esse processo:

Deus abençoe que eu melhore, que tudo isso seja passageiro que eu já tive muito na vida.

Deus abençoe



Deus ajude
Deus queira
Deus permita

que eu melhore



que eu prospere
que eu vença
que eu avance
que eu consiga

que tudo isso seja passageiro



que eu saia da rua
que tenha uma casa
que esta condição seja rápida
que eu fique pouco tempo na rua

que eu já tive muito na vida

↓
 que eu já tive casa
 que eu já tive emprego
 que eu já tive dinheiro
 que eu já tive tudo

(sente vergonha de algo?) De mim mesma, da situação em que eu me encontro.

De mim mesma, da situação em que eu me encontro

↓
 De ter me tornado moradora de rua
 De estar na rua
 De não ter mais nada
 De ter fracassado

Há, no primeiro grupo, a presença de uma formação discursiva religiosa que se expressa na fé em Deus para que a rua seja passageira. Nesse momento, o sujeito na rua se aproxima de quaisquer outros fiéis, em visto dos efeitos de sentido sobre o espaço rua, pois, o recurso a uma figura divina, o sujeito encontra uma identificação com o outro, que não está na rua. No próximo grupo, a ideologia que trabalha na constituição dos efeitos de sentido recupera o sentido de cidadão em vista dos discursos econômicos e seus valores capitalistas. Assim, um novo quadro se desenha, tecendo a cena que entrelaça um espaço nas redes de sentidos valorativos e outro depreciativos:

| CASA - Sentidos de | RUA - Sentidos de |
|--------------------|-------------------|
| Benção | Castigo |
| Conquista | Fracasso |
| Tudo | Nada |
| Estabilidade | Instabilidade |
| Vitória | Derrota |
| Orgulho | Vergonha |
| Sucesso | Fracasso |
| Sonho | Pesadelo |
| Aconchego | Incômodo |
| Conforto | Desconforto |

Ditado pelo discurso econômico, o sentimento de vergonha pelo distanciamento de uma condição de vida fora das ruas é explicitado. Quando questionada sobre o seu maior desejo, Estela enuncia: *“Ai cara, meu emprego. É o começo de tudo”*. Em uma sociedade onde a lógica do capital domina, a saída para Estela está na venda de seu trabalho para conquistar não apenas o salário, mas também a casa, a dignidade, a cidadania. Quando o sujeito afirma que o emprego é o começo de tudo, está dizendo,

embora não esteja dito, que a rua é o final, é o fundo de um poço. Assim, a rua, que para ela se deseja passageira, não escapa ao efeito de sentido de espaço de pessoas que não trabalham, ou seja, que não têm ocupação. E, mais, a rua se torna o espaço de acolhimento dos fracassados, dos não-cidadãos. Essa forma de pensar e olhar para si retoma um sentido estabilizado pela memória discursiva de uma formação ideológica assegurada no sucesso do sujeito a partir da base econômica: ter sucesso é ter.

A valorização da condição do sujeito ser um consumidor são outros pontos valorizados nos enunciados de Estela e evidenciam o desejo de ter novamente sua casa: *“Sinto tanta falta da minha casa menina, minha casa era tão aconchegante, meu sofá era novo, minha TV era nova, minha geladeira era nova, tudo era, tudo novinho. Eu comprei tudo à vista, eu trabalhava de diarista e de costureira, eu ganhava muito bem eu não precisava fazer crediário, entendeu?”* e, ainda, em *“Eu sinto falta do aconchego da minha casa, por mais que eu pagava aluguel”*. Objetos novos, comprados à vista, ganhar bem, não fazer crediário aparecem reforçando a interpelação pela ideologia burguesa por meio da imagem de conquista de materiais, importantes para os sujeitos que já experimentaram outra situação, ocorrendo, com isso, a valorização dos que desfrutam de certos bens sobre os moradores de rua.

O sujeito Estela moradora de rua, embora às margens do sistema no momento da entrevista, revela-se, intimamente, atrelada à lógica capitalista, afetada pela história e pelo político e social que a circunda, sofrendo, portanto, o atravessamento ideológico econômico que a constitui.

Segundo L Althusser, a ideologia é o modo através do qual os homens vivem suas relações em relação às suas condições de existência. Tomamos a afirmação que linguagem é um trabalho, a relação entre o homem e sua realidade natural e social e é pelo imaginário que os homens vivem suas relações em relação às suas condições materiais de existência. Assim vemos a ligação discursiva dos sujeitos, com a linguagem, o imaginário e o real. Em uma formulação materialista (ORLANDI, 2017, p.75).

Falar sobre valores, dinheiro, bens materiais parecem permitir às duas mulheres sentirem-se inclusas por desejarem o retorno (ou não perderem o vínculo) com a sociedade que hoje as segrega por elas não desfrutarem mais das mesmas condições.

4.1.3 Exclusão vs. Pertencimento

A rua pode ter sido escolha ou a saída e ser encarada como uma situação passageira ou não, porém ela é a realidade das mulheres entrevistadas e, como consequência, é o lugar de determinação das condições de produção de seus discursos. A partir do espaço discursivo da rua, elas observam a si de uma perspectiva diferente daqueles que as julgam ou voltam os olhares a elas com alguma empatia. Como observadores ou moradores, todos são atravessados por certo imaginário sobre a rua que se constitui na casa de vidas de protagonistas anônimos.

Para Cleuza e Estela, moradoras de rua, como este espaço se estabelece? Pode-se dizer que nas ruas elas encontram um sentido próprio para termos como alteridade, parceria, acolhimento e companheirismo. A partir da entrevista realizada com as duas moradoras, buscamos mostrar como a rua se constitui num espaço de exclusão e/ou pertencimento.

Iniciamos com a entrevista cedida pela moradora de rua Cleuza.

SD 13: Cleuza

C: É difícil viver na rua hein fia. Ontem nois poso aqui, ele viu. O tempo tava pra chuva, ele pegou, tava dormindo virado, ele também, eu tava dormindo assim, falei não vou dormir não hein, vai dar um pé de chuva vou correr lá pra rodoviária. Foi ruim, foi difícil, todo mundo sem coberta rapaz.

C: Um *morgano* em cima da minha coberta, outro *morgano* em cima da coberta do outro.

SD 14: Moradora: Cleuza

P: E tem alguma coisa na rua que você goste?

C: Não

M2: Os amigos não?

C: Não a família, eu tenho amigo, [amiga aí ô.

M2: [a bão...

P: Os amigos você gosta, só isso, mais nada?

C: É, só isso

M2: É os amigo, um dois, três

Na SD 13, questionada sobre como é viver na rua, a dificuldade de não ter abrigo é evidenciada. Quando ela descreve o ato de solidariedade entre os amigos que dividem o espaço e a coberta, um sentido se impõe em relação às relações entre os sujeitos da rua. Vejamos a sequência: “*Foi ruim, foi difícil, todo mundo sem coberta rapaz. Um morgano em cima da minha coberta, outro morgano em cima da coberta do outro*”. Percebemos que a rua, tanto quanto os demais espaços entre sujeitos que convivem, faz acontecer o sentimento de empatia. No relato, Cleuza conta que houve

uma situação em todos estavam sem cobertura, que passa a ser dividida. Mais do que a dificuldade de viver nesse espaço, o que a moradora mostra é a peculiaridade de organização dos moradores entre si.

Nos enunciados seguintes, Cleuza também traz mais um efeito de sentido para as relações da rua, a da amizade. Questionada se tem algo na rua que goste, ela nega, porém, interrompida pelo morador de rua que a acompanhava, como que lembrada de que eles estavam ali, ela retoma: “*Não, a família, eu tenho amigo, [amiga aí ô (aponta para os dois moradores que estão com ela)]*” e depois completa: “*É os amigo, um, dois, três*”. Ela não tem amigos, ela tem ‘amigos’, os companheiros que vivem ao seu lado, restritos aos três sujeitos.

Não, a família, eu tenho amigo, [amiga aí ô. É os amigo, um, dois, três

↓

Família eu não tenho na rua, mas tenho poucos amigos.

↓

Mesmo não tendo família, o que tem de bom na rua são alguns amigos.

Refazendo o percurso de funcionamento do discurso de Cleuza, podemos compreender os efeitos de sentido das relações nas ruas para o sujeito, aqui com um deslocamento de sentido em relação ao posicionamento anterior. Na rua, ela encontrou amigos, cujos campo semânticos é o mesmo que circula em nossa sociedade em que amizade remete à parceria, à companhia, à fidelidade, à confiança, ao afeto, ao carinho e ao respeito entre aqueles que nutrem o sentimento. São semelhanças, mas mais do que isso, pertencimento. Na rua ela não tem família, cuja cadeia de sentidos se assemelham ao sentimento da amizade (porém, como já dado (o que nem sempre é rela)). No caso de Cleuza, aqueles são substituídos por estes. Estar na rua exige, também, a ordem do pertencimento.

Os sentimentos relacionados à amizade também são marcados na fala Estela. A moradora de rua, ao ser questionada sobre como é viver na rua, resgata memória do trânsito por uma posição-sujeito imersa e de fora da condição da rua, que permite e organiza o seguinte discurso.

SD 15: Estela

E: Você olha, por exemplo, eu olhava pro morador de rua as vezes até com olhar assim diferente, de crítica talvez, com um olhar que você olharia, mas cê conhecendo o pessoal as vezes você vê umas história ruim, histórias boa, tem gente que tá lá porque gosta, ou porque quer.

Mas assim, tem os grupos que se reúne principalmente ali na rodoviária, se ocê chegar, mesmo se eles não sabe quem é você, ele te oferece. Tem o tio Miagui, é um tiozinho que carrega um papelão de carrinho. Cada vez que ele me vê:

- “Cê tá com fome, você já comeu hoje?”

Então, eles são muito, assim entre eles. Porque um sabe a necessidade que o outro passa. Eu vi eles dividirem uma marmita em quatro pessoas.

P: Solidariedade entre eles né?

E: É. Cê chega assim cê vê que é diferente o convívio.

Primeiramente, o discurso de Estela revela uma leitura sobre a rua a partir de posições sujeitos distintas, antes da e na situação de rua: *“Você olha, por exemplo, eu olhava pro morador de rua as vezes até com olhar assim diferente, de crítica talvez, com um olhar que você olharia, mas cê conhecendo o pessoal as vezes você vê umas história ruim, histórias boa, tem gente que tá lá porque gosta, ou porque quer”*. Estela dá mostra de que o olhar de quem está fora das ruas não permite enxergar a história de quem vive na rua. Escolha de alguns, mas representação de dor, perda e sofrimento para uma outra parte. Uma parte é sutilmente separada da outra; ela se reúne um pouquinho mais ao lado e dá mostra do sentido de comunidade que os atravessa (*“Cê chega assim cê vê que é diferente o convívio”*). A leitura de Estela sobre os moradores de rua anterior à sua condição de rua, que ela diz ser o da a sociedade (inclusive da pesquisadora), *“olhar assim diferente, de crítica”*, é revestido pelo efeito de sentido, de preconceito.

Porém, se de fora é feito esse julgamento, de dentro, pertencendo ao grupo, numa convivência que permite que o experienciado seja traduzido, Estela é taxativa: o sentido é outro, é diferente. O sujeito, num movimento de ruptura e contradição desloca o pré-construído sobre os moradores de rua ao olhar de outro lugar, no caso, na perspectiva do olhar em linha horizontal. Conhecendo as histórias dessas pessoas (boas e ruins), que inclusive anunciam a rua como sendo uma escolha, é mostra de que a homogeneização do olhar de fora que vê a todos sob um mesmo rótulo é um equívoco. Fazendo uma analogia com os estudos de Orlandi (2017) sobre a delinquência, percebemos no sujeito morador de rua um processo semelhante, dadas as devidas ressalvas: temos um mesmo movimento na constituição da posição sujeito em vista da identificação *“a partir do modo como o sujeito é individuado e identifica-se”* (p. 228).

Segundo a autora, a resistência está justamente no movimento da passagem da forma-sujeito-histórica para a individuação, através da ação do Estado. *“O sujeito*

(...) se individualiza pela falta, na falha do Estado. O que contribui para que sejam postos em um processo de segregação” (ORLANDI, 2017, p. 229-230).

O Estado frente a um e outro problema (do delinquente e do morador de rua), como responsável pela estrutura social e diante de sua falta (falha), deixa à mostra a contradição de que o que segrega é o que torna possível a ruptura do processo de individualização, por conta da falha da ideologia na identificação do sujeito frente à formação discursiva em que está. Nesse sentido, Estela como sujeito interpelado pela ideologia, a mesma que anteriormente a fazia olhar com preconceito para quem vivia nas ruas, mas cuja inscrição numa outra formação discursiva, de pertencimento e identificação, permite a ela entrever a falha: “E pela falha, precisamente, é que algo escapa, abrindo brecha para a resistência” (FERREIRA, 2015, p. 160): Os moradores de rua são sujeitos imersos numa historicidade que singulariza cada um que vive na situação de rua, tal qual a diferença entre o vizinho que mora do outro lado da cerca: *nuances* do processo de individualização.

Creemos que o individualismo é uma característica que acompanha os sujeitos desde sempre, (FERREIRA, 2015) o que é colocado em suspenso na fala de Estela, ao colocar em cena uma personagem: *“tem os grupos que se reúne principalmente ali na rodoviária, se você chegar, mesmo se eles não sabe quem é você, ele te oferece. Tem o tio Miagui, é um tiozinho que carrega um papelão de carrinho. Cada vez que ele me vê: - ‘Cê tá com fome, você já comeu hoje?’”* Estela coloca em destaque a posição de contradição que delinea o percurso orientado por um gesto de nobreza (o mesmo destacado em nossa sociedade quando um sujeito milionário faz uma doação para ajuda humanitária): *“mesmo se eles não sabe quem é você, ele te oferece”*. Nas ruas, lugar de extrema exclusão, Estela mostra um movimento social que realinha esses sujeitos também como grupo de empatia.

Numa sociedade marcada pelo cuidado de si, não há espaço para perceber o outro fora do esquadro já delimitado. Assim, na rua, as pessoas se reconhecem como grupo e fazem emergir o sentimento de pertencimento. Estela busca ressaltar a face nobre dos sujeitos: *“Então, eles são muito (solidários), assim entre eles. Porque um sabe a necessidade que o outro passa. Eu vi eles dividirem uma marmitta em quatro pessoas”*. Por um instante, ela está fora do grupo – ela é espectadora e observadora. E Estela os diz e, assim, efeitos de sentido sobre o sujeito da moradia é afetado negativamente em vista do fato exaltado, pois os sujeitos que estão na exclusão,

passando pela falta de tudo, dividem entre si (em quatro) o que lhes é mais valioso (uma marmitta).

O quadro abaixo representa a ordem de oposição que afeta a ordem dos sentidos em curso:

| Sujeito que não está na rua | Sujeito morador de rua |
|--|---|
| Individualista Egoísta Não compartilha Não se preocupa com quem não conhece | Grupo Alteridade Ajuda quem não conhece Reconhece a necessidade do outro Divide o que tem Se preocupa com o outro Solidário |

Retomando o enunciado de Estela, *“eu olhava pro morador de rua às vezes até com olhar assim diferente, de crítica talvez”*, percebemos o seu trânsito sobre suas próprias convicções. A ida para a rua como morada, o convívio com os demais moradores de rua, a noção de pertencimento ao grupo que antes ela olhava de fora por meio de pré-construídos que provocou o rompimento frente ao imaginário social determinado, tornando possível a ela uma nova forma de dizer como efeito de um acontecimento que “desloca e desregula os implícitos associados ao sistema de regularização anterior” (PÊCHEUX, [1983] 2010, p.52).

Entre rompimentos e reiterações, esses sujeitos significam a rua, seus pertencimentos e relações. As redes de memórias colocam este espaço em discursos urbanísticos, administrativos, políticos e sociais a partir de uma formação ideológica econômica, em que assumem efeitos de sentido relacionados ao público, ao comum, ao não particular, colocando como antagônico ao privado, ao cercado, ao murado, ao lar. Em consequência, essas memórias relacionam também os sujeitos deste espaço a uma situação de exclusão, do nada, da privação, da segregação. Construídos que sustentam os dizeres de Cleuza e Estela em relação à rua como um espaço, seja por escolha ou consequência, mas de passagem. Porém, representações imaginárias são revistas, e deslocadas, quando se trata das pessoas que estão neste espaço, pois, foram elas que, para esses sujeitos, fizeram da rua o lugar de acolhimento e pertencimento possível, mesmo com a reiteração de todas as adversidades da relação do real com o simbólico construídas por quem é de fora e se pauta no preconceito e no julgamento apressado.

4.2A mulher

Pensar a mulher moradora de rua e, não, genericamente mulheres e homens, implica em colocar em cena questões da ordem do político e do ideológico em vista de que pertencemos a uma sociedade cuja igualdade entre gêneros e raças ainda está bastante distante se tornar uma realidade; e a ordem das desigualdades entre gêneros também existe no espaço da rua. Com isso, tendo em comum os problemas que pertencem ao universo dos desabrigados, outros mais somam às dificuldades enfrentadas pelas mulheres nas mesmas condições.

Tendo em mente que esta pesquisa busca dar voz às mulheres, esse sujeito vê-se mais exposto aos julgamentos, pois, somada à sua (in)visibilidade que agride o espaço urbano, as avaliações sobre sua estada na rua são permeadas por uma moralidade que não afeta do mesmo modo o homem morador de rua. Afinal, há quadros situacionais opositivos entre um e outro sujeito.

Por exemplo, enquanto para as mulheres se destinam os espaços privados (o lar, a segurança, o resguardo de si), para o homem, abre-se o público (a rua, a aventura, a exposição). E essa configuração, ainda que incompleta e até simplista, ocorre porque há uma memória social sobre o sujeito feminino que ergue muros ao olhar sobre a presença da mulher em certos nichos sociais. Por isso, a mulher na rua soma à sua condição de desabrigada estigmas que não são naturais, mas construções sociais: a rua (perigosa) é delegada à prostituta, à drogada, à delinquente, ou seja, essas rotulações são ideologicamente construídas de modo que o estabelecido para a mulher – vinculado à beleza, à maternidade, à sensibilidade, à fragilidade, à feminilidade –, cujas teias de sentidos estabilizam uma memória para o feminino dissociaria/distanciaria a mulher ‘normal’ da mulher moradora de rua para além do espaço físico restrito ao abrigo vs. desabrigo.

Portanto, ao nos colocarmos à escuta das duas moradoras de rua, abrimos uma porta (talvez uma fresta) para refletir sobre o discurso enunciado, pois, comumente, a pessoa em situação de exclusão é mais falada pelo outro do que efetivamente ouvida. Na próxima seção de análise, buscamos refletir como elas se dizem ‘mulher moradora de rua. Os sentidos sobre mulher, para quem está às margens da sociedade, sofre deslocamento ou persevera o atravessamento ideológico que mais as aproxima do que distancia dos discursos estabelecidos?

Assim, as SDs abaixo possibilitam refletir sobre alguns temas que pertencem ao universo feminino. Para a organização de um quadro em torno dos

questionamentos acima, buscamos analisar as falas das moradoras em consideração aos seguintes temas cuja abstração é preenchida pelos discursos ideológicos que pertencem, circulam e organizam a sociedade: vaidade, família, autoimagem e felicidade. Os termos provocam efeitos de sentido positivos, o que, em princípio, não caberia a uma pessoa desassistida sentir; daí a pauta de nossas reflexões em vista de que, mesmo não pertencendo à ordem das reflexões autorizadas, à ordem da ideologia, evoca um pertencimento e uma impressão de uma identidade feminina.

Assim encaminhamos o olhar e pontuamos reflexões sobre alguns recortes das entrevistas abaixo.

4.2.1 Desapego vs. vaidade

Cleuza e Estela são mulheres que, por ‘escolha’ ou fatalidade, estavam¹⁰ na época da entrevista morando na rua. Como vimos anteriormente, este espaço para elas possui sentidos que ora passam pelo discurso estabilizado na memória social ora rompem e deslizam para os sentidos diferentes dos estabelecidos.

A análise das SDs possibilita uma compreensão sobre a autoimagem de si como mulheres em vista da memória social regrada por uma formação discursiva sobre a feminilidade que faz derivar do termo ‘mulher’ os efeitos de sentido que em outros momentos já delineamos. Afinal, a rua abriria espaço para elas apresentarem um discurso de resistência frente à condição da rua?

Buscar por respostas implicou em nos colocarmos à escuta para entender se as diferenças sociais atuam como uma muralha desviante, uma força capaz de romper com as cadeias de uma memória frente a uma condição socioeconômica determinista e determinante que age num processo de apagamento de si frente aos quadros sociais de mais ou menos prosperidade: agregados à mulher de classe média, branca e casada são autorizados certos sentidos, os quais seriam, lógica e naturalmente negados à moradora de rua enunciar?

Buscamos compreender se os discursos pertencentes a uma formação discursiva ideologicamente determinada para a mulher são enunciadas ainda que na miséria, na dor e no abandono. O discurso se autopolicia ou o trabalho do inconsciente, da resistência e da manutenção em relação a uma identidade estabelecida mantém-se estabelecido: manutenção ou reestruturação discursiva?

¹⁰ Optamos pelo tempo verbal no passado, pois não é possível afirmar se elas ainda se encontram na mesma condição.

Na SD, Estela, morando na rua há um ano, tematiza sobre beleza e vaidade.

SD16: Estela

P: Você se acha uma mulher bonita?

E: Não muito.

P: Não muito?

E: Tem gente que fala que é, mas eu não acho. Eu gosto das minhas pernas. Tá ficando veinha, mas eu gosto das minhas pernas.

P: E o que você não gosta?

E: Ai, do meu rosto, dessa parte (mostra o colo)

P: Colo?

E: É. Por causa que eu tomei muito sol. E o que me incomoda mais agora é meu dedo, que eu não posso mais usar salto.

P: Gostava de um salto?

E: Nossa...cara, eu chorava depois que eu sofri acidente, que eu olhava pra minha sandália, não podia calçar mais.

P: E você é vaidosa?

E: Ai, já fui muito, agora não me preocupo mais tanto, meu cabelo tá até nascendo uns brancos. Tô doida pra pintar, mas têm as dificuldades.

A SD16 mostra em discurso a posição-sujeito Estela como moradora de rua e explicita a carência financeira para o autocuidado, no caso, com a pintura do cabelo para esconder os fios brancos – “têm as dificuldades”, diz ela, o que significa que não há recurso/dinheiro para realizar o desejo de esconder os fios brancos, os quais são reveladores da passagem do tempo, o que, em nossa sociedade, significa o envelhecimento e, por sua vez, a perda da beleza. A vaidade, portanto, dá mostras de existir mesmo na miséria.

Na construção do discurso, Estela dribla essa condição por um breve lapso de tempo e desencadeia um efeito de sentido menos constrangedor frente à sua interlocutora, afinal, quem não passa por dificuldades? E assim temos, primeiramente, o não-apagamento da vaidade, mas também o fato de que a falta de dinheiro que demarcaria o distanciamento das mulheres-cidadãs revela o processo de interpelação sofrido por Estela como sujeito-mulher de uma sociedade que valoriza certos princípios de beleza (como esconder os fios brancos). Estar à margem não configura despir-se de uma memória que é trabalhada e alimentada em vitrines. Estar carente de recurso não faz com que ela, questionada sobre sua aparência, interdite o conceito de vaidade construído socialmente, que valoriza a juventude e que torna um apelo à necessidade de esconder os fios brancos, mesmo quando não tem garantias de que haverá o que comer na próxima refeição.

No decorrer da conversa, Estela diz “não muito” ao ser questionada sobre a sua aparência e mostra certa timidez, assumindo uma beleza que a condição de rua poderia silenciar. Ao dizer “não muito”, temos um sutil efeito de comparação revelado, posto que o “não muito” afirma que ela se acha bonita, ainda que não muito. Podemos afirmar que Estela não está estabelecendo uma relação de comparação entre ela e as demais moradoras de rua, mas entre ela e outras mulheres. Devemos ressaltar que a situação de miserabilidade não a desidentifica como o ser mulher, nem com o que é parte da condição-mulher.

Ela se acha bonita, ou pouco bonita, ou talvez não tão bonita em relação ao conjunto de vozes sobre certo conceito de beleza feminina que orienta as mulheres da sociedade à qual ela pertence. Traçando um paralelo com o trabalho de Fontana e Cestari (2014), em que analisam os discursos sobre os corpos das mulheres negras no Brasil, elencamos que os critérios de estética que compõem esse conceito de beleza estão atrelados a posições sociais e raciais.

Nesse processo discursivo, Estela se identifica às demais mulheres na diferença e o desequilíbrio que emerge é ser mulher, no caso, moradora de rua (e não a mulher-cidadã), pois a beleza na sociedade está diretamente relacionada às posições sociais e raciais.

Na SD15, Estela ainda enuncia que “Tem gente que fala que é [bonita], mas eu não acho”. Ela coloca em evidência uma relação com a beleza primeiro aos olhos do outro. Explicita que aos olhos de algumas outras pessoas, ela é considerada bonita, porém sobre si mesma há uma autoavaliação menos valorativa e que contraria a concepção de outros sujeitos sobre sua aparência, visto que “Tem gente que fala que é”. Modéstia (ou não), o que temos é a mulher que olha para si e vê cabelos brancos, mas gostaria de colori-los para se sentir bonita. Será que nossos ouvidos esperavam um outro dizer da boca da moradora de rua, algo como do lugar de onde falo não há espaço para a vaidade? Se isso não ocorreu é porque, ao confrontar seus desejos encobertos pela pobreza da rua, explicitamos mais a sua aproximação do que distanciamento em vista das discursividades constituintes de uma mentalidade de beleza para o corpo feminino.

Num outro momento, em vista da insistência da pesquisadora para que ela falasse sobre o que gosta em si, temos: “Eu gosto das minhas pernas. Tá ficando veinha, mas eu gosto das minhas pernas”. Estela relaciona novamente a perda da jovialidade com a perda da beleza. Ao usar a conjunção de oposição *mas* em “Tá

ficando veinha, mas eu gosto das minhas pernas”, ela justifica que, apesar de suas pernas não serem mais jovens, ainda lhe agradam porque vê beleza nelas.

Dos movimentos discursivos, temos uma mulher atravessada por uma memória que lhe diz: você é mulher, ainda que pobre e à margem. Percebemos que há uma relação entre o já-dito e o que está sendo dito pela moradora de rua que mostra seu pertencimento, ou seja, entre o que o interdiscurso permite que ela diga e o que se materializa no intradiscurso; entre a constituição do sentido e sua formulação, o sujeito moradora de rua se coloca ao lado das demais mulheres da sociedade em vista dos padrões e discursos (ORLANDI, 2001).

Prosseguindo, voltamos a outro momento que tange ao que Estela não gosta em si: o rosto e o colo castigados pelo sol e a falta do dedinho do pé em consequência de um acidente sofrido antes de ela se encontrar na posição-sujeito mulher moradora de rua. Ao enunciar, “Ai, do meu rosto, dessa parte [mostra o colo] é por causa que eu tomei muito sol. E o que me incomoda mais agora é meu dedo, que eu não posso mais usar salto”. Nessa passagem, Estela evidencia a manutenção dos sentidos atrelados a uma formação discursiva sobre cuidados com a beleza em vista de uma exposição ao sol e a falta do dedinho do pé que a impede de calçar salto alto (um elemento singular de representação da feminilidade e sensualidade). Tanto o colo (que pré-anuncia os seios da mulher) quanto o uso de calçados de salto (elemento da sensualidade) edificam e presentificam uma memória de mulher que resiste e persiste à sua condição social.

Submeter o discurso de Estela à análise rompe com a ideia de que, ao morar na rua o sujeito centraria o olhar sobre as necessidades de sobrevivência básicas, mas não é assim. Talvez fosse assim que se esperasse que funcionasse, como se essas mulheres não tivessem o direito de sentir, ser e desejar uma outra coisa senão um teto e alimentação, cuja condição não é totalmente esquecida, diga-se, pois Estela diz, “agora não me preocupo mais tanto”, ela pode não se preocupar “tanto”, mas o fato é a presença de uma memória que não se apaga intervém e a diz.

Nesse sentido, o discurso de Estela sobre seu corpo mostra como o sujeito é porta-voz dos discursos que o antecedem, constituídos por formações ideológicas que organizam as condições para os dizeres. A SD15 evidencia que a posição-sujeito mulher moradora de rua, embora separada por um muro social das demais mulheres, não afasta a identidade da posição-sujeito mulher quando o assunto é o corpo feminino. Estela denuncia o pertencimento à formação discursiva das mulheres sobre

si frente à vaidade ao lado de quaisquer outras mulheres. E, embora os corpos das mulheres moradoras de rua pré-anunciem sua condição social e as silenciem, relegando seus corpos a certo desejo social da invisibilidade, os enunciados nos levam a escutar os efeitos de sentidos que mais as aproximam dos sentidos estabilizados da sociedade do que as segrega em razão de uma memória aprendida sobre ser mulher nessa sociedade.

A SD16 pertence à Cleuza, que está há cinco anos morando na rua, a quem foram dirigidos os mesmos questionamentos.

SD17: Cleuza

P: E em relação a você, como mulher, você se acha bonita?

C: Ah, todo mundo acha eu bonita, né?

P: Mas você se acha bonita?

C: Acho que não (risos tímidos)

P: Não acha?

M2: O loco, mas como é que cê fica toda hora de...[imita olhar no espelho e se arrumar]

C: Ah, mas lá né [tímida]

M2: Ah mas intão, isso é vaidade. Isso é coisa boa.

P: Você se acha bonita?

M2: Fala...

C: Acho

M2: Aí...legal.

P: E pensando assim em você, quando você se olha. O que você olha e mais gosta?

M1: A pele

M2: A vaidade

P: Tem alguma coisa que você não gosta?

C: Ah não.

P: Gosta de tudo?

C: [Acena positivamente com a cabeça]

Retomamos a reflexão de que há um corpo socialmente estigmatizado que caracteriza os sujeitos moradoras de rua, determinando a elas um espaço social (a rua) e, ao mesmo tempo, colocando-os fora de outro espaço social (a sociedade). Contudo, à mercê das diferenças, um aparato ideológico rompe o distanciamento diante da conceituação de um discurso de mulher sobre si, presente na fala das mulheres que vivem na rua, conforme o discurso de Estela mostrou.

Na SD acima, Cleuza, ao ser questionada sobre sua aparência física, mostra sua inscrição em uma formação discursiva que permite a ela se constituir enquanto sujeito feminino: as suas condições de produção (como as de Estela) poderiam

cercear os dizeres, afinal, falar sobre vaidade na miséria não seria um contrassenso? Contudo, não é o que se ouviu frente ao questionamento.

No caso de Cleuza, o sujeito moradora de rua faz um gesto de auto-apreciação sobre o seu corpo, mesmo revelando certa timidez e relutância, como percebemos em “Acho que não [risos tímidos]”, mas que, frente à insistência da pesquisadora, chegamos ao singelo “acho”. Caberia dizer que há uma marca do político constitutivo de todo sujeito, que resiste ao espaço social que poderia coibir a circulação desses discursos, mas o que se observa é a própria cadeia social discursiva se reorganizando no espaço de moradia que é a rua.

Cleuza compreende sua conjuntura e, na relutância, busca no outro o amparo: são outras vozes que a dizem: “Ah, todo mundo acha eu bonita, né?”. Desta forma, ela torna possível exprimir uma autorreferência positiva de si, como se fosse necessário pedir licença, pois, ao falar de um lugar à margem, ela busca essa permissão. O corpo do sujeito é, nas condições sócio-históricas que vivemos, parte do corpo social tal como ele está significado na história.

Isto quer dizer, entre outras coisas, que o sujeito se relaciona com seu corpo já atravessado por uma memória, pelo discurso social que o significa, pela maneira como ele se individualiza. No entanto, sempre há incompletude, a falha, o possível. E os sentidos sempre podem ser outros (ORLANDI, 2017).

É provocativo refletir no tocante à inscrição do discurso de Cleuza numa formação discursiva patriarcal quanto à organização dos intervalos entre o assumir que, sim, é vaidosa e a insistência dos companheiros de rua, conforme a conversa segue. Por exemplo, quando o M2 a convence de que ela deve se sentir bonita, frente à resposta “Acho que não”, o amigo é enfático: “O loco, mas como é que cê fica toda hora de...[imita o gesto de se olhar no espelho e se arrumar]”. E completa frente à negativa dela sobre se sentir bonita, “Ah mas intão, isso é vaidade. Isso é coisa boa”. E frente à relutância de Cleuza, ele provoca: “Fala”. Podemos inferir que frente à entonação imperativa, funcionando como uma imposição, faz com que Cleuza não apenas responda, mas corresponda ao que se esperava que ela dissesse.

Em outro momento, os dois homens falam por ela; quando a pesquisadora perguntou sobre o que ela mais gosta em si; eles respondem: M1 diz, “A pele”; e M2, “A vaidade”. Cleuza silencia, ou seja, não confirma nem contraria. E, se tomássemos o diálogo entre esses sujeitos apartado o espaço da rua, mas, colocando-os, imaginariamente na mesa de um bar? Teríamos a cena corriqueira de uma conversa

entre sujeitos que brincam entre si, o que nos diz muito, ou seja, o sujeito morador de rua é um sujeito social, no limite de uma outra condição. Olhar os seus discursos é, ao nosso ver, um gesto de empatia que rasga aos nossos olhos à perversidade de um sistema econômico que marca uns como mais humanos do que outros.

A mulher moradora de rua traz em seu corpo as marcas da interpelação ideológica que a constituem em sujeito. Embora o corpo social dos sujeitos moradoras de rua determinem seus espaços e as caracterizem, Cleuza e Estela, em suas enunciações, evidenciam que ele não as afasta de uma formação discursiva da vaidade comum à mulher. Os seus discursos são atravessados e constituídos pelos estereótipos de beleza que recaem sobre a mulher em função de uma memória social. E, ao olharem para as suas características físicas, elas ressignificam o lugar de exclusão: a rua é um espaço de excluídos, mas é o espaço de quem o habita.

O corpo social é dividido; segundo Orlandi (2017), ele é individual e social, na relação com o sujeito e com o outro, e provoca efeitos de sentidos em vista da exterioridade que o faz pertencer aqui ou acolá. Assim, as SDs 15 e 16 analisadas sob o prisma desejado para essa interlocução – a vaidade – mostram a corporalidade como marca da contradição entre pertencimento e distanciamento, entre inclusão e margem, entre reivindicação e negação, entre espaço de fala e silenciamento, entre fortaleza e vulnerabilidade, entre memórias estabelecidas e deslizos, entre o simbólico e o político e entre o atravessamento de uma ideologia dominante e a resistência ao pertencimento ao jogo do memorável.

Estela e Cleuza são duas mulheres moradoras de rua que enunciam a partir de uma formação discursiva. Mesmo às margens, percebemos no fio de seus discursos o trabalho do inconsciente que emerge de uma memória social, histórica e ideológica em relação ao sujeito feminino, ainda que os sentidos estabelecidos sobre os corpos partam de uma realidade de privações.

4.2.2 Abandono vs. Família

Na esteira das consequências de viver na rua, talvez um dos termos mais simbólicos e explorados pelos discursos de quem observa seja o afastamento desses sujeitos de suas famílias. Ainda que muitas vezes eles formem suas comunidades, paira sobre eles a sombra do abandono. Eles são vistos como sós, o que, na maioria das vezes, é mais uma construção da imagem de morador de rua, pois como haveria família sem um lar e uma casa?

Frente ao quadro temático em torno do eixo 'família', buscamos pela entrevista a escuta social do discurso daquelas que se encontram 'sozinhas'. De que modo a condição da rua afeta (ou não) a sua relação com os possíveis familiares? O efeito de sentido de família para Estela e Cleusa mantém-se estabilizado numa formação discursiva de família como um lugar de acolhimento ou é deslocado para o sentido em torno da cadeia discursiva do abandono?

Na sociedade capitalista em que estamos inseridos, há um imaginário incondicional que agrega à 'família' o mais nobre dos sentimentos; afinal, ela é sinônimo do amor na sua forma mais imbatível. Por mais diferente que seja a sua configuração (pai e mãe solteiros, dois pais, duas mães, pai, mãe, filhos e *pet* e etc.), os efeitos de sentido reverberam e, assim, a família em teoria encadeia uma série de sentimentos positivos como pertencimento, presença, união, cuidado, carinho, laços e afeto. Não é à toa, enfim, que a família é uma das instituições sociais cuja engrenagem ideológica é politicamente muito explorada. Mas, diante do afastamento de quem se encontra em situação de rua, como a relação com o núcleo familiar é discursivizado? Há identificação ou o afastamento das filiações de sentidos estabelecidas?

Para refletir sobre esse tema, agregamos em conjuntos as seguintes SDs:

SD 18: Cleuza

P: Já casou alguma vez?

C: Já casei, eu já tenho uma menina e um piá. O piá já *caso* e a menina já *caso* também.

P: Quantos anos eles têm?

C: A menina está com... 22

SD 19: Cleuza

P: E teus filhos, você viu eles quando, assim, ultimamente?

C: Ah, a minha filha ela conversa comigo, por enquanto né. Só, ela liga direto aqui do oreião, no oreião

P: Aqui dá? Você deu o telefone do oreião ali pra ela?

C: Di

P: E aí ela liga pra você?

C: Ela liga direto pra mim perguntando pra mim como eu passei ou não.

P: E como que é pra você quando você recebe essas ligações?

C: Ai, ontem de noite fui lá banheiro ela ligou umas dez veis, o guarda falou pra mim: - "ela ligou umas dez veis".

P: Você tem saudades?

C: Ah saudade eu tenho né. Só não quero viver com a família mais. Ficar sozinha agora, nem fio, nem fia mais.

SD 20: Cleuza

C: Eu não vô morar com minha mãe, proveitá da minha mãe. Eu acho que vou proveitá da minha vida memo, eu memo, sozinha.

SD 21: Cleuza

P: E a tua família, quando era casada e morava com os filhos, como que era?

C: Ah, eles falaram, ele falaram um monte né, porque eu bandonei, porque eu finquei a casa num, porque eu vendi a casa. Eu falei: - "Eu vendi por causa da, do outro lá, proque o outro não quer parar das dorga". É isso que ia fazer.

P: Mas, você tem lembranças assim, do dia a dia de vocês, como que era?

C: Não, não tenho lembança não.

SD 22: Cleuza

P: E...e eles, como é essa relação com eles, com teus filhos?

C: Não. Eles (filhos) tá bem comigo né, só a menina, a menina quer que eu vô morar com ela. O piá quer que eu vô embora pra Santa Catarina. Eu (inaudível) é viajero, eu podia mesmo ir né? Eu não tenho... Eu não tenho dinheiro, não recebo nada. Eu perdi essa mão aqui oh...

Se 'família' tem um sentido estabelecido, a mulher nessa composição também tem. Há um pré-construído sobre o papel da mulher para o seio familiar que envolve a maternidade e implica em dedicação, em abdicação, em cuidado, em amor e em presença. Afinal, não é a mãe o coração da família, aquela que cuida, zela, alimenta e educa? E quando essa pessoa não está presente, vive na rua e assim deseja permanecer?

O discurso de Cleuza rompe com o desejado pelo outro em relação a si. Ela conta que os seus filhos a querem por perto (o lugar de mãe é assegurado), mas a cobram de ter se desfeito da casa (o lugar de mãe é questionado) e decidido morar na rua (o lugar de mãe é abandonado).

Assim, iniciamos pela SD 18; nela, a memória do sujeito mãe é posta em cena em consequência do questionamento sobre o casamento. O que emerge na resposta é a presença dos filhos. Ela afirma: "Já casei, eu já tenho uma menina e um piá. O piá já caso e a menina já caso também". Cleuza ressalta que se casou, que teve dois filhos e ambos são casados. O que lemos junto ao dito é um singelo argumento: eles, os filhos, não dependem mais dela, pois já constituíram suas famílias, o que a justifica e, de algum modo, a desculpa. Cleuza não sabe que sabe, mas se sobre ela intervém uma memória, ela é desconstruída, quando se nega a retornar ao lar.

Nas SDs seguintes, Cleuza inicia o movimento de inscrição e deslocamento em relação à memória sobre família entre o mesmo e o diferente, marcando a contradição entre a paráfrase (manutenção do discurso familiar e do papel de mãe) e a polissemia (o rompimento que permite produzir outros sentidos para esse papel), eixos estruturantes do funcionamento da linguagem (ORLANDI, 1998).

Vemos que Cleuza nega o lugar determinado para ela, ainda que explicita o sentimento de saudade, mas ela não demonstra remorso ou culpa, pelo contrário, Cleuza assume uma formação discursiva imbuída de autonomia: “Ah saudade eu tenho né. Só não quero viver com a família mais. Ficar sozinha agora, nem fio, nem fia mais”. Ela assume uma posição e, com isso, nega o discurso familiar. Ela conta que a filha ligou “umas deiz veiz” atrás dela, afirma que sente saudade, mas não deseja mais viver com família: se há uma formação discursiva de pertencimento à família, há uma que nega: é a esta que o discurso de Cleuza se filia.

Se os efeitos de sentidos sobre família fossem apenas os estabilizados, pertencer à família requereria a convivência para a manutenção dos laços e, com eles, os sentimentos. Mas a moradora de rua contradiz esse discurso; não nega a família, mas produz, pela ordem da polissemia, uma outra condição a partir da sua prioridade e, assim, viver sem família não seria um abandono, mas uma escolha pessoal. Ao se colocar à frente de uma formação discursiva determinante sobre como a mulher mãe deve se comportar, desloca-se o sentido estabelecido para a posição-mãe. Assim, Cleuza, como qualquer outra mulher, sofre os julgamentos.

Passamos à SD21: “Ah, eles falaram [os filhos], ele falaram um monte né, porque eu bandonei, porque eu finquei a casa num, porque eu vendi a casa”. Sua escolha é lida como abandono, e as consequências de uma escolha que vai de encontro com a expectativa definida pela ordem do discurso ideologicamente correto implicam desde ela ser definida como mãe ruim a ser uma pessoa ruim.

É preciso observar a presença do elemento ‘só’ na passagem, “saudade eu tenho, só [apenas, simplesmente] não quero viver com família mais”. Cleuza sente falta da família (reiteração do mesmo, ou seja, de pertencimento à formação discursiva familiar tradicional), mas escolheu não conviver com seus familiares, porém reitera que isso não mudou os seus sentimentos por eles, filiando-se, assim, a outra formação discursiva que não a esperada pelos filhos.

Na SD 19, Cleuza discorre, ainda, sobre a questão. Ela conta que apesar dos questionamentos sobre suas escolhas, “eles [o filho] tá bem comigo né, só a menina

quer que eu vô morar com ela”. Mais uma vez, a palavra ‘só’ no discurso de Cleuza estrutura as oposições sofridas sobre seus próprios desejos, em vista da insistência da filha em querer que elas fiquem juntas. Existe uma relação contraditória em cena que remete às condições da mulher na sociedade difícil de ser compreendida: como uma mãe não deseja ficar junto da família, no caso, dos filhos? Como uma mãe, nas condições de Cleuza, pode não desejar ser acolhida pela família e ficar junto dos filhos?

Na sequência, na SD 20, Cleuza muda de posição e passa a falar, ela, como filha. Cleuza explica que a mãe também a chamou para morar com ela após a venda da casa, ‘convite’ que também foi rejeitado: “Eu não vô morar com minha mãe, pruveitá da minha mãe”. Cleuza sabe o papel de mãe, que é o ‘deixar-se’ ser ‘aproveitada’ pelos filhos, mas ela não fará isso com a sua mãe. E, ao seu modo, não deixa que façam com ela. Estaria na negativa ao pedido da filha a antecipação à resposta negativa sobre o comportamento que se espera da mãe: a mãe morar com a filha implica num contrato não dito, mas previamente estabelecido: servir, acolher, colaborar. O que Cleuza deseja é outra coisa, “Eu acho que vou pruveitá da minha vida memo, eu memo, sozinha”. Cleuza escolhe, ainda que na rua, servir, acolher e colaborar consigo mesma. É dessas decisões pessoais que o discurso de Cleuza fala, contudo, na condição de moradora de rua, sua compreensão das coisas e escolhas provoca incompreensões.

As negativas de Cleuza se antepõem aos discursos estabelecidos e efeitos se sentido percorrem o discurso:

| Pruveita “da minha mãe” é: | Pruveita da “minha vida memo” |
|----------------------------|-------------------------------|
| Tirar vantagem | Gozar |
| Explorar | Usufruir |
| Ser folgada | Viver |
| Se beneficiar | Curtir |

Na oposição que os efeitos de sentido do mesmo termo em formações discursivas distintas implicam (posição sujeito mãe/posição sujeito filha), encontramos o deslocamento do processo de significação de família para Cleuza. Morar com a mãe provoca em Cleuza o sentido de fardo próprio ao discurso de que a mãe carrega com a maternidade, um peso. Já, morar sozinha (em casa/na rua), desliza para os sentidos de independência, de condição de aproveitar a vida, do gozo que apenas a liberdade dá, o que, para Cleuza, estar em família não possibilita. A manutenção desse discurso

por parte da moradora de rua requer a compreensão do lugar discursivo que este sujeito deseja para si em vista de que a condição de enunciar a partir de uma memória lhe propicia. Esse processo é explicado por Pêcheux (1999):

Nessa perspectiva, o interdiscurso longe de ser efeito integrador da discursividade torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é porque os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a uma outra Formação Discursiva que as referências discursivas podem se construir e de deslocar historicamente (PÊCHEUX, 1999 p.158).

As SDs seguintes são trazidas para a reflexão sobre a relação de Estela com o tema.

SD 23: Estela

P: Já foi casada alguma vez?

E: Eu fui casada por sete anos, mas é um casamento bem de fachada mesmo.

P: E você tem filhos?

E: Eu tenho uma filha.

P: Tem?

E: Tem, 19 anos.

P: E onde que ela está?

E: É uma moça linda, ela trabalha em Joinvile.

P: Joinvile...

E: Numa fábrica de geladeira.

P: Que bacana.

E: Tá batalhando para fazer faculdade de Educação Física agora que saiu o Coronavírus.

P: E você conversa sempre com ela?

E: Às vezes assim por WhatsApp. Tenho o *numerozinho* dela ali. Eu dia 18 de novembro do ano passado eu me afastei da família.

SD 24: Estela

P: Você tem assim bastante lembrança da infância, da tua casa?

E: Ai cara, não foi muito boa. Meu pai era alcoólatra, nossa... Nossa casa era um inferno, filme de terror puro. Eu fui praticamente mãe dos meus irmãos *pequeno*.

SD 25: Estela

E: foi o dia que eu vazei. Só falei com a minha filha por mensagem, minha irmã também. Com a minha irmã eu nem falo mais. Foi uma decisão minha.

SD 26: Estela

E: Eu quero voltar de novo, eu quero voltar a conviver com a minha filha de novo.

P: Sente muita falta da tua filha?

E: Muita, muita mesmo.

Considerando que Estela é moradora de rua a menos tempos do que Cleuza, percebemos na sua referência à família um desejo de retorno à condição anterior à de moradora de rua. Esse desejo ressoa sobre os demais aspectos, como esperamos mostrar na sequência.

Na SD 23, ela enuncia: “Eu fui casada por sete anos, mas é um casamento bem de fachada mesmo”. Sabemos que diante de uma união insatisfatória, um dos caminhos para a resolução do problema é a separação. Este foi o passo dado por Estela. Se a separação foi causa e efeito de ela se encontrar na rua, não é possível afirmar, o que podemos inferir é que se tratava de uma relação de aparência em que os sujeitos mantinham a relação por outros interesses e não mais por amor.

Nesse sentido, Estela coloca em cena alguns sentidos para o que seja um casamento sem ser de fachada em oposição ao casamento de fachada:

| |
|---|
| Casamento verdadeiro implica em: |
| União Amor Companheirismo Partilha Carinho Afeto Presença |

Efeitos de sentido muito próximos e também vinculados aos efeitos de sentido de família já discorridos acima e conseqüentemente dos papéis sociais, no caso, de mãe. Estela, assim como Cleuza, faz referência à filha, abordando sua idade, sua independência financeira e seus sonhos. Desse modo, o discurso de Estela constrói sobre ela uma roupagem positiva, pois o sucesso da filha indicaria (pelo menos na nossa sociedade é assim que ocorre) que ela cumpriu, devidamente, o seu papel como mãe (ainda que ela tenha desfeito o casamento e, com isso, a família).

No discurso de Estela, ela se vale de um eufemismo ao relatar que não convive mais com o núcleo familiar, “Eu dia 18 de novembro do ano passado eu me afastei da família”. O termo ‘afastei’ implica no sentido de distanciamento, mas não de abandono. Ela não abandonou; ela se afastou. E o fez pelo motivo exposto, ou seja, ela deixou de viver uma relação de fachada, o que provocou, quase que naturalmente, seu afastamento da família, no caso, dos filhos.

Posteriormente, ela revela na SD 23 das demais situações do passado que a fizeram recorrer à fuga de uma situação ruim que a obrigou a se afastar (era isso, ou

suportar o pai alcoólatra; era isso, ou suportar uma relação de aparências). Na SD 23, Estela recorda-se de sua família, do pai alcoólatra, de sua casa ser “um inferno, um filme de terror”; recorda-se de necessitar assumir um outro papel, de “praticamente mãe” dos irmãos, evidenciando uma realidade de sofrimento e uma vivência distante do modelo de família cultivada pelos discursos que pintam essa instituição social associada a um cenário harmonioso.

O que desejamos refletir é que nem o passado de sofrimento junto a seus pais e irmãos ou o presente da situação impõem para a Estela o discurso de pertencer/ter/desejar o espaço familiar. Podemos pensar que a mulher moradora de rua Estela resiste à ideologia, que constitui para ela um certo discurso de família para além da experiência vivida, mostrando que é pelo trabalho da memória e de uma expectativa inconsciente que faz o sujeito desejar o que deseja.

Ela diz, na SD26: “Eu quero voltar de novo, eu quero voltar a conviver com a minha filha de novo”; há aí o apagamento de uma condição real vivida que fica sobreposta a uma condição discursiva experienciada em sociedade a partir do discurso que afirma que ter uma família e estar com ela é algo bom.

Isso mostra que o que decide não são as condições de produção imediatas mas a incidência da memória, do interdiscurso. Aquilo que, da situação, significa é já determinado pelo trabalho da memória, pelo saber discursivo, ou seja, aquilo que já faz sentido em nós. O recorte significativo da situação – o que é relevante para o processo de significação – é determinado pela relação com a memória (ORLANDI, 1998, p. 15).

A valorização à família, assim, é o que toda mulher pode dizer a partir desta memória. O que coloca o sujeito moradora de rua na convergência com esta ideologia sobre o feminino, o que a aproxima dos discursos das mulheres e ao mesmo tempo a distancia do pré-construído sobre as moradoras de rua, que as coloca em afastamento aos efeitos de sentidos sobre a família, coloca em cena os estereótipos do abandono e do descaso.

4.2.3 Força vs. vulnerabilidade

A configuração das ruas é de vulnerabilidade e perigos iminentes. Dados mostram que nas ruas as condições de vida e de gênero geram mais insegurança

para as mulheres¹¹. Como já foi dito, atrelamos às mulheres em geral algumas características tais como a delicadeza e a fragilidade que geram, conseqüentemente, um discurso de que a mulher é mais indefesa, se comparada aos homens.

Na sequência, apresentamos mais algumas Sds que falam sobre as questões acima:

SD 27: Cleuza

P: Você acha que sim, que a mulher carrega uma carga um pouco maior que o homem?

C: Acho que não hein.

P: Você acha que não? Por quê?

C: Acho que não hein. Vou deixar quieto esse negócio.

SD 28: Cleuza

P: Mas, você acha que por ser mulher, as vezes as pessoas ajudam mais, acabam confiando mais em você do que nos homens que estão na rua?

M1: É uma pergunta, da mulher.

C: Ah, não sei, se eles *quisé* ajuda eu, se não *quisé* ajuda também.

P: Mas você acha que você por ser mulher, as vezes...

C: Eu preciso *ocês* me ajudá, *proque* eu, eu sou *muler* né.

Questionada sobre se a mulher carrega uma carga maior do que a homem, na SD23, Cleuza é enfática: “acho que não hein” e não se mostra à vontade para falar do assunto, conforme lemos em: “Vou deixar quieto esse negócio”. Que negócio é este do qual não se pode falar?

Desse modo, podemos considerar o silêncio como parte da incompletude que trabalha os limites das formações discursivas, produzindo tanto a polissemia (o a-dizer) quanto o já-dito. Isto é, o silêncio trabalha nos limites do dizer, o seu horizonte possível e seu horizonte realizado (ORLANDI, 2018, p. 91).

O que podemos perceber em seus outros dizeres, como na SD seguinte, quando ela enuncia: “Eu preciso ocês me ajudá, proque eu, eu sou muler né”, é a proximidade com a imagem de mulher como sujeito vulnerável, frágil, indefeso, vítima. O gênero, neste caso, é a justificativa para a necessidade de ajuda, reforçada pelo ‘porque’, colocando os dizeres de Cleuza dentro do que é possível para ela, pelos atravessamentos ideológicos de sua formação-sujeito mulher. Atravessamento

¹¹ Fonte: Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/10019>. Pesquisa Nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? Quantos são nas capitais brasileiras?. Pesquisado em: setembro de 2021.

presente também no discurso de Estela sobre a mulher, como percebemos nas SDs seguintes.

SD 29: Estela

P: E essa questão assim, de você ir para rua, né? Como que é a rua para você?

E: Ah é ruim né. Perigoso, você tem medo. Eu mesmo, como sendo mulher tem medo de dormir, né? Você dorme, desmaia ali, porque eu quando eu tô muito cansada eu apago menina, então é perigoso né, alguém fazer alguma coisa pra mim, levar o resto das minhas coisas, sei lá.

SD 30: Estela

P: Você falou que tem medo também? Quais medos?

E: Ah, estupro, tudo né menina...estupro até morrer dormindo. Cé morre até por causa de R\$ 5,00 reais, por causa de uma pedra.

SD 31: Estela

P: Assim a gente acha que a vida da mulher na rua é mais difícil do que a do homem. Você acha que isso é verdade? Você acha que é mais difícil a vida da mulher?

E: É mais fácil pra ela conseguir as coisas, entendeu?

Mais, porém é perigoso. É mais perigoso. É muito mais perigoso.

P: Quando você fala que é mais fácil conseguir as coisas, você acha que as pessoas têm um olhar diferenciado?

E: Ah é mais fácil, tipo assim, vamos supor, se um *home* vai pedir...

- "Aí vagabundo, vai trabalhar, tá forte", essas coisas né. Aí as *mulher* têm outra situação. Cara, eu tive um marido, ele me bateu, eu não consegui ficar na casa dele, então eu tenho um *Álibi*, entendeu?

Estela, ao dizer, se coloca como mulher inserida no processo de significação histórico e social, mas também real. O imaginário social sobre a mulher frágil é reiterado não apenas pelo interdiscurso, mas também pela condição de produção imediata. A violência da rua é uma realidade e converge com os dados estatísticos e com o efeito de sentido sobre a mulher. Assim, a violência a coloca em uma condição de produção que parece evidenciar em vários momentos de seu discurso os pré-construídos sobre a mulher, em especial, quando ela mora na rua.

Na SD 29, Estela coloca a questão do gênero como determinante da insegurança, do perigo. Quando diz "Eu mesmo, como sendo mulher tenho medo de dormir, né?", coloca em cena o dito sobre o risco e a violência como direcionada à mulher, arrolando, na sequência, os seus medos, como o de assalto, de estupro e morte (SD 27).

A mulher como coitada e vítima é outro construído estabilizado para a moradora de rua. Na SD 31, ela diz: “é mais fácil pra conseguir as coisas “entendeu”. Aí, as mulheres têm outra situação. Cara, eu tive um marido, ele me bateu, eu não consegui ficar na casa dele, então eu tenho um Alibi, entendeu?”. Novamente a questão de gênero aparece com o sentido determinado pelo papel da memória, pelo retorno ao espaço do dizível. Estela está nas ruas, mas antes disso ou complementar a isso, Estela é uma mulher que assujeitada ao funcionamento da ideologia se identifica com a imagem de mulher construída. Essas imagens a ligam às suas condições de existência no mundo, que produzem efeitos de sentidos em seus dizeres, aproximando-a de conceitos pré-estabelecidos como mulher indefesa, frágil e vulnerável, mesmo que o seu cenário social seja adverso a essas imagens.

4.2.4 Felicidade vs. sofrimento

Nesta seção, buscamos refletir como as subjetividades de Cleuza e Estela são afetadas a partir de dois significantes que remetem a estados emocionais estreitamente relacionadas aos aspectos essenciais da vida do sujeito, no caso, a felicidade e o sofrimento. Vivemos numa sociedade capitalista e, nesse sentido, parece bastante ‘lógico’ que os sujeitos que desfrutam de uma vida financeira confortável sejam mais felizes em comparação às pessoas menos favorecidas. Sabemos que na vida real essa regra não se aplica; mesmo assim, é difícil aos sujeitos abrigados em seus lares pensarem em como os sujeitos destituídos do conforto material, propiciado por um lar minimamente acolhedor em vista das necessidades básicas, sejam ‘felizes’. Estamos, nesse momento, pensando restritamente em como as agruras das ruas afetam esse estado de tranquilidade e conforto que propiciam a sensação de felicidade.

SD 32: Cleuza

P: Você acha que você é feliz?

C: Acho que sim né

P: Você se considera feliz?

C: É, feliz.

P: O que é felicidade né? O que é felicidade pra você?

C: Pedreira...

M2: Ficar viva

C: É vivo. (ri)

M1: É ué, tá viva, com saúde.

P: E eu, você acha que eu sou feliz?

C: Ah você é

P: Porque você acha que eu sou feliz?

C: Ah, *proque ocê tá trabaiaando* né.

M1: Tem casa, tem tudo

Questionada, Cleuza se diz feliz e concorda com M2 que estar viva já é um fator de felicidade. Chama a atenção no discurso a remissão ao fator desencadeador de felicidade atribuído à condição da pesquisadora, no caso, por conta dela ter um trabalho, do que se pode inferir, que ela tem acesso à aquisição de bens materiais, ou seja, a questão econômica está presente, mas de um modo humanizado, deixando entrever no dito “*proque ocê tá trabaiaando*” os resquícios, também de uma certa dignidade que acompanha o sujeito que trabalha, porque ser trabalhador é ser cidadão.

Ao usar o termo “é pedreira”, após o questionamento, efeitos de sentido se colocam pela relação metafórica que reveste, portanto, a condição de felicidade. Ou seja, primeiramente, podemos dizer que se trata de algo difícil, pois a pedreira é dura e bruta e, para chegar ao produto final, é exigido muito trabalho, o qual implica em certo sofrimento. A robustez da pedra desliza ainda para outros efeitos como a rigidez e a frieza, ou seja, sentidos contrários aos que constituem a felicidade.

Trata-se, portanto, de um pensamento afetado pelas condições de produção da enunciação. Cleuza expõe, ao seu modo, que a felicidade é algo a ser trabalhado para ser conquistado: a pedreira, que é a vida na rua, torna a felicidade uma conquista árdua. O desfecho da entrevista retoma circularmente o processo da vida em sociedade: é feliz quem trabalha porque aquele que trabalhar pode adquirir bens de consumo, no caso, ter uma casa, que, em resumo, é ter ‘tudo’. Não é à toa que o projeto “Minha Casa, Minha vida”, emblematicamente presente numa campanha publicitária do governo federal brasileiro, assenta-se no projeto de vida dos brasileiros, sobretudo, dos mais carentes, no caso, o sonho da casa própria.

Na sequência, tecemos considerações a respeito do exposto por Estela.

SD 33: Estela

P: Como você se define?

E: Eu sou de boa entendeu? Eu tô na defensiva da vida no momento.

SD 34: Estela

P: E você se considera feliz Estela?

E: No momento não. Eu sou uma pessoa, tem hora que eu sou alegre assim. Dependendo da situação eu e alegre entendeu, se eu ficar meio sozinha pensando na vida, eu...

P: E você acha que eu sou feliz?

E: Não sei, cê tá estudado né, eu acho que você é feliz. (ri)

Se bem que eu acho que você tá sofrendo, eu odeio estudar, cara.

E: A gente tem que fazer a vida da gente, cara, tudo depende da gente.

Uma coisa eu aprendi. Tudo na vida é passageiro.

O processo de enunciação revela e materializa no discurso a interpelação ideológica sofrida pelo sujeito. A autorreferenciação “eu sou de boa, entendeu”, responde à sociedade: “não sou um perigo”. Esse discurso comum na linguagem popularmente jovem, usada para dizer que está em paz, não se deseja confusão ou, ainda, ‘estou quieta(o) no meu canto’, na fala da moradora de rua, é um indício: “sou de boa, não tenha medo de mim”. Afinal, numa sociedade em que as crianças são ensinadas a ter medo do ‘homem do saco’ (em referência aos catadores e mendigos), como esquecer que se está neste papel?

No mesmo enunciado, ela responde à pesquisadora e a construção do sentido de felicidade dada por Estela é estabelecida em relação à sua realidade e sua condição como sujeito sócio-histórico. Sem o objetivo de explorar a completude de seu discurso, discorreremos sobre alguns momentos com o objetivo de mostrar a presença de um percurso para a condição de felicidade que é atravessada por uma formação discursiva afetada pelo discurso econômico e capitalista.

Quando ela diz “Eu tô na defensiva da vida no momento”, o termo ‘defensiva’ produz efeitos de sentido de resguardo, combate, tensão. São sentidos que continuam no processo enunciativo seguinte: “no momento não [se considera feliz]. Eu sou uma pessoa, tem hora que eu sou alegre assim. Dependendo da situação eu me alegre entendeu, se eu ficar meio sozinha pensando na vida, eu...”. Neste momento, ao distinguir alegria de felicidade, o discurso percorre as veias das definições já ouvidas: momentos de alegria são possíveis para a Estela, mas a felicidade, não, como se distinguisse prazeres pontuais de um sentimento maior, de um todo. Ao dizer “Eu sou uma pessoa”, ela enuncia: como você. Temos no lapso aberto pelo não-dito, o dito: Estela é uma pessoa como a pesquisadora, que também não é feliz o tempo todo. Eles estão em pé de Igualdade, ela e o outro, ela e a sociedade.

É preciso observar o movimento discursivo de Estela quando a pesquisadora busca saber como ela lê a felicidade de quem a entrevista. Ela enuncia a partir de uma formação discursiva que entende que por meio da educação é possível chegar a um lugar privilegiado na sociedade e, por isso, quem tem estudo é feliz. Em seguida,

ela retoma e coloca em cena o discurso de que o estudo é uma conquista pessoal. Qual a lição que Estela pretende apresentar? Se ela diz, “A gente tem que fazer a vida da gente, cara, tudo depende da gente. Uma coisa eu aprendi. Tudo na vida é passageiro”, podemos entender, por fim: “A felicidade a gente que faz. Eu sei que minha tristeza vai passar e eu serei feliz”, em negação à sua condição de rua, que é passageira.

Para uma sociedade capitalista, a rua é consequência da pessoa que não se esforçou suficiente, que não estudou ou trabalhou o bastante, ou seja, como aponta Faleiros (1997), o sujeito é levado a crer que é o dono falido de seu destino. Nesta mesma sociedade, a felicidade também passa por um atravessamento ideológico de merecimento, esforço, vontade, muitas vezes, reforçado por diversos discursos facilitadores como os oferecidos por livros de autoajuda, por atuais posts de redes sociais e por seus enunciados clichês.

A compreensão do que efetivamente se passa com Cleuza e Estela não é possível afirmar. Os discursos nos permitem algumas reflexões. O que, contudo, temos a analisar é como aqueles que estão à margem são parte da sociedade; eles não enunciam palavras confusas, ou sem sentido: eles dizem exatamente o que os discursos que os excluem permitem que digam. As condições de enunciação são previstos, mas esses sujeitos sofreram agruras e responderam a elas da forma que o fizeram, o que os levou à situação em que se encontram. Trata-se de infortúnios que podem dizer que alguns sujeitos se esforçam mais e outros menos e merecem viver segundo esse esforço, que ensinam se tratar de algo apenas da ordem pessoal (mérito). Mas os sujeitos que se amparam nesses discursos não deveriam se autorizar a renegar a condição humanizadora que todos os sujeitos, na condição que for – inclusive como morador de rua –, merecem: nem compaixão, nem exclusão, talvez o termo seja empatia (palavra que caiu no gosto dos nossos discursos).

4.3O OUTRO

A relação linguagem/pensamento/mundo não é linear, transparente ou simples, porque existe a ideologia que permeia esta relação e que define as condições do real-material a partir de uma certa historicidade e valores sociais. Como parte dessa teia, sabemos que as relações de sentidos materializadas em discurso são afetadas pelas relações de forças que compõem o discurso de quem enuncia. Assim, no processo de

individuação do sujeito pelo Estado, constitui-se uma identificação, uma posição-sujeito pertencente a uma dada formação social.

Entendemos que as relações da moradora de rua com o outro produzem sentidos a partir da forma-sujeito histórico que habita cada indivíduo. Como mencionamos anteriormente, existe uma memória social sobre/da moradora de rua que é construída e cujos sentidos estão estabilizados e se revelam ao passo que são ouvidas. Trazemos para reflexão, neste momento, como significa para elas a relação com o outro, ou seja, procuramos compreender quais as memórias de si e dos outros, de forma mais explicitada que nas seções anteriores, atravessam o processo de significação dos discursos de Cleuza e Estela; já que há um processo de alteridade que faz o outro significar ao passo que somos significados.

Na condição de assujeitamento do sujeito, além da constituição de si, há a constituição do outro, explicada por Orlandi (2017b), no caso, em referência ao sujeito (eu) e os outros (tu, ele). Assim, em uma formação ideológica econômica, as relações sociais juntam e separam, ou seja, um significa em relação aos outros e ao Outro (ideologia materialmente ligada ao inconsciente), promovendo movimentos de pertencimento e distanciamento:

a relação eu/tu/ele é uma relação que é parte do processo de constituição dos sujeitos, da interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia, seu assujeitamento, dos modos de individuação dos sujeitos (eu/tu/ele), das relações entre formações discursivas, dos processos de identificação, e de constituição dos processos de significação, em condições de produção determinadas e específicas. (ORLANDI, 2017, p.212)

Se esta relação é parte do processo de individuação dos sujeitos, buscamos compreender as memórias que se estabilizam em discurso, provindas do interdiscurso que se revela nos dizeres de Cleuza e Estela sobre a relação com a sociedade e o discurso sustentado por uma formação discursiva religiosa, que será coberta pelo termo Deus. Com as SDs a seguir, buscamos refletir sobre essas duas questões.

4.3.1 Descrença vs. fé

Na nossa sociedade, existe um discurso da fé que movimenta os sujeitos (seja para acatá-lo, seja para confrontá-lo a outras práticas). De qualquer modo, falando de um ou de outro lado, ele se faz presente, comumente, nos discursos, quando a pessoa

se encontra numa situação conflituosa ou de dificuldade. Materializando a ordem de uma formação ideológica cristã, formações discursivas recobrem de valores os discursos que se filiam à divindade 'Deus'. E as significações oriundas dos discursos de fé, diretamente ligada a um Deus, são comumente postas em cena. Buscamos, nesse sentido, refletir sobre a temática a partir das SDs abaixo.

SD 35: Cleuza

P: Se você tivesse a vontade de mudar alguma coisa na sua vida hoje, o que você mudaria?

C: Ah, eu preferia ficar sozinha né

P: Ficar sozinha?

C: Morar sozinha, eu e Deus.

SD 36: Cleuza

P: Você acredita em Deus?

C: Oia minha santa aqui ô.

P: Católica?

Acena positivamente com a cabeça.

M2: Apostólica, romana.

P: Faz as tuas orações diárias, como que é? Acredita bastante?

C: Tenho a minha bíblia dentro da minha *borsa*, todo dia eu faço.

P: E o que você... ora, o que que você pede?

C: Ai, eu *pedo* pra Deus pra me tirar eu dessa vida né cara?

Não é pra eu ficar nessa vida até hoje.

SD 37: Cleuza

P: Mas e você, você tem sonhos?

C: Sonho:

P: É...

C: Sonhar com o que? Sonhar com Deus né?

Aí sim. Eu sonho com Deus todo dia. falo: "Deus tira eu daqui dessas vidas aqui, essa... merda aqui.

Na tabela, buscamos explicitar alguns efeitos de sentido na apropriação de um discurso voltado à divindade cristã:

| Enunciados | A formação discursiva cristã e seus efeitos de sentido |
|--|--|
| Morar <i>sozinha, eu e Deus</i> . | Presença |
| Oia minha <i>Santa</i> aqui, ô. | Crença |
| Tenho a minha <i>Bíblia</i> dentro da minha <i>borsa</i> (...) | Fé |
| Ai, eu <i>pedo pra Deus</i> pra me tirar eu dessa vida né cara? | Confiança |
| Sonhar com o que? <i>Sonhar com Deus</i> né? | Esperança |
| " <i>Deus tira eu daqui dessas vidas aqui, essa... merda aqui.</i> | Onipotência |

Ao enunciar que deseja morar só ela e Deus, que acredita em Deus e carrega consigo uma Santa e a Sagrada Escritura, que pede a Deus para tirá-la da vida que

leva, o discurso mostra-se filiado à formação discursiva que orienta qualquer fiel. Cleuza se identifica ao cidadão que ocupa os bancos das igrejas/templos e, ao se identificar com um 'Deus' que é de todos, mostra que a sua perspectiva social e cristã mantém a mesma ancoragem discursiva. Ao passo que o sujeito é destituído de uma condição humanizada de levar a vida, o discurso sustenta sua participação no bojo das mesmas discursividades. E essas discursividades não escolhem o sujeito da enunciação, mas é por ele sustentada a partir da ideologia que sustenta a ambos: a linguagem e seu enunciador.

Passamos na sequência ao discurso da moradora de rua Estela.

SD 38: Estela

P: Se você pudesse falar alguma coisa assim para todo mundo escutar, o que você falaria?

E: Que Deus existe.

P: Você acredita em deus?

E: Ahrram...Deus existe, é *nóis* que deixamos de permitir a presença dele na nossa vida. Eu era um exemplo.

P: Você era? Depois que você veio pra rua, você ficou mais, ou menos, apegada a Deus?

E: Bem menos. Tem hora que você desacredita, sabe? Tem hora que você acredita muito. O que que eu *tava* esses dias, meu...eu *tava* com uma vontade de comer alguma coisa cara, e de repente apareceu alguém com aquilo que eu queria comer, né?

Aí aquele dia eu falei: "Tá vendo? Deus tá ouvindo suas preces".

O relato de fé da moradora Estela escancara sua miserabilidade. Desejar um certo alimento e ter a graça de ganhá-lo foi e é (acreditamos) para aqueles que vivem uma vida de privações uma prova cabal da presença de Deus. Movimentando-se entre episódios de crença e descrença, Estela revela seu vacilo, "nóis que deixamos de permitir a presença dele na nossa vida". O que ouvimos não é novo; é a manutenção de um discurso que socialmente orienta pobres e ricos, ideologicamente marcados por uma formação discursiva cristã, que acredita numa divindade superior capaz de mover montanhas e, que, se isso não ocorre, é por culpa do sujeito que não permite "a presença dele [Deus] na nossa [própria] vida".

Para Estela, esse Deus é aquele que ouve e atende as preces, mesmo tendo horas que a descrença a acomete. Esse Deus é real, é presente e atende aos pedidos. Esse Deus só não se faz presença quando ela não permite, cabendo assim a responsabilidade da fé e dos milagres divinos ao fiel, que, por vezes, se afasta de Deus.

Assim como Cleuza, a proximidade dos sentidos de Deus e da fé as aproximam da sociedade que as exclui, em vista da ideologia que as atravessa. Comungando de uma memória de fé, encontram convergência com as memórias e significações dos demais sujeitos.

4.3.2 Dó vs. preconceito

Nessa seção, buscamos refletir como as moradoras de rua confrontam os muros do distanciamento social quando são olhadas, ou seja, quais os jogos de imagens que entram em cena, demarcando as posições de um e outro sujeito em processo de interação.

SD 39: Cleuza

P: As pessoas em geral, que passam aqui, você acha que elas têm algum tipo de preconceito com quem mora na rua?

C: Não, elas *ajuda*, mesma coisa. Ajuda os *outro*, dá bom... Amigo para outro.

SD 40: Cleuza

P: Você acha que passa o que na cabeça das pessoas quando elas olham para vocês que moram na rua?

C: Ela ajuda os outro, vai falar assim: "Ocês é morador de rua, então vou ajudar ocês. Ela dá roupa, dá calçado, né Tio Barba? Dá tudo.

As SDs de Cleuza colocam as relações dela com os outros sob uma ótica assistencialista, que existe a partir de uma formação econômica de orientação capitalista. Faleiros (1991) detalha que o Estado e a sociedade colocam nas políticas e ações sociais atos de significação que remetem à bondade do sistema, legitimando para o excluído o seu fracasso individual e camuflando a lógica capitalista das diferenças sociais. Assim, esse discurso é estabilizado através dos diferentes Aparelhos Ideológicos do Estado. Para Cleuza, aquele que exclui é redimido em vista da sua caridade.

O atravessamento ideológico presente nas significações postas em cena não dá margem a qualquer acusação ao sujeito generoso que doa suas roupas usadas e cestas básicas às comunidades carentes. O morador de rua que fracassou na vida comunga do discurso assistencialista que lhe é oferecido. O relato de Cleuza marca isso ao materializar o pensamento do cidadão comum: "Ocês é morador de rua, então vou ajudar ocês".

A compreensão de que aquele sujeito generoso é complacente e alimenta, às vezes, inconscientemente, o seu ego benevolente (“Já que vocês não têm nada, nós, que fizemos por merecer, temos, e vamos dar algumas coisas para vocês”) satisfaz a necessidade imediata de quem carece de tudo, minimizando qualquer tipo de conflito com a lógica de um sistema que se alimenta da dualidade de um sistema de classes. Dualidade também percebida no discurso de Estela.

SD 41: Estela

P: Quando as pessoas olham para você e as pessoas que estão na rua, o que você acha que os outros pensam?

E: Ah, alguns têm pena, alguns *desvia*, alguns têm medo.

P: Você acha que tem preconceito?

E: Muito. Tem pessoa que se importa com nós, tem pessoal que olha...isso me incomoda. No dia que eu *tava* lá, passou, no primeiro dia que eu sentei eu *tava* bem vestida em vista do pessoal que *tava* alí né. Aí passou a moça, ela passou olhando, todo mundo cumprimentou. Depois ela voltou, ela conversou com todo mundo, mas ela olhava bastante *pra* mim. Daí ela me deu duas bandejinha de bolacha caseira. Aquele dia eu chorei. Tem pessoas assim do nada, que se *importa* com ninguém né. Porque *nóis é* ninguém *pra* sociedade. Pra alguns *nóis é* vagabundo, ih, já vi de tudo.

P: E por que que você acha que pra sociedade vocês não são ninguém?

E: Porque alguns *considera* assim, não sabe da história né. Não sabem o motivo.

SD 42: Estela

P: E desse período que você ficou na rua, você recebeu ajuda, como que foi? Alguém te ajudou?

E: Ah passa algumas, que nem eu passei o Natal ali na Praça da Rodoviária. *Passô, parô* uma caminhonete, os caras trouxeram dois bandejão de carne assada, trouxeram bebida, panetone. Isso daí que às vezes, que nem eu que era a primeira vez que tá naquele tipo de situação, pra eles foi normal né, agora pra mim assim né, poxa né. Cara eu nunca me preocupei em fazer isso quando eu *tava* bem, então talvez quando eu melhorar essa vai ser uma coisa que eu passe a preocupar, entendeu? Deus abençoe que eu melhore, que tudo isso seja passageiro que eu já tive muito na vida.

Na SD 41, Estela divide em três categorias o que as pessoas que não vivem na rua pensam de quem vive: “alguns têm pena, alguns *desvia*, alguns têm medo”. Na sequência, afirma que há, ainda, quem tem preconceito, se importa ou só olha: “Muito [preconceito]. Tem pessoa que se importa com nós, tem pessoal que olha...isso me incomoda”. Depois, ela ainda relata que para a sociedade o morador de rua “não é

ninguém” e “é vagabundo”. Desta forma, ela cadencia a dualidade a partir de efeitos de sentido entre o sentimento de dó vs. o preconceito.

Estela evidencia os sentidos sobre quem está na rua e sua relação com quem não está. Afinal, como mencionamos anteriormente, o pré-construído sobre o morador de rua o coloca sempre em um lugar à margem, e/ou como pessoa que precisa da ajuda. Essa dualidade acentua a separação entre quem está à margem e quem está no centro desse sistema de exclusão, colocando mais do que uma barreira linguística entre os sujeitos, um limite determinado que vem pela história, pela condição de enunciar e se perceber: não houve espaço para revolta, afinal, antes que isso pudesse chegar à Estela, ela já desculpou o outro, porque, afinal, ele não “sabe a história, o motivo”, pelo qual ela está na rua. Por isso, se o cidadão julga e age de forma preconceituosa em relação ao morador de rua é porque ele desconhece a história desse morador e, por isso, não tem culpa por sentir preconceito ou indiferença: a sociedade (e suas práticas de exclusão) é, assim, justificada.

Estela fala a partir de uma condição de produção que a coloca hoje em um lugar diferente do que estava antes. A sociedade capitalista contemporânea funciona assim, pela via da segregação. Percebemos que a posição-sujeito de Estela e os seus sentidos significam a partir desta divisão. O que fica mais compreensível na SD36, quando a moradora de rua, ao relatar uma ação ocorrida na noite de Natal (quando ganharam comida e bebida para festejarem a data), diz: “Cara eu nunca me preocupei em fazer isso quando eu tava bem, então talvez quando eu melhorar essa vai ser uma coisa que eu passe a preocupar, entendeu? Deus abençoe que eu melhore, que tudo isso seja passageiro que eu já tive muito na vida”.

Na divisão realizada no processo de individuação do sujeito pelo Estado, amparada na ideologia dominante, Estela, moradora de rua olha, para si e reconhece o seu pertencimento a essa sociedade que ignora quem está fora dela. E hoje, sente a realidade de quem pertence aos excluídos, na esperança de voltar à sociedade e olhar diferentemente para quem está na margem; mas, para isso, ela precisa recuperar o seu estado financeiro/social.

Essa posição-sujeito moradora de rua, antes e depois, provoca algumas significações, pois na visão de Estela temos, de um lado, o pertencimento a um grupo excluído e segregado; do outro, a memória de pertencimento ao grupo que tem o poder econômico nas mãos e que está incluso na sociedade e ignora quem não está. Esta comparação que a moradora de rua faz gera reflexões sobre o processo de

significação do funcionamento da sociedade sobre o sujeito morador de rua. A partir de sua vivência, ela desliza na prática alguns efeitos de sentido e estabelece relações de concordância, gratidão e compreensão. Estela dá mostra de como o sujeito passa pela assujeitamento, e, assim, de identificação, pois,

Não há sujeito, nem sentido, que não seja dividido, não há forma de estar no discurso sem constituir-se em uma posição sujeito e, portanto, inscrever-se em uma ou outra formação discursiva que, por sua vez, é a projeção da ideologia no dizer. As relações de poder são simbolizadas e isso é o político. A análise de discurso trabalha sobre as relações de poder simbolizadas em uma sociedade dividida (ORLANDI, 2017, p. 55)

A sociedade coloca de lados opostos as mulheres moradoras de rua, Estela e Cleuza, e os outros. As relações entre elas e o outro são permeadas pelos sentimentos de um preconceito justificado e uma generosidade aclamada. A significação sobre a rua, sobre a beleza feminina, a família, a felicidade, o outro e a fé na voz de Cleuza e Estela são atravessadas por uma ideologia que as coloca no espaço da segregação, porém revela que o discurso atravessa a barreira social e se recoloca, ocupando espaços distintos, e reconstruindo os sentidos a partir dos atravessamentos discursivos ideologicamente marcados que assujeitam a todos e confortam cada um em seu espaço.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando propusemos nos colocar à escuta das duas moradoras de rua, sabíamos que abriríamos uma fresta para refletir sobre discursos de quem pouco é ouvida. Cientes de que não buscávamos o exato e nem a completude, percorremos um caminho para que, além do objetivo principal desta pesquisa, que era justamente oportunizar os dizeres desses sujeitos como protagonistas frente à realidade social, histórica e política de apagamento que os assola, não limitássemos e permitíssemos reflexões sobre como a relação com a linguagem é constitutiva da construção da sociedade, na formação do imaginário social e da própria identificação do sujeito. Olhar os seus discursos é, ao nosso ver, e como dito anteriormente, um gesto de empatia que rasga aos nossos olhos a perversidade de um sistema econômico que marca uns como mais humanos do que outros.

Como nos apresenta Pechêux, (1990, p. 42), “não descobrimos, pois, o real: a gente se depara com ele”. Foi assim que, ao se respaldar da Análise de Discurso, interrogamos a interpretação, analisamos a ideologia que atravessavam a discursividade de Estela e Cleuza no que tangia a constituição dos sujeitos e dos efeitos de sentidos de seus dizeres. Ao nos deparar com o real, nos confrontamos com uma hipótese idealista da própria pesquisadora de que esses sujeitos significavam na resistência de um sistema que os excluía, que a condição de produção de quem está à margem possibilitaria questionamentos e até rompimentos com a memória histórica e social sobre os temas abordados: a rua, a mulher e o outro.

Percebemos que a conjuntura que o sujeito vive é sim sensível à sua relação linguagem/pensamento/mundo; porém, os atravessamentos históricos, sociais e econômicos compõem seus dizeres muito antes da situação de rua. Entre estabilizações e poucos deslocamentos, elas significam como mulheres. Afinal, antes de serem moradoras de rua, Estela e Cleuza são mulheres, como tantas outras, que a partir uma posição-sujeito mais se aproximam do que repelem aos sentidos estabilizados na sociedade. Estela e Cleuza são mais duas mulheres porta-vozes dos discursos que as antecedem, constituídos pela formação ideológica que organiza as condições para os seus dizeres.

As 42 SDs selecionadas não nos possibilita, assim como não ocorreria, se o tempo permitisse, esmiuçar cada dizer, a exatidão de seus discursos. A AD nem se propõe a isso. Porém, nos possibilita olhar para este caminho percorrido com a satisfação de

oportunizar um espaço de escuta; construir um espaço para fomentar reflexões sobre esses sujeitos e a sociedade e analisar seus enunciados a fim de compreender os efeitos de sentidos sobre diversos temas que fazem parte de seu universo.

O primeiro tema que trouxemos foi a própria rua, mostrando através das análises, que tanto Estela como Cleuza ocupam uma posição sujeito capitalista quando olham para seus espaços, fazendo circular efeitos de sentido sobre a rua já estabilizados. O espaço, como mostra a primeira parte das análises é visto como oposto do tudo, é o nada que restou às mulheres sendo por escolhas pessoais (ou disfarçadas delas) ou como consequência de uma série de fatalidades. Por isso mesmo, este local não é encarado como destino para esses sujeitos, mas sim como passagem. Afinal, como a rua, o espaço de quem não tem nada, de desestrutura, marginal, de fracassados ou perdidos pode se apresentar como ponto final? O imaginário do espaço não é rompido ou deslocado por quem nele vive, pelo contrário, é fortalecido pela realidade que as assombra e mantém o desejo deste sair, pois a rua é um espaço de memória e sobre ele as duas moradoras de rua fazem um percurso que atravessa, ao passo que é atravessado, por um processo histórico, social e econômico.

Na rua, as relações humanas com o grupo social pertencente agora é o que sofre algum deslocamento de sentido para Cleuza e Estela. No espaço da segregação, da margem, da exclusão, essas mulheres encontram pertencimento, nos amigos de Cleuza, ou na reflexão de Estela de seu olhar aos moradores de rua antes de estar na mesma situação e agora no convívio e sendo um deles. O pré-construído sobre o morador de rua é rompido por esses sujeitos, que pelo pertencimento desloca o imaginário social determinado sobre as pessoas que moram nas ruas, constituindo assim um movimento de resistência, quando passam de forma-sujeito-histórica para a individuação, da mulher cidadã para a mulher moradora de rua, emergindo uma singularidade que permite efeitos de sentidos outros junto das memórias que emergem.

Rupturas que não aconteceram quando Cleuza e Estela enunciaram sobre elas mesmas como mulher. Quando olharam para si, seus reconhecimentos de beleza e vaidade, seja no que gostam ou não de si, seja na interpretação de suas belezas, na comparação com outras mulheres ou na autorização de se dizer bonita pela voz do outro. O que essas mulheres moradoras de rua evidenciam é que a condição de rua não permite a esses sujeitos o questionamento de padrões de beleza. Assim,

percebemos que enquanto mulheres, seus discursos são anteriores, constituídos pelas formações ideológicas que organizam as condições para os dizeres, as aproximando das discursividades constituintes de uma mentalidade da beleza para o corpo feminino.

Em uma sociedade capitalista e patriarcal, o papel da mulher na família parece não convergir com aquela que por escolha ou fatalidade está nas ruas, o que cola nesta o estigma do abandono. Porém, quando as colocamos como protagonistas do discurso, nos propusemos a compreender se há a identificação ou o afastamento dos sentidos estabelecidos sobre o tema. O fio condutor dos discursos nos leva a duas situações: a de inscrição e afastamentos das memórias que circulam sobre a relação mulher e família. Cleuza, através da contradição rompe com o pré-construído que coloca a mulher no seio familiar como mãe repleta de sentidos como dedicação, em abdicção, em cuidado, amor e presença quando enuncia seu desejo de ficar só, quando nega o lugar determinada para ela. Cleuza, ainda que diante de críticas e julgamentos (dos próprios filhos, por exemplo), produz efeitos de sentido sobre família diferentes dos estabilizados, e na ordem da polissemia estabelece uma outra condição, em que não conviver com a família não está atrelado à significação de abandono, mas apenas uma decisão, uma escolha pessoal, deslocando o sentido estabelecido para a posição-mãe. Inconscientemente, Cleuza sabe que o papel de mãe envolve sacrifício, assim como nega morar com a mãe para não "aproveitar" dela, não permite que os filhos façam isso com ela e escolhe a independência, contradizendo assim os discursos pré-estabelecidos sobre família.

Mas também há a inscrição aos sentidos já dados sobre o tema. Estela quando diz sobre o tema, vai ao encontro do papel social de mãe imposto pela sociedade, ou seja, seus dizeres são já-ditos antes. Mesmo em uma realidade de sofrimento em família, o ex-marido de faixada ou o pai alcoólatra e toda desestrutura familiar vivenciada, mesmo na rua, distante do modelo de família dos discursos estabilizados, Estela ainda resgata pertencer/ter/desejar o espaço familiar. Assim, sua narratividade mostra que assujeitada, ela é atravessada pela ideologia, mostrando que é pelo trabalho da memória que ela diz.

Ainda sobre a autoidentificação como mulher, esses sujeitos mostram mais aproximação com os já-ditos. Embora estejam nas ruas, o que já desconfigura o imaginário social de fragilidade sobre a mulher, percebemos que elas predominantemente se aproximam deste imaginário. Quando Cleuza diz "Eu preciso

ocês me ajudá, proque eu, eu sou muler né” ou quando Estela diz “então eu tenho um Álibi, entendeu?” ao explicar porque na rua é mais “fácil” as mulheres terem ajuda, percebemos mais uma vez o atravessamento ideológico que estabiliza sentidos sobre as mulheres que as colocam como vulnerável, frágil, insegura, indefesa, vítima, carente.

Essas mulheres também foram convidadas a falar sobre sentimentos, entre eles a felicidade. O nosso olhar se fez frente à maneira que elas entendem e sentem a vida, como a realidade social dessas mulheres, a dureza das ruas afeta o estado emocional delas? Neste aspecto, sentidos estabilizados novamente voltam nos dizeres dos sujeitos moradoras de rua. As duas por ora percorrem um percurso e colocam a condição de felicidade atravessada por uma formação discursiva afetada pelo discurso econômico e capitalista. Se a pesquisadora é feliz por estar estudando, por trabalhar, tendo condições assim de ter poder aquisitivo, ou se para elas no momento “estão na defensiva da vida” ou a felicidade é “pedreira”, percebemos o atravessamento dos discursos da felicidade vinculada à questão econômica e, conseqüentemente ao mérito. Efeitos de sentido sobre a felicidade que a coloca distante de quem “fracassou” a ponto de estar na rua.

O caminho de nosso trabalho passou também por olhar os dizeres dessas mulheres em relação ao outro por entender que esta produz sentidos a partir da forma-sujeito histórico de cada indivíduo e que no processo de identificação do eu e do outro, há os movimentos de pertencimento e distanciamento. Neste sentido estabelecemos dois outros: Deus e as pessoas de fora da rua, o não morador de rua, a fim de compreender quais as memórias de si e dos outros atravessam o processo de significação dos discursos de Cleuza e Estela.

A formação ideológica cristã está presente nos discursos desses sujeitos que produzem efeitos de sentidos que vão ao encontro aos estabilizados sobre a fé e Deus. Cleuza e Estela transitam em diversos enunciados por já-ditos, em uma formação discursiva que orienta qualquer fiel. Assim, elas se identificam ao cidadão que ocupa os bancos das igrejas/templos e, ao se identificar com um ‘Deus’ que é de todos elas se aproximam da sociedade que as exclui, pois pela memória da fé convergem neste assunto com os demais sujeitos.

Em seguida essas mulheres voltam os olhos para quem as olham de fora. Ao ouvi-las sobre esse tema clamamos pela compreensão de como o pré-construído sobre os moradores afeta o outro, o seu relacionamento com este sujeito e como este

sujeito percebe, e se percebe os sentidos sobre si mesmo presentes nessa relação. O fio condutor destes discursos foi o atravessamento ideológico que coloca os sujeitos moradores de rua como coitados, justificado a ótica assistencialista, minimizando conflitos com a lógica de um sistema que coloca em lado opostos os cidadãos que doam e os que recebem as benevolências de quem se esforçou o suficiente para ter a ponto de doar. Desta forma, existe dó e se também existe preconceito, como afirma Estela, é perdoável, porque os outros não conhecem “a história” do eu que está na rua. Mais uma vez, a resistência que poderia emergir nos discursos dessas mulheres dá lugar à aproximação com as memórias discursivas que não apenas reforçam, como perpetuam as barreiras históricas e sociais entre quem exclui e quem é excluído.

Assim, o trajeto deste trabalho poderia levar para direcionamentos entre os embates propostos nas análises dos discursos dessas moradoras. Cientes da incompletude dos sujeitos (entrevistadas e pesquisador) e sem nenhum intuito de sentenciar efeitos de sentidos, apenas como uma forma didática de tentar responder às perguntas desta pesquisa, poderíamos refletir que: No tocante ao tema rua, Cleuza e Estela a compreendem como uma fatalidade, um lugar de passagem, mas onde encontraram pertencimento. Já em relação à autoavaliação sobre o ser mulher, seus discursos convergem para a vaidade, a família, a vulnerabilidade e o sofrimento. Por fim, na relação com o outro, os discursos marcam a fé no Deus de todos e a dó de todos em relação a elas.

Cleuza e Estela são moradoras de rua que na margem fazem parte desta sociedade estruturada para esta dualidade. Elas dizem exatamente o que os discursos que as excluem permitem que digam. Mesmo diante das dificuldades da vida, da situação em que se encontram, os seus discursos não são de resistência a essa ideologia que as segrega. Pelo contrário, percebemos que são atravessadas por ela, o que as coloca no espaço da segregação, mostrando que o discurso atravessa a barreira social e se recoloca, ocupando espaços distintos, e reconstruindo os sentidos a partir dos atravessamentos discursivos ideologicamente marcados que assujeitam a todos e destina os espaços e papéis de cada um, inclusive da mulher moradora de rua.

Por menos idealista que seja o real com que nos deparamos, para quem está na exclusão, o pertencimento à ideologia dominante que atravessa os discursos é resistir. Os dizeres de Estela e Cleuza contrariam o pré-construído e o esteriótipo sobre as mulheres moradoras de rua desta ideologia, que as colocam à margem,

como menos sujeitos, como menos mulheres, menos humanas. Ao ir ao encontro dos sentidos que circulam na sociedade sobre os temas abordados, elas dizem, sem dizer: "Somos como todos vocês".

É sobre essa rede de sentidos que procuramos refletir na convicção de que, retomando Forrester (1997, p. 39), não basta que "nos enlevamos discretamente pela nossa magnânima indignação, pela generosidade de nossas emoções, pelo nosso coração apertado e pela satisfação, mais discreta ainda, de ser apenas espectadores - mas dominantes". Visto que é pela ação, seja ela qualquer que seja (como um trabalho de dissertação), que alguma mudança nas mentalidades pode vir a operar sobre as estruturas do preconceito e da exclusão. É nesse sentido que as reflexões propostas neste trabalho procuram contribuir.

Esperamos assim, que ao estudar a Análise de Discurso, a pesquisa possa contribuir com reflexões que buscam um movimento do olhar sobre os sujeitos que vivem nas ruas e, assim, fazer do trabalho um estudo mais a se encontrar com outras vozes, que buscam explicitar as mazelas dessa sociedade, contribuindo para o rompimento da condição política da invisibilidade das minorias, oportunizando um espaço de escuta às mulheres em situação de rua e, assim, contribuir com fissuras na ordem estabelecida dos discursos de exclusão e preconceito que circulam socialmente. Espera-se, ainda, que este trabalho seja um sopro de esperança na luta pelo respeito, uma vez que lança olhares para este sistema injusto, sob a perspectiva daquelas que estão às margens das margens dessa sociedade segregadora de acessos, não apenas das oportunidades, mas também do direito de serem ouvidas. "E, certamente, isso afeta a maneira como estas denominações [moradora de rua], estas distinções [de que há seres humanos mais humanos que outros], significam as diferenças" (ORLANDI, 2017, p. 235) de uma condição de vida a ser respeitada.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, A. **A mídia como “Poder Moderador”:** uma perspectiva comparada. Trabalho apresentado no XVII Encontro da Compós. São Paulo, 3-6 junho 2008.
- ALTHUSSER, L. **Aparelhos Ideológicos de Estado.** São Paulo: Graal/Biblioteca de Ciências Sociais, 2003
- BASTOS, F. I. P. M.; BERTONI, N. (Org.). **Pesquisa Nacional sobre o uso de crack: quem são os usuários de crack e/ou similares do Brasil? quantos são nas capitais brasileiras?** Rio de Janeiro: ICICT, 2014.
- BRASIL. **Decreto nº 7.053, de 23 de dezembro de 2009.** Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersetorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm. Acesso em: 09 ago 2020.
- COURTINE, J. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em análise do discurso. **Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias**, 1 (1), 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/118380>>. Acesso em: 16 mar. 2021.
- FALEIROS, V. P. **O que é política social.** 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- FERREIRA, M. C.L. **Resistir, resistir, resistir...primado prático discursivo!**. In: Discurso, resistência e.../Organizado por SOARES, A.S.F. et al... Cascavel, PR: EDUNIOESTE,2015.
- FILHO, José Moura Gonçalves. **Humilhação social - um problema político em psicologia.** Psicologia USP [online]. 1998, v. 9, n. 2 [Acessado 12 Janeiro 2022] , pp. 11-67. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65641998000200002>>. Epub 29 Set 1999. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/S0103-65641998000200002>.
- FORRESTER, V. **O horror econômico.** Trad. Álvaro Lorencini. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970.** Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- FONTANA, M. G. Z.; CESTARI, M. J. **“Cara de empregada doméstica”:** Discursos sobre os corpos de mulheres negras no Brasil. RUA, Campinas, SP, v. 20, p. 167–185, 2015. DOI: 10.20396/rua.v20i0.8638265. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8638265>. Acesso em: 02 março. 2022.

FRANGELLA, S. RUI, T. **Corpos precários: apontamentos para a relação entre corpo e cidade.** *Revista de Ciências Sociais - Política & Trabalho*, 1 (47): 23-38, 2017. Disponível em < http://ICS_SFrangella_Corpos_Precários_ART.pdf (ul.pt) >. Acesso em 12 de outubro de 2021.

FRANÇA, M. A. L. O corpo como lugar de produção de sentidos: uma análise discursiva. *Revista Calendoscópio*, 8 (2): 182-197, 2020. -

FUCHS C.; PÊCHEUX M. **A propósito da Análise Automática do Discurso: Atualização e Perspectivas (1975).** In: Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. Campinas, Ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

GALL, M. D.; GALL, J. P.; BORG, W. R. **Educational research: an introduction.** 8. ed. Person/Allyn and Bacon, 2007

GOMES FILHO, J. ; SOUZA, I. L. ; GOMES FILHO, J. . **Identidade, discurso e poder do morador de rua: a construção de uma utopia através do jornal 'Aurora da Rua'.** In: VIII Seminário de Pesquisa em Estudos de Linguagem, 2014, Vitória da Conquista (Ba). Seminário de Pesquisa em Estudos Linguísticos -- ISSN 2317-0549 --. Vitória da Conquista: UESB, 2014. v. 8. p. 89-96.

HENRY, P. **Os fundamentos teóricos da “Análise Automática do Discurso” de Michel Pêcheux.** In: GADET, F.; HAK, T. (Org.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução a obra de Michel Pêcheux. Tradutores Bethânia S. Mariani [et al.]. 3 ed. Campinas, SP: UNICAMP, 1997.

HAROCHE, C. **Fazer dizer, querer dizer.** Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. São Paulo: Hucitec, 1992.

KVALE, S.; BRINKMANN, S. **InterViews: Learning the craft of qualitative research interviewing.** Los Angeles, CA: Sage Publications, 2009.

LAGAZZI, S. **O desafio de dizer não.** Campinas: Pontes, 1988.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. **A trama enfática do sujeito.** In: **Seminário de Estudos em Análise do Discurso, 2.**, 2005, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Porto Alegre, RS: UFRGS, 2005.

LEANDRO-FERREIRA, M. C. **O Corpo enquanto objeto discursivo.** In: **Análise do Discurso em perspectiva: teoria, método e análise.** Santa Maria: Editora da UFSM, 2013

MADUREIRA, A. L. G. O Sujeito em uma Teoria Não-subjetiva da Subjetividade. *Revista Virtual*, v. 1, p. 1-13, 2009.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso.** São Paulo: Pontes, 1993.

MALDIDIER, D. **A Inquietação do Discurso: (Re) Ler Michel Pêcheux Hoje**. Campinas: Pontes, 2003.

MATTOS, R.M.; FERREIRA, R.F. Quem vocês pensam que (elas) são? Representações sobre as pessoas em situação de rua. **Psicologia & sociedade**, 16 (2): 12, 2004.

MITTMANN, S.; CAMPOS, L. J. (Orgs.). **Análise do Discurso: da inquietude ao incômodo lugar**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019.

MIGLIANO, M.; ROCHA, M. I. C. M. da. Mulheres na rua: apontamentos sobre a dimensão política do corpo feminino no espaço público. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, Campinas, SP, 8 (1): 60–75, 2016. DOI: 10.20396/urbana.v8i1.8642598. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8642598>. Acesso em: 15 abr. 2021.

OLIVEIRA, F.O.; WERBA, G. C. **Representações Sociais**. In: JACQUES, M. G. C. et al. (Orgs.). *Psicologia social contemporânea*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 104-117.

ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 3. ed. Campinas: Ed. Unicamp, 1995.

ORLANDI, E.P. **Cidade dos Sentidos**. Campinas, SP: Pontes 2004.

ORLANDI, E.P. **Discurso e Texto: formação e circulação dos sentidos**. Campinas: Pontes, 2001.

ORLANDI, E.P. **Discurso em Análise: sujeito, sentido e ideologia**. 3. ed. Campinas, SP. Pontes Editores, 2017.

ORLANDI, E.P. **Eu, Tu, Ele – Discurso e real da história**. 2. Ed. Campinas, SP, Pontes, 2017b.

ORLANDI, E.O. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis: Vozes, 1996.

ORLANDI, E.P. **Para uma enciclopédia da cidade**. Campinas, SP: Pontes: UNICAMP/LABEURB, 2003.

ORLANDI, E. P. **Paráfrase e polissemia: a fluidez nos limites do simbólico**. RUA, Campinas, SP, v. 4, n. 1, p. 9–20, 2015. DOI: 10.20396/rua.v4i1.8640626. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua/article/view/8640626>. Acesso em: 12 jan. 2022.

OROZCO, G. **Professores e meios de comunicação: desafios, estereótipos**. Revista Comunicação e educação, São Paulo, no10, p57-68, 1997.

PAYER, M. O. **Linguagem e sociedade contemporânea: sujeito, mídia, mercado.** Rua, n. 11, Campinas, SP : Labeurb/Nudecri/Unicamp, p. 9-25, março de 2005).

PÊCHEUX, M. **O discurso: estrutura ou acontecimento.** Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, M. **Sobre os contextos epistemológicos da análise de discurso.** Trad. Bras. de Orlandi, E.P. et al revista Escritos (no. 4, Labeurb/Nudecri/Unicamp, 1999).

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio.** Trad. Eni P. Orlandi [et. all]. 3 ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.

PÊCHEUX, M. **Análise automática do discurso (AAD69).** In: GADET, F.; HAK, T. (orgs.). Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 4. ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2010. p. 61-161.

PÊCHEUX, M. **Papel da Memória.** In: ACHARD, P. et al. (org). Papel da Memória [1983]. 3.ed. Tradução José Horta Nunes. Campinas: Pontes. 2010, p. 49-58.

PÊCHEUX, M. **Análise de Discurso Michel Pêcheux.** Textos selecionados: Eni Orlandi - 4. ed. Campinas, São Paulo: Pontes editores, 2015.

PEREIRA, V. S. **População de rua em Juiz de Fora: uma reflexão a partir da questão social.** 2007. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Programa de Pós-graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2007.

POSSENTI, S. **Os limites do discurso.** Curitiba: Criar Edições, 2002.

RUI, T.; MARTINEZ, M.; FELTRAN, G. S. (Org.). **Novas faces da vida nas ruas.** São Carlos: EdUFSCar/CEM, 2016.

SILVA, M. A. **Imaginários sociodiscursivos da mulher em situação de rua na mídia: uma análise discursiva de notícias de jornais impressos de Minas Gerais e Rio de Janeiro.** 2017. 158f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2017.

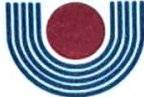

THEBAS C, DUNKER C. **O Palhaço e o Psicanalista: como escutar os outros pode transformar vidas.** São Paulo: Planeta Brasil; 2019.

TIBURI, M. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos.** 13 ed. RJ: Rosa dos Tempos, 2020.

VERGARA, S. C. **Métodos de coleta de dados no campo.** São Paulo: Atlas, 2009.

ANEXOS

I. AUTORIZAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA

| | | | | |
|---|--|--|--------------|-----------------|
|  | UNIOESTE - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ |  | | |
| PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP | | | | |
| DADOS DO PROJETO DE PESQUISA | | | | |
| Título da Pesquisa: O SUJEITO MORADORA DE RUA: VIDAS EM (DIS)CURSO | | | | |
| Pesquisador: FRANCIELLY THAIS HIRATA | | | | |
| Área Temática: | | | | |
| Versão: 2 | | | | |
| CAAE: 40455620.7.0000.0107 | | | | |
| Instituição Proponente: Universidade Estadual do Oeste do Paraná/ UNIOESTE | | | | |
| Patrocinador Principal: Financiamento Próprio | | | | |
| DADOS DO PARECER | | | | |
| Número do Parecer: 4.463.681 | | | | |
| Apresentação do Projeto: Saneamento de pendências | | | | |
| Objetivo da Pesquisa: Vide descrição anterior | | | | |
| Avaliação dos Riscos e Benefícios: Vide descrição anterior | | | | |
| Comentários e Considerações sobre a Pesquisa: Vide descrição anterior | | | | |
| Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória: Vide descrição anterior | | | | |
| Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações: As correções no TCLE atenderam as solicitações do Colegiado do CEP Unioeste | | | | |
| Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados: | | | | |
| Tipo Documento | Arquivo | Postagem | Autor | Situação |
| Informações Básicas do Projeto | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1671583.pdf | 14/12/2020 12:45:25 | | Aceito |
| Endereço: RUA UNIVERSITARIA 2069 | | | | |
| Bairro: UNIVERSITARIO | | | | |
| CEP: 85.819-110 | | | | |
| UF: PR | | | | |
| Município: CASCAVEL | | | | |
| Telefone: (45)3220-3092 | | | | |
| E-mail: cep.prppg@unioeste.br | | | | |



UNIOESTE - UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO OESTE DO
PARANÁ



Continuação do Parecer: 4.463.681

| | | | | |
|---|------------------------------|------------------------|----------------------------|--------|
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.docx | 14/12/2020 12:43:45 | FRANCIELLY THAIS HIRATA | Aceito |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador | projetoFranciellyHirata.docx | 27/11/2020 06:21:36 | FRANCIELLY THAIS HIRATA | Aceito |
| Outros | formularios.pdf | 26/11/2020 19:15:25 | FRANCIELLY THAIS HIRATA | Aceito |
| Outros | instrumento.docx | 26/11/2020 19:11:17 | FRANCIELLY THAIS HIRATA | Aceito |
| Folha de Rosto | folhaderosto.pdf | 26/11/2020 18:54:18 | FRANCIELLY THAIS HIRATA | Aceito |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não


CASCADEL, 14 de Dezembro de 2020

Assinado por:
Dartel Ferrari de Lima
(Coordenador(a))


Endereço: RUA UNIVERSITARIA 2069
Bairro: UNIVERSITARIO CEP: 85.819-110
UF: PR Município: CASCADEL
Telefone: (45)3220-3092 E-mail: cep.prppg@unioeste.br

II. TERMO DE CONSENTIMENTO DAS MORADORAS

1



unioeste
Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP



Aprovado na
CONEP em 04/08/2000

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título do Projeto: Sujeito moradora de rua: vidas em (dis)curso
Certificado de Apresentação para Apreciação Ética – “CAAE” N°
Pesquisador para contato: Francielly Thais Hirata
Telefone: (45) 99807-0676
Endereço de contato (Institucional): Unioeste

Acreditamos que você tem muito a dizer e queremos te ouvir. Por isso, te convidamos a participar de uma pesquisa da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) que se propõe dar voz às moradoras de rua de Toledo e, em seguida, estudar o funcionamento da linguagem através de uma teoria chamada Análise de Discurso, que buscará principalmente compreender através dos discursos a condição da mulher que ocupa as ruas bem como o funcionamento da própria sociedade diante do tema.

Com essa pesquisa queremos oportunizar que as mulheres moradoras de rua rompam com o silenciamento que a sociedade excludente impõe, cumprindo um importante papel da universidade, que é tornar visíveis as pessoas que estão à margem e combater todo e qualquer tipo de desigualdade.

A pesquisa consistirá na realização de uma entrevista/conversa com você. De forma tranquila e aberta, sem qualquer tipo de julgamento por parte da pesquisadora, com o objetivo de ressaltar os seus dizeres. Porém, você terá ampla liberdade para responder apenas o que quiser e, caso ache melhor, desistir de participar da pesquisa. Para que isso ocorra, basta informar, por qualquer modo que lhe seja possível, que deseja deixar de participar da pesquisa e qualquer informação que tenha prestado será retirada do conjunto dos dados que serão utilizados na avaliação dos resultados.

Você não receberá e não pagará nenhum valor para participar deste estudo, assim como não terá nenhum tipo de despesa decorrente de sua participação. As informações que você fornecer serão utilizadas exclusivamente nesta pesquisa.

Este documento que você vai assinar contém três páginas. Você deve vistar (rubricar) todas as páginas, exceto a última, onde você assinará. Caso não seja alfabetizada a pesquisadora estará lendo este documento e sua assinatura será por digital. Este documento está sendo apresentado a você em duas vias, sendo que uma via é sua e a outra ficará com a pesquisadora.

Precisamos te informar também de alguns riscos característicos deste tipo de pesquisa; - Invasão de privacidade; - Abordar questões sensíveis, tais como atos ilegais, violência, sexualidade; - Despertar pensamentos e sentimentos; - Discriminação e estigmatização a partir do conteúdo revelado; - Divulgação de dados ou informações confidenciais; - Tomar o tempo do sujeito ao responder ao questionário/entrevista.

Porém, para minimizar os riscos, a pesquisa prevê: - Minimizar desconfortos, garantindo local reservado, mesmo na rua, e liberdade para não responder qualquer questão;- Garantir que a pesquisadora tenha total empatia e seja desprovida de julgamentos ou preconceito;- Estar atento aos sinais verbais e não verbais de desconforto e não forçar nenhum tipo de participação; - Garantir a não violação e a integridade das entrevistas; - Assegurar a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas; - O pesquisador e a instituição devem assumir a responsabilidade de dar assistência integral às complicações e danos decorrentes dos riscos previstos; - Garantir a divulgação pública dos resultados; e- Garantir que sempre serão respeitados os valores culturais, sociais, morais, religiosos e éticos, bem como os hábitos e costumes das entrevistadas.

Caso você precise informar algum fato ou decorrente da sua participação na pesquisa e se sentir desconfortável em procurar o pesquisador, você poderá procurar pessoalmente o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UNIOESTE (CEP), de segunda a sexta-feira, no horário de 08h00 as 15h30min, na Reitoria da UNIOESTE, sala do Comitê de Ética, PRPPG, situado na rua Universitária, 1619 – Bairro Universitário, Cascavel – PR. Caso prefira, você pode entrar em contato via Internet pelo e-mail: cep.prppg@unioeste.br ou pelo telefone do CEP que é (45) 3220-3092.

Declaro estar ciente e suficientemente esclarecido sobre os fatos informados neste documento.

Nome do sujeito de pesquisa ou responsável:

Assinatura:

| Mary Estela Pedras

Eu, *Francielly Thais Hirata* declaro que forneci todas as informações sobre este projeto de pesquisa ao participante (e/ou responsável).

Assinatura do pesquisador

Toledo, 25 de 02 de 2021.

Declaro estar ciente e suficientemente esclarecido sobre os fatos informados neste documento.

Nome do sujeito de pesquisa ou responsável: *Oluzo Rodrigues*

Assinatura:

Oluzo

Eu, *Francielly Thais Hirata* declaro que forneci todas as informações sobre este projeto de pesquisa ao participante (e/ou responsável).

Assinatura do pesquisador

Toledo, 29 de junho de 2021.

III. QUESTIONÁRIO NORTEADOR DAS ENTREVISTAS

| |
|---|
| Questionário Entrevista semiestruturada: |
| Bloco 1 – Identificação como cidadã |
| <p>1 – Como posso te chamar?</p> <p>2 – Quantos anos você tem?</p> <p>3 – Onde e quando você nasceu?</p> <p>4 - Você tem algum tipo de documento pessoal?</p> <p>5 – Você é casada ou solteira?</p> <p>Se sim: vive com ele; é o único companheiro (ou já teve outro(s)); tem filho(s); onde vivem; como se sente em relação a eles)?</p> <p>Se não: por que não se casou? gostaria de ter um companheiro? tem filho(s)/gostaria de ter filhos?</p> |
| Bloco 2 – Resgate de memórias |
| 6 – Você tem lembranças de infância, da sua família, de escola? |
| Bloco 3 – Pertencimento à rua |
| <p>7 – Há quanto tempo você está na rua? Você sempre morou nas ruas?</p> <p>8 – Você pode contar/explicar o que é viver na rua para quem não vive na rua?</p> <p>9 – Quais são os perigos das ruas? Do que você tem mais medo?</p> <p>10 – Qual foi a maior violência que você já sofreu (física ou psicológica)?</p> <p>11 – Do que você gosta na rua?</p> <p>12 – Você recebe algum tipo de ajuda (qual/de quem?)</p> |
| Bloco 4 – Reconhecimento como mulher |
| <p>13 – Dizem que a vida para as mulheres é mais difícil. Você acredita nisso?</p> <p>14 – Você se acha uma mulher bonita? O que você mais gosta em você? O que você não gosta em você?</p> |
| Bloco 5 – Uma trajetória de sentimentos |
| <p>15 – Você sente vergonha de alguma coisa?</p> <p>16 – Você se arrepende de alguma coisa?</p> <p>17 – Você tem raiva de alguma coisa?</p> <p>18 – Do que você se orgulha?</p> <p>19 – Se você encontrasse o gênio da lâmpada e tivesse a chance de pedir algo para mudar a sua vida agora, o que você pediria?</p> |
| Bloco 6 – O outro e o eu |
| <p>20 – Quando as pessoas olham para você, o que você imagina que elas pensam sobre a sua vida? O que você responderia a elas?</p> <p>21 – Como você se define? Quem é a (NOME)?</p> |
| Bloco 7 – A percepção da fé |
| 22 – Você acredita em Deus? |
| Bloco 8 – Felicidade hoje e amanhã |

23 – Você se considera feliz? (Você acha que a entrevistadora é feliz? Por quê?)

25 – Qual é o seu sonho?

Bloco 8 – Eu tenho voz

24 - Se você pudesse dizer algo para todo o mundo ouvir, o que você diria?

25 – Você quer dizer alguma coisa mais antes de encerrarmos nossa entrevista?

IV. TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

| |
|--|
| Entrevistada 1: CLEUZA |
| Data: 29/01/2021 Local: Praça da rodoviária |
| Siglas: |
| Pesquisadora (P) Cleuza (C) Morador de rua 1 (M1) Morador de rua 2 (M2) |
| Entrevista: |
| <p>P: Como eu posso te chamar?</p> <p>C: Cleuza</p> <p>P: Quantos anos que você tem Cleuza?</p> <p>(pausa enquanto procura os documentos na mochila)</p> <p>C: Que ver eu fui tomar banho lá embaixo e esqueci meus <i>documento</i>?</p> <p>C: <i>Tá</i> aqui.</p> <p>P: Você nasceu dia 10 do 11 de 1981?</p> <p>P: Então você tem...eu tenho, eu sou de 83, eu tenho 37, você tem 39. É isso? 39 anos?</p> <p>C: É.</p> <p>P: Então tá, Aham...Você tem todos os documentos pessoais Cleuza?</p> <p>C: Tem tudo</p> <p>P: Aham...</p> <p>P: Você nasceu onde?</p> <p>C: Nasci em... Diamante</p> <p>P: Aqui no Paraná?</p> <p>C: Diamante do Oeste</p> <p>P: Diamante do Oeste? Aham...</p> <p>P: É...Você é casada ou é solteira?</p> <p>C: Solteira</p> <p>P: Solteira? Já casou alguma vez?</p> <p>C: Já casei, eu já tenho uma menina e um piá. O piá já <i>caso</i> e a menina já <i>caso</i> também.</p> <p>P: Quantos anos eles têm?</p> <p>C: A menina está com... 22</p> <p>P: 22? E o teu piá?</p> <p>C: E o piá <i>tá</i> com 27</p> <p>P: 27. Você já tem netos?</p> <p>C: Tem um <i>piazinho</i>, um tá...tá pra andar já.</p> <p>P: É, quantos anos tem seu neto?</p> |

C: Ah, mandaram foto pra mim, *num..* mandaram pra *mim* ir pra lá, pra mim, não vou ih..

P: Quase um ano já?

C: É quase um ano

P: Quase um ano. É?

P: E você foi casada quantas vezes?[Casada assim né, morou junto, tal...

C: [não..

C: Eu fui amigada com um, fui amigada com outro depois, outro separei.

P: Três? Com três?

C: É.

P: E seus filhos são de quais deles?

C: Não é um *fio*, o pai do meu *fio* mora em Santa Catarina e o pai da menina mora aqui em Ouro verde.

P: Em Ouro Verde? Ah tá.

P: E...e eles, como é esse relação com eles, com teus filhos?

C: Não. Eles *tá* bem comigo né, só a menina, a menina quer que eu vô morar com ela. O piá quer que eu vô embora *pra* Santa Catarina. Eu (inaudível) é viajero, eu podia mesmo ir né? Eu não tenho...

P: Uhum

C: Eu não tenho dinheiro, não recebo nada. Eu perdi essa mão aqui oh...

P: Uhum

C: Eu tô usando tela na barriga ainda.

P: Uhum

P: Você, você vive na rua há quanto tempo?

C: Ah eu vivi muitos anos, eu vivi em Cascavel, eu vivi em todo lado *fia*, não tenho moradia não.

P: É, mas em anos assim você faz ideia há tempo você está na rua, assim?

C: Ah vai fazer muito já né tio? (pergunta para um senhor cadeirante que está com ela)

M 1: Inaudível

P: Mas os seus filhos já eram grandes,?

C: Ah, *era grande* já.

P: Arram, eram casados, tudo?

C: É. Tudinho.

P: E como foi assim pra você Cleuza, [como que você foi parar na rua? Me conta um pouquinho?

C: [Foi assim ó...

P: Gente, vai chover...

C: Eu vou contar assim ô..

P: Hã?

C: Eu separei do pai do meu filho, ele pegou, ele *tava* fumando pedra, fumando maconha, essas coisas; Falei pra ele:

- "Isso *qui* não leva saúde pra ninguém né?".

- "Uai, se tu *quê* tal da saúde, então *cê* vive"

- "Eu vou vender as coisas então, eu vou morar na rua então".

Peguei vendi minha casa, vendi tudo.

P: E veio morar na rua?

C: Vim morar na rua.

P: Seus filhos já não moravam contigo?

C: Não

P: Vamos achar um lugar pra gente ir? (Começa a chover mais forte. Atravessamos a rua e ficamos em frente a uma loja, onde eles dormem)

P: Tá, então daí você morava com ele. Há quanto tempo que você morava com ele?

C: Ah, morava há uns seis anos com ele. Não era 20 anos com ele.

P: E era muita briga? Começou a dar muita briga?

C: É, depois brigou, peguei vendi minha casa, vendi tudo. Falei:

- "Então, então não *tava* na melhor né? Então vou vender minhas coisas e vou embora né, não vou ficar namorada de ruim não".

A minha mãe ainda ponhou eu ainda e falou assim:

- "Quer *vortá* pra minha casa?"

Falei:

- "Não vou voltar pra tua casa, *que* minha mãe é viúva e o meu pai faleceu. Eu não gosto de ficar morando junto com a minha mãe. Tá entendendo?

P: Aí você vendeu e foi pra rua? Isso era onde? Em qual cidade?

C: Em São Pedro foi.

P: Em São Pedro. E aí como que foi [esse...ir

C: [Ah, foi sim, foi sim, nós *foi* conversando né. Até hoje ele quer conversar comigo não tô puxando conversa com ele...

P: Uhum...

C: Foi assim.

P: E aí você foi pra rua e como foi pra você [se...

C: [Aí vim pra rua e *tô* aqui ô...

C: Eu não *vô* morar com minha mãe, *pruveitá* da minha mãe. Eu acho que vou *pruveitá* da minha vida *memo*, eu *memo*, sozinha. (solidão da mulher moradora de rua)

P: E foi muito difícil pra você, como que foi esse? Por exemplo, você saiu de casa, chegou na rua, e aí?

C: Saí de casa né, eu *memo* saí. Eu saí, vendi a casa.

P: E foi muito difícil pra você, como que foi esse primeiro momento?

C: Ah, difícil não foi, foi difícil *pra* ele né. Porque foi difícil pra ele, porque rachar com a menina e rachar com o piá, eu vendi a casa, o piá *pego*, comprou uma *mota*, e a menina *pego tava* grávida ainda, a minha menina. Paguei a...ela tinha um negócio de *cânce*, sabe esse *cânce*? Então, ela tinha *cânce* ainda. Depois eu peguei e paguei até o médico *pra* menina ainda.

P: E você foi pra rua?

C: Eu vim pra rua.

P: E você não trabalhava?

C: Não, eu trabalhava na reciclagem. Ele pegava meu dinheiro e gastava tudo.

P: Aham...

P: E hoje, olhando pra trás o que você acha, foi a melhor coisa que você fez? O que você acha?

C: Ah eu pra minha conta, eu... vou deixar baixo tá. (desvia o olhar)

P: Uhum...

P: E como que é a vida de uma mulher na rua?

C: Ah, é ruim posar na rua né?

Não tem banheiro pra tomar banho, só tem o banheiro da rodoviária pra escovar dente de manhã cedo.

P: Uhum...

C: Só falo pra vocês me arruma um lugar pra mim ficar, eu *garanti*.

P: Uhum...

P: E por exemplo na rua, como é seu dia a dia? Você acorda...me fala mais ou menos seu dia a dia como que é.

C: Não, eu acordo, vô lá escovar o dente e fico de boa. Amanheceu o dia *tá* todo mundo acordado já.

P: E o que você faz durante o dia?

C: Ah o que eu tô pega um serviço né, aqui na *Pradi* (Prati), diz que a *Pradi* (Prati) *tá pegano* pra trabalhar né? Eu tô querendo entrar na *Pradi* agora, só *num...*a minha *num...*eu *num* tenho carteira agora, tenho que fazer outra carteira. Eu preciso essa, eu preciso de ajuda de *ocês memo*, não é só pra mim, é pra mim e ele, o veio aqui ô. Pra nós. (aponta para o senhor que a acompanha).

P: Hum...

P: E, qual que é momento mais difícil assim no teu dia?

C: Ah, agora não sei hein.

P: E quando [vai dormir?

M1: [Mais difícil pra ela é quando tá chovendo...

C: Ah pra dormir? Pra dormir vou dormir cedo *proque* eu num, eu quase *num* janto, não almoço, eu não almoço nada. Pode *pergunta* pra ele, não almocei até agora. Eu tô sem almoçar até agora.

P: E como que você blinda a fome?

C: Ah, a fome. Eu num...eu *num...* a fome.. eu *num* sou chupinho para comer arroz,não como feijão, não como nada, nem carne. Eu como só macarrão. Meu negócio é só macarrão.

P: E como que você faz quando você *tá* com fome?

C: Ah, eu como um pão...de noite.

P: E pra conseguir dinheiro pra comprar, você tá [pedindo, tá fazendo algum serviço, como que você tá fazendo?

C: [é...

C: Saí pedindo né, *pra* roubar não vai dar né fia?

Eu sai pedindo:

- "Tem o dinheiro da marmita?"

P: Aham...

P: É...você tem assim bastante lembrança então ainda da tua família, da sua infância, como que era?

C: Ah eu tenho uma lá, uma herança né, o pai largou *pra* minha mãe, eu só não vou entrar no meio né.

P: E você lembra bastante deles?

C: Ah eu lembro, só eles já veio correr atrás de mim já, já me perdi deles já.

P: É, e o que você lembra da sua infância, da sua família?

C: Ah minhata mãe ela quer me ajudar, só não quero ajuda dela. Eu falei:

- "Não mãe, eu não quero ajuda da senhora, eu quero ajuda"

O que me ajudou já *tá* debaixo da terra, o pai, o pai me ajudou um monte. Me deu *edicação*, me deu estudo, me deu estudo não, me, estudou só na primeira série só. Só isso.

P: E você lembra, vocês eram uma família com quantas pessoas, como era sua família?

C: É seis *irmã* e seis homens. Dois é morto e dois vivo.

Só o outro irmão que eu tenho lá em casa, ele chama Paulinho, só não converso com ele. Ele tentou me matar eu um dia.

P: Uhum...

P: E a tua família, quando era casada e morava com os filhos, como que era?

C: Ah, eles falaram, ele falaram um monte né, porque eu *bandonei*, porque eu finquei a casa *num*, porque eu vendi a casa.

Eu falei:

- "Eu vendi por causa da, do outro lá, *proque* o outro não quer parar das dorga"

É isso que ia fazer.

P: Mas, você tem lembranças assim, do dia a dia de [vocês, como que era?

C: [não

C: Não, não tenho *lembança* não

P: Não?

C: Não, não, ixi, nem quero saber mais.

P: Sofreu muito quando você estava com eles?

C: Ixi..ele me deu uma dentada aqui, me deu uma dentada aqui, tá vendo aqui?

P: Uhum...

C: Então, viu?

P: Ele era violento então?

C: Então...eu prefiro separar eu prefiro se matar

P: Aham...

P: E teus filhos, você vê, você viu eles quando assim ultimamente?

C: Ah, a minha filha ela conversa comigo, por enquanto né. Só, ela liga direto aqui do *oreião*, no *oreião*

P: Aqui da? Você deu o telefone do orelhão alí pra ela?

C: *Di*

P: E aí ela liga pra você?

C: Ela liga direto pra mim perguntando pra mim como eu passei ou não.

P: Uhum...E como que é pra você quando você recebe essas ligações?

C: Ai, ontem de noite fui lá banheiro ela ligou umas dez *veis*, o guarda falou pra mim:

- "ela ligou umas dez *veis*".

P: Uhum...

P: Você tem saudades?

C: Ah saudade eu tenho né. Só não quero viver com a família mais. Ficar sozinha agora, nem fio, nem fia mais.

P: E como que é viver na rua? Explica pra mim, eu que não vivo na rua. Explica pra mim, como que é viver na rua.

C: É difícil viver na rua hein *fia*. Ontem *nois* *poso* aqui, ele viu. O tempo tava pra chuva, ele pegou, tava dormindo virado, ele também, eu tava dormindo assim, falei não vou dormir não hein, vai dar um pé de chuva vou correr lá pra rodoviária. Foi ruim, foi difícil, todo mundo sem coberta rapaz

P: Uhum...

C: Um *morgano* em cima da minha coberta, outro *morgano* em cima da coberta do outro.

P: E as pessoas, em geral assim, como que elas olham para vocês?

C: Não elas, *trais* boia aí, *trais* janta, *trais* tudo. Isso aí num, pra mim eu num como, eu dou tudo pra eles aí pra eles comerem.

P: E você acha assim, por ser mulher. Mulher é sempre um pouco mais difícil, a mulher carrega uma carga. Você acha que sim, que a mulher carrega uma carga um pouco maior que o homem?

C: Acho que não hein.

P: Você acha que não? Por quê?

C: Acho que não hein. Vou deixar quieto esse negócio.

P: Se você tivesse a vontade de mudar alguma coisa na sua vida hoje, o que você mudaria?

C: Ah, eu preferia ficar sozinha né

P: Ficar sozinha?

C: Morar sozinha, eu e Deus.

P: Você gosta então assim, [da...sua solidão?

C: [é ninguém

C: Eu não gosto que ninguém me incomoda, eu ficava morando sozinha. O que eu falei pra minha mãe, falei assim pra ela:

- "Eu quero morar sozinha, eu e Deus."

P: Uhum..

P: E o do que que você gosta da rua então?

C: ãh?

P: Do que que você não gosta da rua?

C: Então, eu não gosto de ficar na rua porque eu não tenho moradia, se tivesse uma casa pra *mim* ficar...dentro

P: E tem alguma coisa na rua que você goste?

C: Não

M2: Os amigos não?

C: Não, a família, eu tenho amigo, [amigo aí ô.

M2: [a bão...

P: Os amigos você gosta, só isso, mais nada?

C: É, só isso

M2: É os amigo, um, dois, três

P: Arram... sim.

P: E violência na rua, você já sofreu violência na rua?

M1: Ali embaixo agora nego apanhou.

C: Apanhoulá embaixo a pizada.

M2: Mas não foi ela né?

P: Mas você, você?

C: Eu não

P: Nunca?

C: Eu nunca briguei na rua aqui.

P: E ninguém nunca brigou com você na rua?

C: Não ninguém nunca brigou comigo, nem *judio* eu, ninguém

M2: Uma é que ele bate mais que homem.

P: E em relação a você mulher, você se acha bonita hoje?

C: Ah todo mundo acha eu bonita né?

P: Mas você acha você bonita?

C: Acho que não, (risos tímidos)

P: Não acha?

M2: O *loco*, mas como é que cê fica toda hora de...(imita olhar no espelho e se arrumar)

C: Ah, mas lá né (tímida)

M2: Ah mas *intão*, isso é vaidade. Isso é coisa boa.

P: Você se acha bonita?

M2: Fala...

C: Acho

M2: Aí...legal.

P: E o que você mais gosta em você?

C: Ai quanta pergunta.

M1: Gosta da liberdade né caramba?

C: A liberdade né.

Vai Tio Barba ajuda eu...

P: E pensando assim em você, quando você se olha. O que você olha e mais gosta, assim?

M1: A pele

M2: A vaidade

A entrevista é com ela ou com nós?

C: Não, o Tio Barba tá me ajudando aqui agora.

M2: Eu sei, nois tamo tudo junto né amor.

Tava tudo junto até ontem.

Mas a pergunta é pra você.

C: Então é a mesma coisa que ele falou.

P: Tem alguma coisa que você não gosta?

C: Ah não.

P: Não? Gosta de tudo?

C: (Acena com a cabeça)

P: Que bom, que bom...

M1: Não gosta de droga né, gosta de uma pinga né

C: Guaraná Tio Barba

M2: Não é isso que ela tá falando.

P: Mas isso é uma boa pergunta.

C: Um guarana eu tomo, agora se *ocê traze* um guaraná pra mim eu tomo.

P: Arram. Mas, você faz usa de... de droga?

C: Não, eu não fumo maconha. Não, primeiro eu cheirava. Olha só, tá aqui ô. Eu vou mostrar *procê* ó. (mostra sinais no corpo).

Eu cheirava, queimei tudo com maconha, tudo isso aqui agora. Agora parei de fumar, cheirar, parei de fumar maconha, pedra.

A última coisa que vou tomar, a última que eu fala pra *ocê memo*, eu não vou, não gosto de mentir, eu gosto de tomar uma, uma cachacinha.

P: Uma pinguinha?

C: É

M2: Ela não tá num vendo a hora de..

Eu vou tomar uma

C: Pode tomar

M2: Eu num vou oferecer pra ela

Isso aqui é água tá tia.

P: Você sente vergonha de alguma coisa?

C: Não, eu não tenho vergonha de ninguém não

P: E você se arrepende de alguma coisa na sua vida?

C: Não, também não.

P: Raiva, você tem raiva de [alguém, alguma situação?

C: [Não, também não.

P: Você sofreu bastante né?

C: Arram, eu sofri bastante.

P: E isso não te causa assim [revolta, dor?

C: Não negócio de *revorta* eu tenho *revorta memo*.

P: É, pelo o que?

C: Por causa da minha mãe.

P: É, pelo o que ela fazia com vocês?

C: Não, é a minha mãe vai morar com a minha irmã, vai vender a casa, vai vender o sítio, e eu...

M2: Vai ficar com a herança

C: Eu não vou pegar nada [*proque*

M2: [Ah masse a mãe e o [pai *vende* as coisas que têm os filhos têm direito a metade

C: [Não, meu pai é...não tira meu pai fora *que* meu pai é falecido

M2: Tá, mas e tua mãe?

C: Ah...

M2: Na verdade a parte da tua mãe ela *tá* te *dano* né?

C: Não, o meu irmão, eu falei *pra* ela:

- "Eu *num* converso com o meu irmão"

M2: Não, a tua mãe, a tua parte [ela

C: [nem com a minha irmã eu não converso.

P: E você recebe algum tipo de ajuda de alguém?

M2: É, da mãe?

P: De alguém?
C: Não

P: De ninguém?

C: Nada nada

P: Aham, *tá* certo.

P: Você, quando as pessoas passam aqui, por exemplo, e olham pra você, o que você acha que elas estão pensando?

C: Ah, dá bom dia, dá boa tarde, é assim a *indicação* é assim.

P: Uhum. E você acha que as pessoas as vezes olham *pra* você com algum tipo de julgamento ou preconceito?

C: Não ela *ajuda os outro*, dá coberta, só não dá roupa né.

*Ont*e o..., *onte* a minha irmã passou aqui, comprou esse *carção*, essa camiseta aqui ô.

P: Tua irmã?

C: Passou aí e me jogou na minha cara. Nem podia pegar.

P: Arram. E as pessoas que não são da tua família assim? As pessoas em geral, que passam aqui, você acha que elas têm algum tipo de preconceito com quem mora na rua?

C: Não, elas *ajuda*, mesma coisa. Ajuda os *outro*, dá bom...Amigo para outro.

P: Você acha que passa o que na cabeça das pessoas quando elas olham para vocês que moram na rua?

C: Ela ajuda os outro, vai falar assim:

- "Ocês é morador de rua, então vou ajudar *ocês*. Ela dá roupa, dá calçado, né Tio Barba?

Dá tudo.

P: Uhum...

P: Você acredita em Deus?

C: Oia minha santa aqui ô.

P: Católica?

Acena com a cabeça.

M 2: Apostólica, romana.

P: Faz as tuas orações diárias, como que é? Acredita bastante?

C: Tenho a minha bíblia dentro da minha *borsa*, todo dia eu faço.

P: E o que você... ora, o que que você pede?

C: Ai, eu *pedo* pra Deus pra me tirar eu dessa vida né cara?

Não é pra eu ficar nessa vida até hoje.

P: Você acha que você é feliz?

C: Acho que sim né

P: Você se considera feliz?

C: É, feliz.

P: O que é felicidade né? O que é felicidade pra você?

C: Pedreira...

M2: Ficar viva

C: É vivo. (ri)

M1: É ué, tá viva, com saúde.

P: E eu, você acha que eu sou feliz?

C: Ah você é

M2: Aí...agora *vamo* entrevista ela. *Vamo fazê* umas perguntas pra ela.

P: Porque você acha que eu sou feliz?

C: Ah, *proque ocê tá trabaiano* né.

M1: Tem casa, tem tudo

M2: Mas você é feliz na tua vida assim?

P: Graças a Deus eu sou feliz. Acho que a felicidade é uma coisa interna, que a gente tem que ser. Se a gente começa reclamar, reclamar, reclamar, você pode ter tudo na vida você nunca vai ser feliz né?

P: Mas e você, você tem sonhos?

C: Sonho:

P: É...

C: Sonhar com o que? Sonhar com Deus né?

Aí sim.

Eu sonho com Deus todo dia. falo:

- "Deus tira eu daqui dessas vidas aqui, essa... merda aqui.

M2: O *loco*.

C: Uai, tira eu daqui...Oia, oia como que *tô* aqui?

Eu fui pagar um banho lá na casa do *heitiano* hoje.

M2: Ocê conseguiu *paga* um banho *inda*, e nós que não conseguiu ainda?

P: Então...

M2: Viu...tem gente que nem...né branca. É...o teu sonho tá longe, mas chegou pô.

P: O teu sonho então é sair da rua?

C: É sair da rua e tivesse uma casa pra *mora*.

P: Se você pudesse dizer alguma coisa, assim ô, hoje a gente vai parar o Jornal Nacional pra você falar, o que vocêalaria?

C: Ah eu falava um monte né, pra *mim* sair da rua, pra mim, eu quero uma casa pra mim morar. Ponto, já era.

M2: Uma ajuda né

C: É, uma ajuda.

M2: Uma ajuda social, resumindo.

M1: A casa da Dilma, é deu como que é aquela que é Dilma lá né.

C: Eu queria uma casa pra *mora*.

M2: *Ocê ia leva nós junto pra mora?*

C: O Batatinha *chega* aqui agora e me *filma* aqui eu falava:

- "Não, eu quero uma casa pra *mim mora*, eu quero sair desse inferno aqui ô".

Não tem lugar pra tomar banho.

M2: Ia levar nós junto ou não?

P: Pra você, eu sinto que você fala bastante de banho né, é algo que te incomoda muito é o banho?

C: Arram, eu tenho geladeira, tenho *fugão*, tem o que? Tem panela, tem um monte rapaz.

M1: A mulher tem que tomar banho pelo meno duas veis por dia.

C: É.

M1: Eu já tive mulher, se ficar um dia sem banho fede.

P: E você, o banho te incomoda bastante é?

C: É, incomoda

P: E tem dia que você não toma?

C: Eu toma banho direto. Eu tomo banho um dia, um dia sim.

P: E quando não dá, [você fica...

C: [ah *num dá*

M2: Aí tem que torcer pra *chuve* bastante...

C: Ah *chuve* bastante, *chuve* bastante...

Vou *desce* lá em baixo na casa do *heitiano*. Tem um *heitiano* ele é meu amigo, ele me ajuda né? Ele *falo*:

- "Não, um banho pra *ocê* tomar tudo bem, eu dou. Agora pra lavar a roupa não".

Ô, minha roupa tá tudo suja aqui ô.

P: Isso te incomoda?

C: Claro que incomoda.

P: Te incomoda essa questão de se não se sentir limpa?

C: É

M1: É que ela não tem roupa limpa

C: É não tem roupa limpa.

P: Isso é uma das coisas que mais te...que você não gosta, assim, na rua? Essa questão de não ter onde lavar roupa, tomar banho...

C: Não tenho. Não *pra* lavar roupa.

P: Porque comer eu vejo que você não liga muito né, assim, você falou que você não come?

C: Não, eu como só macarrão.

P: É, mas a questão do banheiro [você falou várias vezes né?

C: [Eu não sou chupinho de comer arroz.

P: E o banheiro, sem ser para tomar banho, pra usar banheiro, mesmo, onde você vai?

C: Pra usar banheiro uso aqui da rodoviária.

P: Da rodoviária...arram. E o pessoal te trata bem ali?

C: Trata, trata bem.

P: Você acha que tem diferença, como exemplo, como as pessoas né, em geral, tratam os homens que moram na rua e as mulheres?

C: Ah, todo lado, ele tem o banheiro dos *homi* e eu tenho o banheiro das *muié*.

M2: Não, os *homi* não tem banheiro não, as *muié* têm. Eles trata melhor as mulher do que os *homi*.

M1: Hoje as coisas mudo. Os *homi* assim, se os *homi* tirar o lado *selvage*, é tudo de bom. Mas tem, é, não todos, os que são *qué*

P: Uhum

P: Mas, você acha que por ser mulher, as vezes as pessoas ajudam mais, acabam confiando mais em você do que nos homens que estão na rua?

M1: É uma pergunta, da mulher.

C: Ah, não sei, se eles *quisé* ajuda eu, se não *quisé* ajuda também.

P: Mas você acha que você por ser mulher, as vezes...

C: Eu preciso *ocês* me ajudá, *proque* eu, eu sou *muler* né.

P: Acho que é isso, tem mais alguma coisa que você quer falar?

C: Não, só isso só. Tá bom.

P: Tá tudo bem pra você? Tá tranquila?

C: Tá tudo bem, não tenho nada mais pra *fala* mais.

Entrevistada 2: Estela

Data: 25/02/2021

Local: Ginásio de Esportes Aldanir Ângelo Rossoni

Siglas:

Pesquisadora (P)

Estela (E)

Entrevista:

P: Como posso te chamar?

E: Estela

P: Tá

P: Quantos anos que você tem Estela?

E: 40

P: Onde você nasceu? De onde você é?

E: Eu nasci em Ponta Grossa, Paraná.

P: Ponta Grossa, Paraná, aham.

P: E quando foi?

E: Eu me criei ali. Dos meus 15 anos em Guaratuba, litoral do Paraná, minha mãe mora lá.

P: Aham, em Guaratuba tá.

P: Você tem algum tipo de documento pessoal contigo?

E: Tem

P: Todos os documentos você tem?

E: Eu tenho a minha carteira de trabalho, título de eleitor e minha identidade.

P: Uhum...

E: Algumas carteiras de trabalho. *Que* eu tive um período bem depressivo assim, daí eu não queria, eu não tinha paciência, não conseguia permanecer nas *empresa* mais, entendeu?

(P): Uhum

(E): Mas eu não entendia que eu estava depressiva. Aí eu fazia outra carteira *pra* não dizer que eu fiquei pouco tempo na outra. Teve uma empresa que eu fiquei três dias, mandei a mulher à PQP e saí *dele*, então isso queimou muito eu. Até *entendê* que eu *tava* com depressão foi complicado.

(P): Entendi, *daí* você fazia uma carteira pra não ter que mostrar a outra?

(E): Eu entendi que eu *tava* com depressão o dia que eu *tive* que chegar *no* médico e dizer:

- “Pelo amor de Deus, tira isso que tem dentro de mim”.

Era um *baguio* assim, era um negócio, um disparo no meu coração assim que durou mais de meses.

(P): Que coisa né, e hoje você está melhor?

(E): Bem melhor não *tô* assim... A minha vida ainda tá bagunçada ainda por isso, entendeu?

(P): Uhum...

(E): Mas estou bem melhor já, graças a Deus.

(P): Que bom!

(P): E você é solteira ou é casada?

(E): Sou solteira

(P): Solteira. Já foi casada alguma vez?

(E): Eu fui casada por sete anos, mas é um casamento bem de fachada mesmo.

(P): Arram, e você tem filhos?

(E): Eu tenho uma filha.

(P): Tem?

(E): Tem, 19 anos.

(P): E onde que ela está?

(E): É uma moça linda, ela trabalha em Joinvile.

(P): Joinvile...

(E): Numa fábrica de geladeira.

(P): Hum...que bacana.

(E): Tá batalhando para fazer faculdade de Educação Física agora que saiu o Coronavírus.

(P): E você conversa sempre com ela?

(E): Às vezes assim por WhatsApp. Tenho o *numerozinho* dela ali. Eu dia 18 de novembro do ano passado eu me afastei da família.

(P): Hum. Há quanto tempo você foi parar na rua?

(E): Que eu *tô sem era não bera*, vamos dizer assim? Faz um ano.

(P): Um ano.

(E): Um ano e pouco. Sempre tive minha casa, minha moto, criei minha filha sozinha, foi uns lances aí da vida que bagunçou tudo.

(P): Uhum e o que aconteceu assim pra você parar na rua?

(E): Ai, a princípio foi a crise da Dilma.

(P): Hum.

(E): Ganhei um pé na bunda da empresa. Continuei trabalhando de diarista, mas quebrou mais da metade do meu orçamento né, pra quem criava uma filha sozinha. E daí eu sofri, daí faleceu meu irmão, quando fez um mês que ele faleceu eu sofri um acidente, perdi um dedo do pé. Fiquei seis meses daí, como eu *tava* de diarista assim as coisas foram ficando cada vez pior. Aí eu fui para Joinville, que eu morava em Guaramirim, querendo ficar perto da minha família né, minhas irmãs e foi pior, entendeu?

Pra mim foi ruim né. Daí eu acabei indo pra boate pra *interar* meu orçamento, eu recaí no pó, na droga. Eu *tava* treze anos sem usar droga. Eu recaí na droga.

Daí eu quis me tratar e vim para cá e foi pior.

(P): Hum...

(E): É o que eu posso te dizer.

(P): E aí você veio pra cá e já ficou na rua?

(E): Eu me internei aqui.

(P): Internou, arram..

(E): Antes ainda de recair eu vim *pra* cá cuidar do meu pai.

Eu internei meu pai *pra* alcoolismo lá na Bait Abba (ri)

Ainda ajudei meu pai...

(P): Arram

(E): E daí ele melhorou, recaiu, até que tá lá de novo. Eu cheguei a ficar lá uns dias com ele. Mas daí eu já sou meia *zika*, *meia* impaciente, nervosa, eu sou muito explosiva. Entendeu?

(P): Hum

(E): Eu saí de lá porque eu não rachei a cabeça do menino. Ele faltou com respeito com o meu pai entendeu?

(P): Ah...

(E): E o meu pai não me contou, mas eu peguei o meu pai cotando *pra* outra pessoa. Eu descí a ripa no moleque. Bati *memo*.

(P): E aí você foi expulsa de lá?

(E): Fui. Ah tomo um monte de remédio pra estresse, depressão e *coisarada*. Não sei mais o que eu faço da minha vida.

(P): Mas e foi daí que você chegou a ficar na rua?

(E): É, de dormir, dormir *memo* na rua aconteceu agora duas vezes antes de eu vir para cá, que antes eu dormia na casa de um amigo, na casa de uma amiga, mas sempre passando muito estresse sabe?

(P): Uhum...

(E): Alguns me *roubava* roupa, calçado, dinheiro.

(P): Você ficava em albergues também?

(E): Nunca fiquei em albergue

É uma experiência nova isso tudo

Mas vai passar...

(P): Vai, vai passar

(E): Vai passar, eu *tô* vendo um servicinho, eu não queria ficar aqui eu queria voltar *pra* Santa Catarina. Mas eu não quero voltar *pra* lá sem dinheiro, entendeu?

(P): Entendi.

(E): Então, ele não vão me dar me dar, me ajudar aí. Que eu fosse com dois, com R\$ 1.000,00 reais eu já *tava* faceira, eu chegava lá e pagava um aluguel.

Lá serviço pra mim, chegar no dia descansa no outro, eu já tenho serviço né.

(P): Hum

(E): Mas daí nessa parte eles não vão me ajudar eu creio, então eu pensei em pegar. Ele não quer deixar trabalhar frio, entendeu? Pra juntar uma grana.

(P): Sim

(E): Daí tem, já vi uma vaga ali na Fornari, que eu costuro, sou costureira. E tem uma lá no centro lá. Vou *guenta* as pontas até o final do ano, não sei se eu vou ser feliz. Eu não quero ficar aqui.

(P): Sim.

(P): E essa questão assim, de você ir para rua, né? Como que é a rua para você?

(E): Ah é ruim né. Perigoso, você tem medo. Eu mesmo, como sendo mulher tem medo de dormir, né? Você dorme, desmaia ali, porque eu quando eu *tô* muito cansada eu apago menina, então é perigoso né, alguém fazer alguma coisa pra mim, levar o resto das minhas coisas, sei lá.

(P): Arram.

(P): E, por exemplo, eu sou uma privilegiada que nunca passei por isso, como você explicaria como é viver na rua para quem nunca viveu?

(E): Cara, vou te falar, é uma experiência diferente, você acaba conhecendo coisa assim que você não imagina. Você olha, por exemplo, eu olhava pro morador de rua as vezes até com olhar assim diferente, de crítica talvez, com um olhar que você olharia, mas *cê* conhecendo o pessoal as vezes você vê umas *história ruim*, histórias *boa*, tem gente que tá lá porque gosta, ou porque quer.

Mas assim, tem os grupos que se *reúne* principalmente ali na rodoviária, se *ocê* chegar, mesmo se eles não *sabe* quem é você, *ele te oferece*. Tem o tio Miagui, é um tiozinho que carrega um papelão de carrinho. Cada vez que ele me vê:

- “Cê tá com fome, você já comeu hoje?”

Então, eles são muito, assim entre eles. Porque um sabe a necessidade que o outro passa. Eu vi eles dividirem uma marmita em quatro pessoas.

(P): Solidariedade entre eles né?

(E): É. *Cê* chega assim *cê* vê que é diferente o convívio.

Tem uns que são *jaguara*. Tens uns que são vagabundo, que se enfia ali no meio, se aproveita da situação, pega dinheiro pra droga, né. Entra no meio...eles chama de mangá.

(P): Hum...

(E): Mangá é *pedi* pra *comê*, *pedi* dinheiro, daí eles *toma* cachaça e coisa, outros usam droga daí tem uns que se *prevelace* disso assim e se enfia no meio, entendeu?

Mas tem uns que, principalmente os mais *bebinho* mesmo, esses é de dá dó.

(E): A dependência do álcool né?

(E): Do álcool, é.

(P): Você falou que tem medo também? Quais medos?

(E): Ah, estupro, tudo né menina...estupro até morrer dormindo. *Cê* morre até por causa de R\$ 5,00 reais, por causa de uma pedra.

(P): E você já passou por algum tipo de violência, com você?

(E): Já, já. Eu arrumei R\$ 400,00 reais pra um cara pagar dívida e daí além *deu* levantar esse dinheiro ele não quis, a gente começou a discutir, não *entramo* em acordo, ele me deu uma cabeçada no rosto. Até tenho o carço aqui até agora, mas meu rosto ficou bem feio. Esse cara quase me matou pra falar bem a verdade.

Aí ele roubou um carro, meteu fuga da polícia. A polícia pegou, no outro dia *tava* solto, tinha uma ficha extensa, disse que pegaram de novo, mas eu vou falar pra você, só de pensar que esse cara tá na rua, eu tenho uns duzentos tipo de medo.

(P): Essa foi o pior tipo de violência que você já sofreu?

(E): Foi, foi porque daí eu passei a ver. Eu não conhecia ele direito e eu fiquei uns dia na casa dele e eu participei de muitas coisas ruins que o cara fez, entendeu?

Eu participei não, eu *tava* junto, entendeu? Eu vi eles, eu vi sangue, cortou a mão de outro. O cara é bem psicopata mesmo, então ele me dá medo.

(P): Ahã

(P): E tem alguma coisa que você gosta da rua?

(E): Que eu goste?

(E): É só experiência para levar *memo*, pra levar entendeu? (ri)

Não tem nada. Não tem nada não.

(P): E desse período que você ficou na rua, você recebeu ajuda, como que foi? Alguém te ajudou?

(E): Ah passa algumas, que nem eu passei o Natal ali na Praça da Rodoviária. *Passô*, *parô* uma caminhonete, os caras trouxeram dois bandejão de carne assada, trouxeram bebida, panetone. Isso daí que às vezes, que nem eu que era a primeira vez que tá naquele tipo de situação, pra eles foi normal né, agora pra mim assim né, poxa né.

Cara eu nunca me preocupei em fazer isso quando eu *tava* bem, então talvez quando eu melhorar essa vai ser uma coisa que eu passe a preocupar, entendeu? Deus abençoe que eu melhore, que tudo isso seja passageiro que eu já tive muito na vida.

Eu já ganhei mais de R\$ 4.000,00 por mês em Santa Catarina (chora).

(P): Se hoje você encontrasse assim, o Gênio da Lâmpada o que você pediria para ele?

(E): O Gênio da Lâmpada? (ri) Aí meu Deus...

(P): O que ele poderia mudar na sua vida?

(E): Ai cara, meu emprego. É o começo de tudo.

(P): Assim a gente acha que a vida da mulher na rua é mais difícil do que a do homem. Você acha que isso é verdade? Você acha que é mais difícil a vida da mulher?

(E): É mais fácil pra ela conseguir as coisas, entendeu?

Mais, porém é perigoso. É mais perigoso. É muito mais perigoso.

(P): Quando você fala que é mais fácil conseguir as coisas, você acha que as pessoas têm um olhar diferenciado?

(E): Ah é mais fácil, tipo assim, vamos supor, se um *home* vai pedir...

- "Aí vagabundo, vai trabalhar, tá forte", essas coisas né.

Aí as *mulher* têm outra situação. Cara, eu tive um marido, ele me bateu, eu não consegui ficar na casa dele, então eu tenho um *Álibi*, entendeu?

(P): Sim, uhum...

(P): Você se acha uma mulher bonita?

(E): Não muito.

(P): Não muito?

(E): Tem gente que fala que é, mas eu não acho.

(P): Mas, você gosta assim... Do que do que você gosta de você?

(E): Eu gosto das minhas pernas. Tá ficando *veinha*, mas eu gosto das minhas pernas.

(P): E o que você não gosta?

(E): Ai do meu rosto, dessa parte (mostra o colo)

(P): Colo?

(E): É. Por causa que eu tomei muito sol.

E o que me incomoda mais agora é meu dedo, que eu não posso mais usar salto.

(P): Gostava de um salto?

(E): Nossa...cara eu chorava depois que eu sofri acidente que eu olhava pra minha sandália, não podia calçar mais.

(P): Hummm. E você é vaidosa?

(E): Ai já fui muito, agora não me preocupo mais tanto, meu cabelo tá até nascendo uns brancos. Tô doida pra pintar, mas tem as dificuldades.

(E): Você tem assim bastante lembrança da infância, da tua casa?

(E): Ai cara, não foi muito boa.

Meu pai era alcoólatra, nossa... Nossa casa era um inferno, filme de terror puro. Eu fui praticamente mãe dos meus irmãos *pequeno*.

(P): E o pai da sua filha?

(E): Ele é morto.

(P): Esse que você foi casada viveu com vocês, digo, vocês três juntos?

(E): Vivemos mas ai, foi um inferno menina. Ele tinha uma menina mais velha, judiava da minha filha, nossa. Foi bem complicado, foi uma pessoa assim que o dia que eu saí, que eu resolvi mesmo sair, eu disse.

Meu, ele descadeirou o cachorrinho da minha filha na frente dela. Você entendeu? Pintierzinho, um cachorrinho pequenininho, bichinho não podia nem se defender, não podia nem correr. Chamei ele de monstro.

Naquele dia eu pedi:

-“Deus, eu peço a Deus, que nunca mais, nunca mais, você *cruza* meu caminho. Eu peço a Deus não permita que nunca mais você nem passe na minha frente que eu não quero saber nem sombras sua”.

E Deus fez certinho, que a madrinha da minha filha, eu ia na casa dela, eu andava sabendo da vida dele. Casou e teve um filho e a mulher sofreu na mão dele também que ele largou ela até na BR com criança e tudo no colo.

(P): Faz quanto tempo que você separou dele?

(E): Ah faz muito tempo.

(P): Ah, faz bastante.

(E): Ixi que nojo...foi em 2013, foi bem quando eu comprei minha moto.

(P): Você sente vergonha de alguma coisa?

(E): Sinto

(P): Do quê?

(E): De mim mesma, da situação em que eu me encontro. Eu saí longe de todas as pessoas que eu conhecia, porque não me *conhecia* assim, andava só no social, andava *aí ixi...*

Eu trabalhei no Olinda, trabalhei no Yara, fiz eventos, muita formatura aí de gravatinha aí. Daí agora *cê tá...*ah, de dia *memo* eu ando de cabeça baixa para ninguém não conhecer.

Tenho parente bem de vida em Toledo. Você conhece o Hotel do Minguinho?

(P): Arram

(E): É irmão do meu pai.

(P): Hum....

(P): Para você assim, você tem a sensação como se você tivesse falhado em alguma coisa por você estar na rua? Tem culpa?

(E): Também. Ah *teve...*na verdade eu quis dar uma de rebelde pelas coisas que aconteceu.

Assim ô. Meu pai abusou das minhas *irmã*. Depois desse acidente, essas coisas, as coisas *tava* melhorando de novo para mim depois dessa crise da Dilma, já tinha passado de novo até a crise do caminhão já. Lembra dos caminhoneiros?

Daí *tava* melhorando, daí veio a depressão. Eu arrumei um serviço e o cara entendeu que eu tinha depressão e ele me botou trabalhar separado e eu separado cada passo conversava com ele, eu mudei a empresa dele, porque eu trabalhei em empresa muito boa lá e ele tinha uma empresa pequena e não sabia trabalhar.

Ele ah fulano. (imita gritando)

- “Meu Deus porquê que tu faz isso cara, primeiro você constrange as costureiras, segundo você chama a atenção de todas as outras e você perde tantos mil minutos de cada uma costureira. Acorda!”

E daí ele chegava cinco mil peças. Ele fechava ombro de todas as cinco mil peças. Meu Deus!

Aí às vezes no corte, dança a malha, aí acaba lá pelas tantas das peças, você tem que tirar um pouco mais do ombro pra dar certo a gola, só que ele só descobria isso depois de tudo pronto, entendeu?

Então ele tinha caixas e caixas de conserto. Aí eu via *aquela* errado, eu saía resmungando, ele me chamava para conversar. Quando ele via eu resmungando, ele me chamava pra conversar. E daí eu falava pra ele, né?

As coisas lá no escritório e aos poucos eles foi fazendo célula, montando célula, botando alguém *pra* cuidar, aí foi aonde eu pedi a conta. E ele disse:

- “Meu eu tô com dó de você, cara. Você sabe que você tá com depressão, você vai se bater *pra* arrumar um serviço. Fica aí, você tá trabalhando bem, eu gosto do seu serviço”.

(E): Pois é, mas o pai mandou mensagem para *mim* vir cuidar dele eu disse pai vem pra cá porque o pai é aposentado. Ficou três dias sem me responder. Eu me conhecendo, do jeito que conheço, sou ruim, mas também sou boa, eu falei:

- “Não, vai acontecer alguma coisa com essa criatura eu vou ficar com a consciência pesada”.

O que eu conquistei em seis anos, guria, trabalhando sozinha igual um cavalo, eu vendi em três *dia*.

(P): A sua filha já não estava com você?

(E): *Tava*, daí ficou com a minha irmã lá.

(P): Ela já estava com 18?

(E): Isso, *tava* com 18.

(P): E você se arrepende de alguma coisa?

(E): Ah, de ter vindo para cá, deu ter vendido minhas coisas. Sinto tanta falta da minha casa menina, minha casa era tão aconchegante, meu sofá era novo, minha TV era nova, minha geladeira era nova, tudo era, tudo novinho. Eu comprei tudo à vista, eu trabalhava de diarista e de costureira, eu ganhava muito bem eu não precisava fazer crediário, entendeu?

Eu sinto falta do aconchego da minha casa, por mais que eu pagava aluguel.

(P): Você sente raiva de alguma coisa?

(E): Ah raiva de mim mesmo, não adianta eu chegar...às vezes eu fico chateada com meu pai assim, mas eu tenho pena. Eu tenho pena.

Eu sou praticamente a única filha que conversa com ele, apesar *deu* tá toda doida.

Porque quando eu internei o pai...

(P): Hum

(E): Família dele aqui tem um monte, ninguém se mexeu. Menina, eu vinha de perto da Sadia lá *pra* levar sabonete e pasta de dente. Eu ia a pé lá na saída de Ouro Verde. Ninguém se mexeu. Passou uns três meses ele deu uma melhoradinha meu tio foi lá e tirou ele de lá. E eu *tava* com móveis emprestado na casa dos outros, pagando aluguel guria, nossa, eu surtei.

Foi o dia que eu comprei cinco grandes de cocaína e cheirei.

Daí eu vendi minhas coisas, daí eu *tava* no Primato de saladeira, trabalhava nesse Primato aqui ô. A minha maionese pediram para os dois Primato no Dia das Mães. Eu faço uma salada da hora.

E eu voltei pra lá e quando eu cheguei lá já tinha arrumado serviço, já tinha comprado alguns móveis, eu já *tava* alugando uma casa, um apartamentinho semi-mobiliado. Meu salário, a mulher ofereceu R\$ 1.987,00 inicial porque eu mexo em todas as máquinas, eu faço qualquer tipo de operação, qualquer roupa eu faço.

E ela, daí era no domingo assim, eu *tava* sentada, eu tenho muita mágoa da minha mãe, eu *tava* sentada mexendo no meu celular, celular da minha irmã *tava* do lado assim e a minha mãe mandou mensagem para o meu irmã:

- “O que essa praga tá fazendo aí? Porque ela não volta lá daquele velho”.

E foi o dia que eu vazei.

Só falei com a minha filha por mensagem, minha irmã também.

Com a minha irmã eu nem falo mais. Foi uma decisão minha.

(P): Arram.

(P): E você se orgulha de alguma coisa?

(E): Não. Foi a pior decisão que eu já tomei na minha vida. Foi bem impensado assim, foi com muita raiva, muita mágoa.

(P): Quando você chegou a ficar na rua, e você falou assim: Ai eu não pensava nessas pessoas. E hoje, quando as pessoas olham para você e as pessoas que estão na rua, o que você acha que os outros pensam?

(E): Ah, alguns têm pena, alguns *desvia*, alguns têm medo.

(P): Você acha que tem preconceito?

(E): Muito. Tem pessoa que se importa com nós, tem pessoal que olha...isso me incomoda.

No dia que eu *tava* lá, passou, no primeiro dia que eu sentei eu *tava* bem vestida em vista do pessoal que *tava* alí né. Aí passou a moça, ela passou olhando, todo mundo cumprimentou. Depois ela voltou, ela conversou com todo mundo, mas ela olhava bastante *pra* mim. Daí ela me deu duas bandejinha de bolacha caseira.

Aquele dia eu chorei. Tem pessoas assim do nada, que se *importa* com ninguém né. Porque *nóis é* ninguém *pra* sociedade. Pra alguns *nóis é* vagabundo, ih, já vi de tudo.

(P): E porque que você acha que pra sociedade vocês não são ninguém?

(E): Porque alguns *considera* assim, não sabe da história né. Não sabem o motivo.

(P): E quem é você? Quem é a Estela?

(E): Quem sou eu? Como assim?

(P): Como você se define?

(E): Ah eu sou uma pessoa, sei lá, não sei te dizer no momento. É uma pergunta que eu não vou saber te responder.

(P): Tranquilo

(E): Eu sou de boa entendeu? Eu tô na defensiva da vida no momento.

Eu quero voltar de novo, eu quero voltar a conviver com a minha filha de novo.

(P): Sente muita falta da tua filha?

(E): Muita, muita mesmo.

(P): Se você pudesse falar alguma coisa assim para todo mundo escutar, o que vocêalaria?

(E): Que Deus existe.

(P): Você acredita em deus?

(E): Arram...Deus existe, é *nóis* que deixamos de permitir a presença dele na nossa vida. Eu era um exemplo.

(P): Você era? Depois que você veio pra rua ficou mais ou menos apegada Deus?

(E): Bem menos. Tem hora que você desacredita, sabe? Tem hora que você acredita muito.

O que que eu *tava* esses dias, meu...eu *tava* com uma vontade de comer alguma coisa cara, e de repente apareceu alguém com aquilo que eu queria comer, né?

Aí aquele dia eu falei:

- "Tá vendo? Deus tá ouvindo suas preces".

(P): E você se considera feliz Estela?

(E): No momento não. Eu sou uma pessoa, tem hora que eu sou alegre assim. Dependendo da situação eu e alegre entendeu, se eu ficar meio sozinha pensando na vida, eu...

(P): E você acha que eu sou feliz?

(E): Não sei, *cê* tá estudado né, eu acho que você é feliz. (ri)

Se bem que eu acho que você tá sofrendo, eu odeio estudar, cara.

(P): Não é fácil não né.

(E): Eu fugi da escola, fia. Odeio matemática.

(P): Tem gente que gosta tanto e tem gente que não gosta, não adianta né.

(E): A gente tem que fazer a vida da gente, cara, tudo depende da gente.

Uma coisa eu aprendi. Tudo na vida é passageiro.

(P): E você tem sonhos?

(E): Meu sonho é de voltar, ter minha casinha de novo, minha motinha de novo, vai saber se a minha filha não vai me dar um neto logo?

Espero que demore...

(P): Sim

(E): Não sou muito fã de criança

(P): É, não gosta muito?

(E): Não, eu gosto assim, é, chorou, cagou, vai pra lá.

(P): Então seu sonho é retomar sua vida?

(E): É verdade, voltar a costurar, nossa. Uma vez eu aluguei uma máquina. Menina, eu *tava* ganhando bem, ganhava R\$ 1.500,00 a cada 15 dias sem me esforçar muito. Aí teve um miserável que cresceu os olhos e quis entrar de sociedade. Primeiro pagamento grande que *nóis tivemo* ele pegou o pagamento e sumiu...deu o fora, fiquei com o aluguel e as máquinas pra pagar.

A mulher só meu deu serviço pra eu pagar as despesas. Foi quando eu deixei o pai aqui e voltei *pra* lá.

Daí sabe quando você tá batalhando para subir e os degraus desmancha no seus pés. Essa vida não é fácil.

(P): É Estela, essa vida não é fácil né, é *pros* fortes né?

(E): É *pros* fortes.

(P): Você tem mais alguma coisa que quer falar?

(E): Não.